

**Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ**  
**Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde**

**RICARDO CABRAL DE FREITAS**

**O FÍSICO E O MORAL NA *DISSERTAÇÃO SOBRE AS PAIXÕES DA ALMA* (1753)  
DE ANTONIO RIBEIRO SANCHES (1699-1783)**

**Rio de Janeiro**  
**2012**

**RICARDO CABRAL DE FREITAS**

**O FÍSICO E O MORAL NA *DISSERTAÇÃO SOBRE AS PAIXÕES DA ALMA* (1753)  
DE ANTONIO RIBEIRO SANCHES (1699-1783)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

Orientador: Prof. Dr. Flavio Coelho Edler

Rio de Janeiro  
2012

F862f Freitas, Ricardo Cabral de.

O físico e o moral na dissertação sobre as paixões da alma (1753) de Antonio Ribeiro Sanches (1699-1783) / Ricardo Cabral de Freitas. – Rio de Janeiro : s.n., 2012.

151 f.

Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2012.

Bibliografia: f. \_ \_

1. Medicina. 2. História da medicina. 3. Medicina na literatura. 4. Médicos. 5. Sanches, Antonio Nunes Ribeiro. 6. Portugal.

CDD 610.9469

**RICARDO CABRAL DE FREITAS**

**O FÍSICO E O MORAL NA *DISSERTAÇÃO SOBRE AS PAIXÕES DA ALMA* (1753)  
DE ANTONIO RIBEIRO SANCHES (1699-1783)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-FIOCRUZ, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

Aprovado em            de            .

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.Dr. Flavio Coelho Edler (COC-FIOCRUZ)-Orientador

---

Profa.Dra. Júnia Ferreira Furtado (FFCH-UFMG)

---

Profa.Dra. Lorelai Brilhante Kury (COC-Fiocruz)

Suplente:

---

Prof.Dr. Robert Wegner (COC-FIOCRUZ)

---

Profa.Dra. Heloisa Meireles Gesteira(CHC-MAST)

Rio de Janeiro  
2012

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer ao meu orientador Flavio Coelho Edler, pela dedicação e incentivo constantes. Desde nossos primeiros contatos, antes mesmo do processo seletivo, tive a sorte de poder contar com sua competência e confiança. Também não posso deixar de agradecer aos meus colegas de mestrado pelo companheirismo durante todo esse tempo. Foi ótimo poder fazer parte de uma turma tão unida e camarada! Tenho uma dívida de gratidão com todos, sobretudo com Daniele Ribeiro e Leandro Felício, meus companheiros de orientação, com quem dividi dúvidas, angústias e alegrias mais de perto.

Desde que iniciei meus estudos na COC fui surpreendido pela solicitude e organização dos funcionários. Acho que não sou o único a afirmar que, infelizmente, isso é coisa rara em instituições de ensino público. Portanto, quero deixar registrado meu agradecimento a todos os funcionários da biblioteca, da xerox e da secretaria acadêmica.

Também quero agradecer à CAPES pelo financiamento da pesquisa, o que possibilitou minha dedicação exclusiva ao projeto, com a tranquilidade de sempre receber a bolsa sem atrasos significativos.

No plano pessoal, sou muito grato a meu pai, Luiz Carlos, e meu irmão, Bernardo. Apesar de tudo, fico feliz de sermos capazes de continuar nos ajudando e tocar a vida pra frente. Também devo agradecer a meu amigo e companheiro de mestrado e de profissão, Arlindo Souza, (que deve estar defendendo sua dissertação enquanto escrevo esse texto!) pelas conversas, incentivos, trocas de ideias e tardes de rock n' roll.

Por fim, não poderia deixar de registrar minha gratidão pelo apoio incondicional de Susana Alvarez. Ninguém ouviu mais de perto as minhas angústias e indecisões e ninguém as compreendeu melhor do que ela. Seu carinho e senso de humor tornaram tudo mais fácil.

## DEDICATÓRIA

Ao longo desses dois anos de mestrado, eu e meus colegas tivemos contato com diversos textos e leituras que foram exaustivamente discutidos em sala de aula. Porém, apesar do cotidiano acadêmico, nossas vidas também são pontuadas por outros acontecimentos, e acabei me identificando com o último parágrafo do prefácio do livro de Marshall Berman, *Tudo que é sólido desmancha no ar*, quando o autor faz uma comovente homenagem a seu filho, que falecera aos cinco anos de idade:

“no mundo moderno, aqueles que são mais felizes na tranquilidade doméstica, (...), talvez sejam os mais vulneráveis aos demônios que assediam esse mundo; a rotina diária dos parques e bicicletas, das compras, do comer e limpar-se, dos abraços e beijos costumeiros, talvez não seja apenas infinitamente bela e festiva, mas também infinitamente frágil e precária; manter essa vida exige talvez esforços desesperados e heróicos, e às vezes perdemos.”<sup>1</sup>

Em 10 abril de 2010, eu e minha família perdemos minha mãe após uma sofrida batalha contra uma hepatite, descoberta apenas seis meses antes. Quem a conheceu sabe que, assim como o filho de Berman, ela era mais feliz na “tranquilidade doméstica” e “nos abraços e beijos costumeiros.” Ao nos deixar, ela levou consigo partes de nossas vidas que, como fica mais claro a cada dia, nunca serão recuperadas, e me fez sentir na pele as palavras do autor, quando me dei conta de que a vida não pode ser feita de outra coisa que de continuidade, apesar da saudade e da dor.

Esse trabalho é parte de meu sincero esforço de continuidade, e eu o dedico a Janete Cabral de Freitas.

Rio de Janeiro,  
Fevereiro de 2012.

---

<sup>1</sup> BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das letras, 1986., p.14.

## RESUMO

Esse trabalho procura analisar a obra *Dissertação Sobre as Paixões da Alma* (1753), escrita pelo médico português Antonio Nunes Ribeiro Sanches no contexto das reformas ilustradas em Portugal no século XVIII. Ao apresentar as dinâmicas existentes entre a alma e o corpo humano através de uma análise dos efeitos causados pelas paixões nesses dois domínios, o autor atribui legitimidade ao discurso médico para reivindicar o tratamento da alma como um objeto próprio à sua jurisdição. Nesse sentido, a produção de discurso a respeito do comportamento humano, é apresentada como alternativa aos discursos tradicionais, representados, sobretudo, pela Teologia e o Direito. Nosso objetivo é mostrar como o autor formula sua argumentação através da apropriação de um vocabulário médico de referencial empirista, que estava em pleno processo de gestação nos debates que ocorriam entre círculos médicos vitalistas, animistas, mecanicistas e sensualistas no período, e que acabariam por forjar um discurso higiênico renovado e em íntima consonância com a ilustração.

Antonio Nunes Ribeiro Sanches; paixões da alma; Iluminismo em Portugal; medicina portuguesa.

## ABSTRACT

This work analyses the text *Dissertação sobre as paixões da alma* (1753), written by the Portuguese doctor Antonio Nunes Ribeiro Sanches in the context of the Portuguese enlightenment, in the XVIII<sup>th</sup> century. As the author shows the existing dynamics between the human soul and the body, through the effects of the passions on these domains, he attributes legitimacy to the medical discourse to claim for the treatment of the human soul as part of its jurisdiction. Thus, the production of discourse in regard to the human behavior is presented as an alternative to the traditional discourses, especially the Theology and the Law. Our purpose is to show how the author formulates his arguments by appropriating an empiricist medical vocabulary, which was being forged at that time, through the intense debates between vitalists, animists, mechanists and sensualists medical circles. By the second half of the century, these debates would forge a renewed hygienical discourse in close connection to the enlightenment.

Antonio Nunes Ribeiro Sanches; Passions of the soul; Portuguese Enlightenment; Portuguese Medicine.

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>10</b>
<b>1. Ilustração e Medicina no Portugal Pombalino.....</b>	<b>20</b>
1.1 A intelectualidade ilustrada e renovação de ideias.....	21
1.2 A medicina lusitana setecentista.....	41
<b>2. Medicina Política: as redes de Ribeiro Sanches e suas propostas de reforma para Portugal.....</b>	<b>56</b>
2.1 Trajetória e relações com a intelectualidade ilustrada.....	56
2.2 Educação, Estado e Igreja.....	73
2.3 Uma medicina do físico e do moral.....	82
<b>3. Ribeiro Sanches e a retórica médica setecentista sobre o físico e o moral.....</b>	<b>95</b>
3.1 As novas concepções médicas sobre o corpo e a alma.....	98
3.2 A psicofisiologia das paixões na medicina portuguesa: Ribeiro Sanches e Francisco Melo Franco.....	113
3.3 “O ânimo tem sumo poder de alterar o corpo”: a <i>Dissertação sobre as paixões da alma</i> e a proposta de uma nova jurisdição médica.....	118
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>138</b>
<b>Bibliografia e Fontes.....</b>	<b>142</b>

## INTRODUÇÃO

Antonio Nunes Ribeiro Sanches é um personagem importante para a compreensão do reformismo ilustrado português no século XVIII. Nascido na cidade de Penamacor em 1699, fez seus primeiros estudos de medicina na Universidade de Salamanca. Anos mais tarde, deixaria o reino sob uma suposta acusação de judaísmo e nunca mais retornaria a sua terra natal. Após curta passagem por Itália, Inglaterra e França, estabeleceu-se em Leyden, na Holanda, como aluno do famoso médico Herman Boerhaave (1668-1738), que posteriormente lhe indicou para ocupar cargo de médico na corte russa, posto ao qual se dedicou por 17 anos, até seu retorno à Paris, em 1757, onde permaneceria até o final de sua vida, em outubro de 1783. Grosso modo, sua trajetória foi marcada pela variedade das suas redes de contato, o que lhe garantiu lugar em importantes círculos intelectuais de sua época, e pela sua adesão às idéias ilustradas.<sup>2</sup>

Todo esse arcabouço seria convertido numa variedade de propostas para transformação da realidade político-cultural portuguesa a partir do período pombalino. Como veremos, mesmo a distância, Sanches manteve o reino português entre seus principais objetos de estudo e se alinhou a setores da sociedade lusa comprometidos em reformá-la a partir do fortalecimento do poder régio diante da Igreja e do incentivo a divulgação mais efetiva da filosofia natural reformada.

Dentre os temas privilegiados pelo autor em suas obras, a reivindicação da ampliação dos limites jurisdicionais da medicina no Portugal reformado aparece de forma clara na maior parte de seus textos. Nesse sentido, este trabalho orbita em torno da obra *Dissertação Sobre as Paixões da Alma*, escrita pelo autor na capital francesa, em 1753, mas que permaneceu como manuscrito até sua publicação póstuma em 1787, em língua francesa, na *Encyclopédie Méthodique*, sob o título *Affections de l'ame*. No texto, Sanches procura fazer uma minuciosa apresentação da dinâmica existente entre a alma e o corpo humano através de uma análise dos efeitos causados pelas paixões nesses dois domínios. A

---

<sup>2</sup> CUNHA, Fanny Andrée Font Xavier da. Antonio Nunes Ribeiro Sanches. Médico higienista (1699-1783). In.: **Cadernos de Cultura: Medicina na Beira Interior - da pré-história ao séc. XIX**. v.1, n.1, pp. 19-27, 1989.

tese principal do médico de Penamacor está assentada na reivindicação do tratamento das paixões da alma como objeto legítimo da medicina, já que, na sua concepção, o conhecimento médico seria o único apto a desvendar os meandros das interações entre o domínio físico e moral humano. Em linhas gerais, quando a alma ou o corpo estivessem alterados pelas paixões, o estado de saúde do indivíduo seria afetado, manifestando sinais patológicos variados: “Aqui vemos que o ânimo tem sumo poder no corpo para alterá-lo e até fazê-lo enfermo e às vezes até perder a vida<sup>3</sup>”. Do mesmo modo, na via contrária, o autor também considerava a possibilidade de alterações orgânicas do corpo determinarem as manifestações das paixões da alma, e por consequência, alterações no ânimo.

Numa perspectiva mais ampla, a legitimidade atribuída pelo autor ao discurso médico para reivindicar o tratamento da alma como um objeto próprio à sua jurisdição supunha a primazia médica sobre a produção de discurso a respeito do comportamento humano, apresentada como alternativa à moral cristã e ao discurso jurídico. Nosso objetivo é compreender como, no contexto do reformismo ilustrado luso, o autor opera a tradução dessa concepção na reivindicação de um novo papel para a medicina na sociedade portuguesa reformada, através de uma interpelação direta de discursos mais tradicionais, sobretudo o Direito e a Teologia, detentores, até então, da legitimidade da produção de discurso sobre padrões de comportamento e de costumes.

Para responder às questões propostas pela pesquisa, procuramos identificar as especificidades da relação entre os domínios do corpo e da alma nos moldes como foram colocados por Ribeiro Sanches na *Dissertação*, através de sua apropriação de um vocabulário médico que estava em pleno processo de gestação nos debates que ocorriam em vários círculos médicos europeus setecentistas, que acabaria forjando um discurso higiênico renovado e em íntima consonância com a ilustração. Veremos como as concepções sobre a natureza humana, o corpo, a saúde e a doença defendidas pelo autor são em grande parte informadas pelos debates médicos setecentistas surgidos na esteira da revisão da filosofia mecânica e dos sistemas médicos seiscentistas.

Através de ampla literatura sobre a medicina do século XVIII, sobretudo a partir autores como Renato Mazzolini, Roy Porter, Georges Rousseau, Roselyne Rey, Sergio

---

<sup>3</sup> SANCHES, Antonio Nunes Ribeiro. *Dissertação sobre as paixões da Alma*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2003., p. 1.

Moravia e Elizabeth Williams, veremos que a partir das críticas dirigidas à passividade da matéria, implícita aos modelos fisiológicos mecanicistas, surgem longos e variados esforços de revisão das concepções sobre o funcionamento das funções vitais humanas que propõem alternativas diversas à cisão corpo/alma nos moldes em que ela foi colocada pela filosofia de matriz cartesiana.

Ao obscurecer os limites entre os domínios do corpo e da alma, esses novos discursos acabariam propondo alternativas à tradicional divisão do trabalho entre médicos e teólogos, que entendia serem as funções corpóreas uma atribuição da medicina e as espirituais específicas dos religiosos. Desse modo, houve uma crescente laicização dos discursos sobre a natureza humana por meio dos debates entre vertentes de pensamento sensualistas, vitalistas e animistas, dando origem a novas concepções sobre as relações do indivíduo com seu próprio corpo e com o meio em que ele se insere. Na perspectiva animista, por exemplo, a alma, cujas atribuições eram antes restritas à consciência e à razão, foi colocada no centro das modelos explicativos da fisiologia humana e entendida como a entidade gerenciadora das funções corporais, e portanto, imprescindível para a sua compreensão. Os vitalistas, por outro lado, indicam a atualização de concepções holísticas sobre a natureza humana, de modo que o funcionamento do corpo passou a ser entendido como resultado de relações simbióticas entre os tecidos dos órgãos e os condicionamentos impostos pelo clima, alimentação, temperamento, idade, sexo, etc.<sup>4</sup>

Nessas propostas, a condição do corpo torna-se determinante para o estado da alma, e como consequência, do ânimo. Assim, as paixões e as sensibilidades humanas entraram na ordem do dia e ajudaram a moldar uma nova retórica médica, calcada numa reivindicação de ampliação de sua jurisdição em direção a um modelo de intervenção direta na vida social, através do estabelecimento de novos padrões para avaliar condutas, costumes e comportamentos. Desse modo, a medicina apresenta-se cada vez mais como

---

<sup>4</sup> MAZZOLINI, Renato. Les lumières de la raison : des systèmes médicaux à l'organologie naturaliste. In. : GRMEK, Mirko ; FANTINI, Bernardino. **Histoire de la pensée médicale en occident. V. 2. De la Renaissance aux Lumières**. Paris: Éditions du Seulo, 1996., p.102- 103 ; REY, Roseline Psyche, soma and the vitalist philosophy of medicine. In.: John P. Wright & Paul Porter (Ed.) **Psyche and Soma: physicians and metephyicians on the mind-body problem from Antiquity to Enlightenment**. Oxford: Clarendom Press, 2000. p.255.

alternativa aos discursos teológico e jurídico nas questões relativas à condição física e moral do homem.<sup>5</sup>

Sanches mostra-se informado desses debates, e não é mera coincidência o fato de que os lugares escolhidos por ele para dar prosseguimento à sua formação eram centros privilegiados de produção de conhecimento médico do período. Londres, Leyden e Paris, só para citar os principais, foram palco de alguns dos debates mais intensos entre as diversas propostas e concepções médicas que marcaram a medicina setecentista européia.

Desse modo, através de uma abordagem contextualista, procuramos ampliar o foco da análise para além da obra analisada e pensá-la em relação à trajetória de seu autor e de sua produção intelectual, assim como do contexto político-cultural no qual estava inserida e o com o qual dialogava. Para isso, será realizada uma apreciação do campo cultural de Portugal no período da reforma pombalina, processo intensamente observado por Sanches, e no qual tentou intervir em grande parte de suas obras, entre elas: *Cartas para a Educação da Mocidade* (1759), *Tratado da conservação da saúde dos Povos* (1756), *Método para aprender e estudar a Medicina* (1761), e a já citada *Dissertação sobre as paixões da alma* (1753). É nesse contexto que se desenrola sua rica biografia, marcada por um intenso cosmopolitanismo e por fecundas redes de relações nas quais desempenhava papéis diversos, intermediando trocas de favores, debates filosóficos e alianças políticas. Boa parte de suas correspondências foram endereçadas a alguns dos principais intelectuais europeus do século XVIII, como Diderot, D'Alembert e Buffon, com os quais travou contato sobre temas relativos a questões de interesse científico, político e até pessoal. Através da observação dessas redes, e das condições de sua formação intelectual, mostraremos como Sanches acessava os debates médicos de seu tempo, participando de trocas de livros, plantas, técnicas e relatos de observações que entremeavam suas obras e solidificavam seus posicionamentos médicos e políticos.

Nossa perspectiva de análise da trajetória do personagem deve muito às propostas mais recentes vindas do campo da história intelectual, que procuram superar a clássica dualidade interno/externo e propor um esforço de interpretação calcado numa tentativa de articulação desses dois âmbitos, como descreve François Dosse:

---

<sup>5</sup> ROSELYNE, Rey. Hygiène Hygiène et souci de soi dans la pensée médicale des Lumières. In.: *Communications.*, n.56., p.25-39, 1993.,p.25

“O que pode emergir de uma abordagem ao mesmo tempo internalista e externalista não são mecanismos de causalidade mas, mais modestamente, a explicação de correlações, de simples vínculos possíveis, como hipóteses, entre o conteúdo exprimido, o dizer de uma lado, e a existência de redes, o pertencimento de geração, a adesão a uma escola, o período e suas problemáticas do outro.”<sup>6</sup>

Longe de querermos estabelecer as filiações de Ribeiro Sanches a sistemas filosóficos, ou classificarmos sua obra a partir de categorias concebidas *a priori*, procuraremos apontar como o autor se apropria de debates e vocabulários que estavam sendo forjados em diversos círculos intelectuais de sua época para construir sua argumentação, que por sua vez, também tem íntima correlação com o contexto do pensamento ilustrado e as novas formas de pensar a condição humana e a própria vida em sociedade no século XVIII. Nesse sentido, adotamos uma postura de indeterminação epistemológica, que o mesmo François Dosse descreve como um

“entrelaçamento de relações próprias ao campo intelectual, que inserem os indivíduos em relações de superposição inextrincáveis entre a defesa de seus valores, a de seus interesses, mas também (...) em uma dimensão subjetiva de afetividade muito intensa, flutuante de acordo com as amizades e inimizades formadas.”<sup>7</sup>

Assim, nossa narrativa será esboçada através do entrelaçamento das diversas camadas superpostas que constituíam as várias da facetas da vida de Antonio Ribeiro Sanches. É através delas que procuraremos compreender os argumentos mobilizados pelo autor em *Dissertação sobre as paixões da alma* e localizá-lo no debate setecentista sobre os estudos da alma humana e das suas relações com o físico e o moral do indivíduo.

No entanto, não está entre nossos objetivos fazer uma incursão profunda na biografia do personagem ou de esgotar as nuances de seu contexto de produção e das

---

<sup>6</sup> DOSSE, François. **História e ciências sociais**. São Paulo: Edusc, 2004., p. 299.

<sup>7</sup> Idem.

condições de recepção das suas obras. Além disso, não realizaremos uma revisão detida e abrangente dos debates intelectuais científicos dos quais o autor se apropriou ao longo de sua vida intelectual para construir os argumentos que compõem o conjunto de suas obras. Nos limitaremos à apresentação dessas questões na medida em que elas se mostrarem pertinentes para a compreensão das concepções defendidas por Sanches na *Dissertação* e para localizá-la no seu contexto de produção.

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, pudemos perceber que a produção de Ribeiro Sanches cobriu temas muito diversos. De fato, a *Dissertação* foi o único trabalho em que o autor dedicou especial atenção ao tema das paixões da alma. Em um primeiro momento, isso foi visto com certa surpresa, já que a obra não parecia possuir organicidade clara com o restante da produção médica do personagem. No entanto, ao fazer uma análise mais detida da parte de sua produção intelectual à qual tive acesso, foi possível identificar que a reivindicação de um novo papel para a medicina no processo de reordenação do mundo intelectual português funcionava como uma linha de fundo de boa parte delas. Na verdade, enquanto representante do conhecimento médico, Sanches afirma retoricamente que sua intenção não é formular um escopo jurisdicional novo e inédito para a Medicina, mas sim, devolver a ela a legitimidade para tratar de temas que haviam sido usurpados de sua jurisdição original pela ascensão do controle eclesiástico no controle do processo educacional. Assim, em algumas de suas obras pedagógicas e higiênicas, o autor enfatiza os supostos malefícios causados pelo domínio inaciano no processo educacional português, que teriam desdobramentos nefastos não apenas na educação, mas sobretudo, para o sustento da estrutura social. Nesse aspecto, em consonância com vários outros intelectuais portugueses vinculados ao reformismo ilustrado, o autor mostra-se engajado com os ideais utilitaristas próprios à retórica iluminista setecentista, no sentido de que todas as práticas sociais deveriam ter como fim a conservação da vida e do Estado, tarefa que a educação eclesiástica, voltada para a perpetuação da estrutura administrativa e política da Igreja, não poderia cumprir.

Articulado com o processo de laicização dos discursos sobre a natureza humana pela via do conhecimento médico, ao qual fizemos referência acima, o modelo de intervenção social proposto por Sanches pretendia modificar esse estado de coisas ao extirpar a presença clerical nos assuntos educacionais, devolvendo-a ao que considerava

sua jurisdição original, diga-se, o tratamento dos assuntos relativos à moral cristã e a salvação das almas. Por outro lado, através de uma postura abertamente regalista, o autor afirma o dever do Estado em promover um modelo de educação que pudesse preparar os súditos para corresponder às suas necessidades. Essa preparação, por sua vez, não deveria ser apenas intelectual, mas também moral e física. A administração adequada dos regimes de vida, através de fatores como alimentação, atividades físicas, tempo de lazer e trabalho, e adequada conduta moral, seria uma prerrogativa indispensável para preparar cidadãos saudáveis e aptos para promover a conservação do Estado da forma mais eficiente possível. Assim, o discurso médico é apresentado como o mais apto para garantir a manutenção do estado de saúde da população, deixando os indivíduos imunes aos malefícios causados pelas doenças e pelas paixões.

É no interior desse arcabouço discursivo, apresentado aqui em linhas gerais, que Ribeiro Sanches formula suas reivindicações para o campo médico português. Na maior parte de seus escritos sobre pedagogia e higiene, a busca pelo equilíbrio entre esses dois domínios é almejada como condição básica para garantir a saúde e potencializar as qualidades dos indivíduos enquanto cidadãos e trabalhadores, o que garantiria a conservação do Estado e da vida civil. Assim, o domínio dessas duas dimensões da natureza humana legitimaria o conhecimento médico a intervir na sociedade e fornecer os meios que possibilitariam aos indivíduos alcançar um estilo de vida ordenado e considerado o mais adequado, diante dos discursos mais tradicionais representados pelo Direito, e sobretudo pela Igreja, para conservar o equilíbrio entre sua natureza e o meio em que estavam inseridos. Em outras palavras, o ideal do estilo de vida equilibrado, tão caro à medicina setecentista e tido como imprescindível para a cura e a manutenção da saúde física e moral, deveria ser alcançada pela obra da medicina.

Veremos que boa parte das obras de Ribeiro Sanches dedicadas a Portugal foi escrita a pedido da Coroa. Após a publicação de *Tratado sobre a conservação da saúde dos povos*, em 1756, o autor obteve, por meio de suas relações com a diplomacia portuguesa, uma pensão anual da Coroa em troca da produção de obras voltadas para o reino. Esse foi o caso, por exemplo, de *As Cartas para a educação da mocidade*, de 1759, dedicada ao Monsenhor Pedro da Costa de Almeida Salema, membro do corpo diplomático de Portugal em Paris. Tudo indica que a *Dissertação sobre as paixões da alma*, escrita em 1753, mas só

publicada pouco mais de 30 anos depois, não foi fruto desses acordos. Além do fato de a obra ter sido escrita anos antes do início do financiamento governamental e de seu conteúdo condizer com suas propostas mais gerais para o reino, como vimos acima, sua interpelação direta e radical do domínio eclesiástico sobre a alma humana parece ir além dos limites do reformismo pombalino, empenhado em combater qualquer manifestação que fosse considerada de viés ateu.

Sanches demonstra preocupação com a recepção da obra e teme consequências mais graves caso ela caísse em mãos que não fossem as de seu interlocutor. Ao contrário das obras acima, não conseguimos identificar quem era essa pessoa a quem Sanches se dirige no manuscrito. Além disso, também não temos maiores informações sobre sua recepção em Portugal, mas sua publicação tardia na França e em francês, pode ser tomada como um indicativo de que, de fato, seu conteúdo era passível de retaliamento pela censura pombalina.

No entanto, essas limitações não comprometeram nossos objetivos, uma vez que nossa análise está centrada nos elementos apropriados de diversos níveis contextuais que Sanches mobiliza na obra para defender sua tese sobre o papel da medicina nos assuntos relativos à alma. Assim, se sua recepção não está ao alcance de nossa pesquisa documental, ela também não configura um elemento fundamental para nossos objetivos.

Segundo Faustino Cordeiro, autor de uma edição comentada da *Dissertação*, existem três versões do texto: o manuscrito *De Animi Perturbationibus*, sob a guarda da Biblioteca da Faculdade de Medicina de Paris, aparenta ser uma versão preliminar da obra, escrita diretamente por Sanches. A segunda versão, também depositada na mesma biblioteca, leva o título pelo qual a conhecemos e, de acordo com Cordeiro, parece ter sido revisada pelo próprio autor, o que pode ser constatado através de duas emendas ao texto efetuadas com sua letra. A terceira versão é a mais conhecida e foi publicada em francês por Charles Andry na *Encyclopédie Méthodique* em 1787, com o título *Affections de l'âme*.<sup>8</sup>

A versão publicada por Faustino Cordeiro foi baseada nas três versões e procura apresentar as diferenças mais significativas entre as três, que serão apontadas nesse trabalho mais adiante. Já a versão utilizada por mim é uma publicação eletrônica da Universidade de

---

<sup>8</sup> SANCHES, Antonio Ribeiro. **Dissertação sobre as paixões da alma. Introdução e notas de Faustino Cordeiro**. Penamacor: Câmara Municipal de Penamacor, 1999.. p. 06.

Beira Interior do manuscrito *Dissertação sobre as paixões da alma* depositado na Biblioteca da Faculdade de Medicina de Paris. Ao longo da pesquisa foi realizada uma cuidadosa comparação entre a versão publicada por Cordeiro, a versão utilizada por mim e o artigo *Affections de l'âme* na qual pude verificar que não há diferenças significativas entre os três textos. Infelizmente, não pudemos ter acesso direto ao *De Animi Perturbationibus*, o que compensaremos com os comentários de Faustino Cordeiro.

Dentre as dificuldades encontradas na pesquisa, também não tivemos acesso a algumas obras clássicas sobre Ribeiro Sanches, em especial *Ribeiro Sanches a sua vida e obra* de Maximiano Lemos, publicada em 1911 e, *António Nunes Ribeiro Sanches – élève de Boerhaave et son importance pour la Russie* de David Willemse, de 1966. No entanto, tivemos o suporte de ampla bibliografia sobre a vida e a obra do autor, que inclui os textos publicados poucos anos após sua morte por Charles Andry e Vicq D'Azyr. Andry, que era amigo pessoal de Sanches, foi responsável pela publicação de suas obras na França após sua morte, dentre elas a *Dissertação sobre as paixões da alma*, e escreveu o longo texto biográfico que acompanha o catálogo de livros de Sanches<sup>9</sup>. Vicq D'Azyr, por sua vez, foi importante médico francês setecentista e publicou um elogio póstumo a Sanches em 1805.<sup>10</sup> Dentre as obras utilizadas também devemos destacar o inteligente artigo de Georges Dulac intitulado *Science et politique : les réseaux du Dr. António Ribeiro Sanches (1699-1783)*<sup>11</sup>, no qual o autor faz uma análise precisa das relações pessoais e institucionais que nosso personagem desenvolveu ao longo de sua trajetória, destacando os papéis desempenhados pelo médico português nessas redes e como ele as articulava em favor de seus interesses e os de seus aliados.

Nossa dissertação será dividida em três capítulos: no primeiro será feita uma incursão pelo contexto cultural português durante o período pombalino a partir de alguns apontamentos historiográficos sobre a questão do iluminismo português; a reforma da Universidade de Coimbra; o tema do decadentismo através da dicotomia progresso/atraso na cultura portuguesa moderna; o papel dos intelectuais nas reformas e a recente revisão da

---

<sup>9</sup> **Catalogue des livres de feu de M. Ant. Nuñez Ribeiro Sanchès.** Paris : Chez de Bure, 1783.

<sup>10</sup> VICQ D'AZYR, Félix. **Éloges historiques.** v.3. Paris: Duprat-Duverger, 1805., p.218-259.

<sup>11</sup> DULAC, Georges. *Science et politique: les réseaux du Dr. António Ribeiro Sanches (1699-1783).* **Cahiers de monde russe.**, v.43., n.2-3., p.251-274., 2002.

categoria de “estrangeirados” pela historiografia portuguesa. Essas questões são pertinentes para construirmos um olhar mais lúcido sobre a figura de Ribeiro Sanches e sua condição tanto como intelectual, quanto como súdito português. Além disso, elas nos permitirão compreender de forma mais precisa o Portugal no qual nosso personagem procurava intervir através de suas obras. Nesse sentido, realizaremos, em seguida, uma incursão sobre a medicina portuguesa no interior dessas mesmas transformações, através do pensamento médico luso e das renovações trazidas pela reforma da Universidade de Coimbra na esfera do ensino e da prática médica portuguesa.

O segundo capítulo será mais diretamente assentado na figura de Sanches, onde faremos um breve esboço de sua biografia, tendo em vista as questões tratadas no capítulo anterior. Nosso objetivo é fazer uma contextualização não só de sua trajetória mas também de algumas de suas obras, e assim ter uma compreensão mais precisa do posicionamento de nosso personagem sobre a cultura portuguesa do período pombalino. Nesse processo, também procuramos captar algumas das concepções de Sanches sobre a natureza humana e sua relação com alguns dos modelos de intervenção que ele propôs para Portugal, que serão desenvolvidas no terceiro capítulo. Como vimos acima, não se trata de uma imersão profunda na biografia e nem na produção intelectual de Sanches, mas apenas de um esforço para localizá-lo diante das questões pertinentes para o contexto português que ele elegeu como objeto de estudo, e que de alguma forma estão presentes na sua argumentação na *Dissertação sobre as paixões da alma*.

A *Dissertação* será o centro em torno do qual será estruturado o terceiro e último capítulo de nosso trabalho. À luz do percurso dos capítulos anteriores, analisaremos a proposta de interpelação do Direito e da Teologia pelo discurso médico proposta pelo autor, através da reivindicação da legitimidade da medicina para tratar da alma e do comportamento humano. Nesse sentido, veremos como Sanches constrói sua argumentação em consonância com uma tradição de debates sobre o corpo e alma que tomava novos rumos na medicina do século XVIII, contestando a hegemonia das explicações mecanicistas e dando início ao resgate de uma visão holística da natureza humana, assentada na interdependência entre corpo e alma e nos efeitos dessa relação sobre o moral do indivíduo.

## CAPÍTULO I

### ILUSTRAÇÃO E MEDICINA NO PORTUGAL POMBALINO.

O Portugal do século XVIII, no qual Ribeiro Sanches desejava intervir através de suas obras, há tempos havia deixado de ser o império das glórias da expansão marítima dos séculos XV e XVI. Após a restauração em 1640, o reino ainda mantinha possessões no além-mar, mas havia perdido de longe a dianteira do cenário político-econômico europeu frente à ascensão de nações como Inglaterra, França e Holanda que, inclusive, colocavam em cheque sua capacidade de manter a soberania sobre seus domínios.<sup>12</sup> As possessões da Índia, já não se apresentavam como a principal fonte de riquezas como no passado, e no final do século XVII o foco de interesse econômico deslocou-se para a América Portuguesa. Porém, no século XVIII, o ciclo do ouro brasileiro já mostrava a conta dos descontroles comerciais e o modelo administrativo português revelava-se cada vez mais engessado pelo peso de sua tradição e cultura política.<sup>13</sup> Nesse sentido, os ideais iluministas eram usados por grupos que apontavam desgastes no modelo tradicional de organização do poder em Portugal e pressionavam a Coroa para a realização de reformas que pudessem dinamizar o sistema econômico e salvar o império da crise que se avistava no horizonte. Assim o setecentos português, se por um lado caracterizou-se como o auge do Estado absolutista, por outro, foi marcado pela urgência de reformas amplas que afetassem toda a estrutura imperial<sup>14</sup>.

A figura da administração portuguesa que acabaria por se tornar símbolo dessas transformações foi o ministro Sebastião de Carvalho e Mello, o Marquês de Pombal.

---

<sup>12</sup> Sobre esse aspecto, Ricardo de Oliveira transcreve a seguinte passagem da *Consulta do Conselho Ultramarino a S.M.* escrito pelo conselheiro Antônio Rodrigues da Costa em 1732: “os tratados de pazes, que temos com as nações marítimas da Europa, nos não podem dar segurança alguma de que não empreenderão sobre nós, para se senhorearem de tesouros tão ricos”. Sobre o Brasil, afirmava que seria “duvidosa e arriscada a conservação daquele Estado”. OLIVEIRA, Ricardo de. A monarquia portuguesa e as metamorfoses do império na primeira metade do século XVIII. Memória, História e Historiografia. **Fronteiras**. Mato Grosso do Sul, v.11, n.20, pp. 95-122, 2009., p.112.

<sup>13</sup> MAXWELL, Kenneth. **Marquês de Pombal: paradoxo do iluminismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. p.218.

<sup>14</sup> *Ibidem*, p.38.

Nomeado por D. José I, que ascendeu ao trono após a morte de D. João V em 1750, Pombal foi imbuído da tarefa de fortalecer o Estado português diante da nobreza e da Igreja e reformá-lo de acordo com o ideário iluminista<sup>15</sup>. Nas décadas que se seguiram, as políticas de Estado foram regidas por um caráter pragmático que enxergava na filosofia natural reformada e nas ideias iluministas o caminho para superação dos “entraves”, impostos pelo pensamento escolástico, que supostamente impediam Portugal de alcançar seu lugar entre as nações mais destacadas do cenário político-cultural europeu.

Esse processo determinou alguns dos mais importantes debates que marcaram a intelectualidade portuguesa do século XVIII, através da articulação de discursos que visavam interpelar estruturas sócio-culturais há muito enraizadas na mentalidade lusa, num contexto de efervescência de ideias que configurou tensões diversas entre setores da elite letrada.

### **1.1 A intelectualidade ilustrada e renovação de ideias.**

A questão do iluminismo em Portugal é tema polêmico na historiografia. Visto tradicionalmente sob a chancela do isolacionismo ibérico, Portugal não teria participado da renovação filosófica ocorrida no além-pirineus graças ao seu apego ao pensamento escolástico, avesso às ideias modernas. Nessa perspectiva, sustentada por vertentes historiográficas mais tradicionais, a decadência do império seria explicada pela estrutura de ensino dominada pela Companhia de Jesus e pela atuação do aparato inquisitorial, que teria tornado o reino refratário às inovações intelectuais apreendidas sob a denominação de revolução científica. Assim, muitos desses autores, dos quais falaremos mais adiante, sugerem que Galileu, Descartes, Newton, Bacon, enfim, todos os nomes que de alguma forma simbolizam a profunda reordenação epistemológica das bases em que se assentava a relação dos homens com o mundo natural na Europa, desde o século XVII, teriam permanecidos desconhecidos em Portugal, onde o ensino seria restringido à leitura das autoridades reconhecidas pela Igreja, em especial Aristóteles e São Tomás de Aquino.

---

<sup>15</sup> VILLALTA, Luiz Carlos. **Reformismo ilustrado, censura e práticas de leitura: usos do livro na América Portuguesa**. Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999, p.115

Leituras consideradas contrárias aos dogmas e à fé católica seriam veementemente banidas, afastando, portanto, as possibilidades de entrada de um suposto espírito “crítico” e “renovador” das luzes o que, como sugerem, teria condenando o reino a permanecer estagnado no pensamento medieval.

Essa concepção tem sido repensada pela historiografia há algum tempo. No presente trabalho a analisaremos sob a perspectiva trazida nas últimas décadas por autores como Flávio Rey de Carvalho, Pedro Calafate, Eduardo Lourenço e Francisco Contento Domingues, que procuram rever as afirmações da historiografia tradicional, representada, em boa parte, pelos intelectuais da “geração de 1870”, que teve no poeta e filósofo Antero de Quental (1842-1891) um de seus maiores expoentes. Segundo os autores nos quais nos apoiamos, o atraso português em relação às nações européias modernas não estava em questão para a maior parte dos portugueses do setecentos, com exceção dos círculos de intelectuais vinculados ao movimento ilustrado, que mantinham uma postura retórica fortemente marcada pela crítica aos modelos de pensamento escolásticos. A retórica desses intelectuais teria sido apropriada pela geração de Quental e naturalizada, de forma acrítica, por tradições historiográficas posteriores. Na definição de Carvalho, a tese do atraso português:

“só faz sentido para os intelectuais dos séculos XIX e XX, pois, com exceção de alguns eruditos da primeira metade do Setecentos, que tiveram contato com o estrangeiro, e do ambiente pombalino de crítica à pedagogia dos jesuítas, não era hábito estabelecer comparações entre a situação cultural interna do país com a de outras nações. Os portugueses, no geral, não se abalavam por viverem sob os dogmas do catolicismo, nem se sentiam atrasados em relação às demais regiões da Europa, cuja situação - por questões de ordem religiosa - não era almejada.”<sup>16</sup>

Na perspectiva de Eduardo Lourenço, o equívoco da Geração de 1870 foi atribuir “exemplaridade” e “universalidade” a uma suposta “história européia”, entendida através

---

<sup>16</sup> CARVALHO, Flávio Rey de. **Um iluminismo português? A reforma da universidade de Coimbra (1772)**. São Paulo: Annablume, 2008.,p.23.

de uma teleologia que a conferia coesão e homogeneidade. Assim, os supostos desvios de Portugal em relação a esse modelo tomado como referência acabaram sendo interpretados sob o signo da “decadência” ou da “barbaridade”. Sob essa perspectiva, o atraso seria mensurável na “ordem econômica e industrial, mas também na ordem cultural ou do perfil humano daqueles povos ou continentes que não participavam a título de sujeitos ou de reflexo da “superioridade” européia.”<sup>17</sup>

Nesse sentido, o desconforto sentido por setores da sociedade portuguesa no século XVIII seria resultado da comparação da situação em que se encontravam em relação prestígio e vanguardismo vivido nos séculos XV e XVI. Internamente, com o advento da contra-reforma e as medidas do Concílio de Trento (1545-1563), Portugal aferrou-se cada vez mais aos princípios católicos e fez de sua política de Estado um instrumento de defesa do catolicismo frente à onda protestante. A estrutura educacional foi posta sob a tutela da Companhia de Jesus, e a Igreja afirmava sua autoridade una e universal através de códigos, que passavam não só pelo catecismo e a liturgia, mas também pela moral e o saber.<sup>18</sup> As Universidades de Évora e Coimbra, controladas pelos jesuítas, foram os esteios dessa visão de mundo: procuravam “inculcar nos alunos um método-disciplina de pensar aliado a uma ortodoxia de conteúdos”.<sup>19</sup> A *Ratio Studiorum*, instituída em 1599, funcionaria como o plano pedagógico da educação portuguesa até 1773, sem sofrer alterações significativas. O documento recebeu a chancela *in perpetuum*, o que lhe conferia caráter imutável. Assim, todo e qualquer ímpeto de mudança era interpretado como uma agressão aos princípios religiosos<sup>20</sup>.

Segundo Francisco Domingues, a presença da Companhia de Jesus no ensino português foi quase hegemônica no período que se segue a criação de uma rede de escolas a partir da fundação do Colégio de Jesus, em 1542, e que se multiplicou rapidamente por Braga, Bragança, Porto, Lisboa, Évora, Faro, Santarém, Setúbal, Portalegre, Funchal, entre outras. O destaque ficaria para o Colégio das Artes, posto sob a administração inaciana,

---

<sup>17</sup> LOURENÇO, Eduardo. Nós e a Europa: ressentimento e fascínio. In.: LOURENÇO, Eduardo. **Nós e a Europa: ou as duas razões**. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1994.,p. 31

<sup>18</sup> GOUVEIA, Antônio Camões. Estratégias de interiorização da disciplina In:MATTOSO, José (Dir.) **História de Portugal. O Antigo Regime (1620-1807)**.Lisboa: Editorial Estampa, 1992.p. 424.

<sup>19</sup> Ibid., p.425.

<sup>20</sup> CARVALHO., op. cit., p.23-24

ainda em 1555, onde eram aplicadas as provas dos exames necessários para a admissão na Universidade de Coimbra. A passagem pelo Colégio independia da instituição de origem dos alunos, o que na perspectiva de Domingues, acabava por impor relativa homogeneidade aos esquemas de ensino, que se viam forçados a se adequarem aos seus padrões.<sup>21</sup>

Nas suas orientações mais gerais, o modelo de instrução escolástico baseava-se na lógica aristotélica e procurava, através da dialética, fornecer explicações racionais que justificassem os dogmas e as crenças do cristianismo. De acordo com Villalta, a dialética aristotélica constituiria a “fonte de todas as formas de conhecimento, da ciência e das artes em geral, dominando o ensino nas escolas e na universidade.”<sup>22</sup> A argumentação se dava, dentre outras formas, por um método de raciocínio conhecido como tópica, constituído, a grosso modo, por uma sucessão de etapas: a primeira seria a *proposição-problema*, na qual se apresentava uma proposição que se convertia num problema. Nos *tópicos*, etapa seguinte, pesquisava-se os pontos de vista a partir dos quais o problema poderia ser analisado; nos *argumentos-razões* reuniam-se os argumentos favoráveis a cada uma das soluções propostas, que, por sua vez, eram analisadas na etapa *ponderação das razões*. Por fim, optava-se pela *solução mais provável*.<sup>23</sup>

De fato, esse estado de coisas dificultava a renovação de ideias, especialmente se elas não estivessem estritamente de acordo com os dogmas católicos. Mas a tese de que os jesuítas, principais responsáveis pelo sistema educacional português na época, desconheciam as inovações da filosofia natural reformada já está ultrapassada há um bom tempo. Mesmo no interior da estrutura educativa portuguesa havia algum espaço para a discussão de ideias apartadas das concepções tridentinas mais tradicionais, apesar de elas nunca terem se tornado hegemônicas. De acordo com Tiago Miranda<sup>24</sup>

“Apesar da discriminação de natureza essencialmente religiosa, os contatos intelectuais do exterior não desapareceram com o ‘espírito da Contra-Reforma.’ Nos mosteiros e nas escolas,

---

<sup>21</sup> DOMINGUES, Francisco Contente. **Ilustração e Catolicismo: Teodoro de Almeida**. Lisboa: Colibri, 1994.. p.29.

<sup>22</sup> VILLALTA, op. cit. p.42

<sup>23</sup> Idem.

<sup>24</sup> MIRANDA, Tiago dos Reis. “Estrangeirados”: a questão do isolacionismo português nos séculos XVII e XVIII. **Revista História.**, São Paulo., n.123-124., p.35-70., ago/jul. 1990-1991.

continuaram a entrar edições francesas, italianas e holandesas.(...) No segundo quartel do século XVII, as grandes conquistas da astronomia européia foram divulgadas em Portugal pelo Jesuíta Cristóvão Borri. Anos mais tarde, o padre Henrique Buseu ensinava princípios de mecânica no colégio de Santo Antão e Francisco Soares Lusitano citava René Descartes.”<sup>25</sup>

Sobre Borri, Francisco Contente Domingues, afirma que o italiano e professor do Colégio de Santo Antão no século XVII, ensinava a doutrina copernicana a seus alunos do curso de esfera e foi um divulgadores de Galileu no reino, apesar de ter sido seu concorrente numa controvérsia sobre a descoberta de um processo seguro para determinar a longitude em alto-mar.<sup>26</sup> Além desse, o autor também comenta as aproximações de Francisco Soares Lusitano e Antonio Cordeiro com as idéias de Descartes. Cordeiro, inclusive, apesar de ter-se mantido fiel ao aristotelismo, teria revelado simpatia pelas idéias modernas pela influência de outros autores jesuítas como Honorato Fabri e Inácio Kennis. Tal aproximação teria chamado a atenção de Roma, fazendo com que, em janeiro de 1678, fosse convocado pelo Provincial dos jesuítas a reformar seu curso de física, o que resultou na condenação de algumas de suas teses e no retardo da publicação de sua obra mais famosa, o *Cursus Philosophicus*.<sup>27</sup>

Como se pode ver, os jesuítas não apenas conheciam os debates reformadores no campo da filosofia natural como os ensinavam a seus alunos. Assim, fica claro que a opção pelo pensamento escolástico estava relacionada à convicção de que esse conhecimento era de fato superior às idéias reformistas, o que fazia com que o esforço de manutenção do pensamento escolástico estivesse muito mais relacionado à defesa de um modelo cultural tido por eles como inquestionável, do que à opção de seguir um sistema reducionista e isolacionista, deliberadamente usado como instrumento de dominação política.<sup>28</sup> Além disso, Domingues ressalta que a atitude de todos os membros não pode ser tomada como homogênea, visto que o curso da renovação filosófica no interior da Companhia mostra-se

---

<sup>25</sup> Ibid., p.59

<sup>26</sup> DOMINGUES, op. cit. .p. 35.

<sup>27</sup> Ibid. p.36-37.

<sup>28</sup> Ibid. p.33-34.

muito mais complexo quando analisadas as trajetórias individuais e coletivas. Desse modo, se é verdade que nas orientações mais gerais, a Companhia se manteve nos limites das concepções preconizadas pela escolástica, de modo que as concepções reformistas chegassem através de “ecos difusos, apreendidos mais das vezes por fontes secundárias”, a trajetória individual de seus mestres, muito mais variada, precisa ser tomada com cuidado.<sup>29</sup>

Carlos Ziller Camenietzki ilustra bem essa característica ao apresentar as concepções dos jesuítas Valentim Stansel, professor do Colégio da Bahia, e o prestigiado pregador Antônio Vieira sobre a condição dos cometas enquanto resultado da intervenção divina direta ou como concurso de causas naturais e suas formas de intervenção no mundo dos homens no século XVII<sup>30</sup>. Enquanto para Vieira, os cometas seriam um aviso enviado por Deus como forma de lembrá-los dos castigos a que estariam sujeitos caso não corrigissem sua conduta moral. Stansel apresenta uma visão naturalística dos mesmos apresentando-os como fruto do concurso de causas naturais, e seus efeitos no mundo prescindiriam da intervenção divina.<sup>31</sup> Apesar de a discussão remeter ao século XVII, ela é ilustrativa de como era comum que os jesuítas construíssem seus argumentos apoiados em filósofos que são apontados pela historiografia como representantes do processo de reforma da filosofia natural, e que portanto, não figuravam no rol de autoridades supostamente caras ao pensamento tridentino.

No caso específico da controvérsia analisada por Carlos Ziller, o Padre Vieira demonstrava conhecer as discussões que marcaram o século XVII sobre a natureza e os efeitos dos cometas e apresenta domínio das concepções de autores como Kepler e Scaliger. Do outro lado, Stansel, que era matemático e havia sido professor de esfera do Colégio de Santo Antão, utiliza o catálogo de Tycho Brahe para determinar as coordenadas de cometas e dialoga com alguns dos principais autores do assunto de seu tempo, como Kepler, Claramontius, Snell, Camilo Glorioso, Antonio Pimenta, dentre outros, além de variados autores confrades seus.<sup>32</sup> É importante destacar que tal atitude estava na raiz da própria

---

<sup>29</sup> Ibid. Idem.

<sup>30</sup> CAMENIETZKI, Carlos Ziller. O cometa, o pregador e o cientista: Antonio Vieira e Valentin Stansel observam o céu da Bahia no século XVII. **Revista da SBHC**, n.14., p.37-52., 1995.

<sup>31</sup> Ibid. p.31.

<sup>32</sup> Ibid. p.37; 46.

prática intelectual jesuítica e era requisito necessário para que seus representantes pudessem acessar e se posicionar diante dos debates intelectuais considerados pertinentes. Diante disso, fica evidente que não se sustenta a aversão tradicionalmente atribuída aos membros da Companhia de Jesus às idéias produzidas fora da tradição aristotélico-tomista. Como bem definiu o historiador português Francisco Domingues:

“Galileu, Descartes ou Newton, para só citar esses, não tinham sido desconhecidos: a questão está é no fato de as novas cosmovisões terem sido divulgadas entre nós com notório atraso, muitas vezes desvirtuadas, intencionalmente ou não, e quase sempre por outras vias que não as originais.”<sup>33</sup>

Assim, se essas inovações não deram o tom geral da instrução jesuítica, não foi por desconhecimento dos membros da Companhia, mas sim porque elas não faziam sentido para a cosmovisão defendida pela Companhia, ou pelo menos não eram tão eficazes quanto as concepções aristotélicas e tomistas tradicionais.

Como mencionamos anteriormente, durante o período da Contra-reforma, essa estrutura foi fortalecida como forma de evitar a expansão protestante. Nesse sentido, longe de ser uma opção pelo “atraso”, a manutenção do pensamento escolástico na vida intelectual lusa significou um esforço de manutenção do próprio catolicismo em Portugal, fator estruturante da vida social e cultural do reino. Portanto, se é correto afirmar que os imperativos religiosos geraram relativa resistência às ideias consideradas fora dos limites do pensamento tridentino, para os portugueses dos séculos XVII e parte do XVIII, não havia um quadro de decadência intelectual a ser superado e nem um sentimento de inferioridade em relação às nações estrangeiras.<sup>34</sup> Assim, a contestação do modelo educacional português no século XVIII correspondia mais à presença, na sociedade portuguesa, de grupos alinhados ao ideário ilustrado que defendiam a tese de que era necessário que Portugal se igualasse às novas potências europeias do que a uma suposta inferioridade cultural.

---

<sup>33</sup> DOMINGUES, op. cit. p.40.

<sup>34</sup> CARVALHO, *Ibid.*, p.48.

Foi com esse intuito que D. José I promoveu a criação da Junta de Providência Literária em 1770 para fazer um levantamento das causas da decadência da Universidade de Coimbra. A Junta apresentaria dois anos mais tarde um documento intitulado *Compendio Histórico da Universidade de Coimbra*, que ao fazer um severo diagnóstico da situação da universidade, daria início ao processo da reforma, do qual falaremos mais adiante<sup>35</sup>. Porém, é importante dizer que a criação da Junta responde a um mal-estar com o ambiente cultural português que dava sinais da existência de projetos educacionais e pedagógicos alternativos.

O grupo que parte da historiografia convencionou chamar de “estrangeirados” era composto por intelectuais que haviam deixado Portugal por motivos diversos e feito sua formação no exterior. Caracterizavam-se, a grosso modo, pela adesão às idéias ilustradas e procuraram intervir no processo da reforma ao tentar introduzi-las no reino. Inconformados com a suposta inadequação econômica e cultural de Portugal frente às renovações que fervilhavam nas nações onde estavam instalados, militavam pela reforma da estrutura educacional portuguesa. De uma forma geral, os “estrangeirados” compartilhavam a adesão à retórica do experimentalismo e à filosofia mecanicista, em contraposição ao modelo de pensamento escolástico. Eram enfáticos na defesa da divulgação de novos conhecimentos em Portugal, pois esse seria o único modo de superar o suposto quadro de atraso que atribuíam ao Reino. Assim, Newton, Descartes, Francis Bacon, Galileu, dentre outros filósofos naturais, eram citações constantes em suas obras e apontados como os baluartes das concepções ilustradas que deveriam promover transformações radicais na cultura portuguesa.

Ribeiro Sanches era um dos intelectuais vistos sob esse rótulo. Como veremos no próximo capítulo, ao sair de Portugal em 1726, Sanches nunca mais retornaria à sua terra natal, mas o reino permaneceria como um objeto constante de suas obras, tanto médicas quanto pedagógicas. Além dele, podemos destacar outros com perfil semelhante que também atuaram na primeira metade do século XVIII: Luis António Verney, Jacob de Castro Sarmiento e D. Luís da Cunha, só para citar alguns.

---

<sup>35</sup> Ibid., p.49

Mas a discussão sobre esse grupo precisa ser mais ampla, sob pena de ficarmos presos à teleologia do discurso progressista da historiografia republicana, o que poderia turvar nosso olhar sobre a análise que faremos da trajetória de Ribeiro Sanches e sua condição de “estrangeirado” ao longo desse trabalho. Na verdade, o próprio termo tem sido tema polêmico na historiografia. Correntes mais tradicionais tendem a ver esses intelectuais como os primeiros raios das luzes em Portugal, no contexto do isolacionismo que era atribuído ao quadro cultural luso no setecentos, descrito em linhas gerais no primeiro parágrafo desse capítulo. O uso do termo remete à corrente que se estabeleceu em oposição à historiografia nacionalista surgida em Portugal no contexto da república no início do século XX, tendo em António Sérgio um de seus principais participantes.<sup>36</sup>

Sérgio procurou elaborar uma versão alternativa à história nacionalista dos republicanos ao enfatizar os fatores externos que contribuíram para as transformações culturais portuguesas no século XVIII. Daí, o termo “estrangeirado” afirmou-se como a nomenclatura usada para referir-se aos intelectuais vinculados às correntes reformistas e que supostamente teriam introduzido o iluminismo em Portugal, tomado como um conjunto articulado e coerente de idéias e princípios.<sup>37</sup> Porém, mesmo ao assumir tal perspectiva, essa historiografia manteve em comum com os republicanos a conservação do mito do isolacionismo português no século XVIII, uma herança do decadentismo dos autores da geração de Antero de Quental.<sup>38</sup>

Tiago Reis Miranda aponta essa questão ao longo de uma detalhada análise dessa historiografia e denuncia as contradições que marcam o uso indiscriminado do termo e põem em cheque sua operacionalidade para entender o papel desses intelectuais na história portuguesa do século XVIII. De acordo com o autor, nunca houve entre eles uma unidade de pensamento e os “modelos” que buscavam nas nações estrangeiras não eram menos heterogêneos. Além disso, os sentimentos que demonstravam em relação à sua terra natal

---

<sup>36</sup> Sobre essa questão, Flávio Carvalho afirma que: “Com o advento da república portuguesa em 1910 surgiu, nos anos subsequentes, uma historiografia influenciada pelos ideais republicanos, voltada à elaboração da história de Portugal sob um viés nacionalista. Essa corrente – que teve em Teófilo Braga um de seus principais expoentes – conservou a interpretação oitocentista da história moderna lusa, veiculando a imagem do país hermeticamente fechado, principalmente sob o ângulo cultural, aos influxos vindos do exterior. Paralelamente, surgiu um movimento de crítica à historiografia republicana, sendo o ensaísta António Sérgio um de seus autores mais veementes.” CARVALHO., op. cit. p.28.

<sup>37</sup> Idem.

<sup>38</sup> Idem. Ver nota 5.

eram difusos, podendo ir desde a rejeição ao ambiente cultural luso até demonstrações de saudade e afeto.<sup>39</sup> Por fim, Miranda afirma que o fenômeno do “estrangeiramento” nunca foi particular à modernidade portuguesa:

“O homem moderno cultivou o prazer de entrar em contato com os vizinhos d’além-fronteiras, onde apreciava outros costumes e podia reavaliar a opinião quanto aos do seu próprio Reino. Nesse sentido, é claro que houve ‘estrangeirados’ em Portugal, tanto como no resta da Europa. Mas difícil de admitir é que eles integrassem um grupo definido e orgânico, monopolizando as críticas ao ‘sistema’ ou que de alguma maneira quisessem tirar o país de um isolamento asfíxiante, em benefício de um ‘projeto’ vindo de fora.”<sup>40</sup>

Acrescenta-se o fato de que a estadia no meio intelectual de além Pirineus nunca foi pré-requisito para a vinculação ao movimento reformista, apesar de ser um ponto em comum na trajetória de muitos desses intelectuais. Sendo assim, nas páginas que se seguem, não mais utilizaremos a nomenclatura “estrangeirados” como referência a esses atores, pois para nossos objetivos no presente trabalho, interessam mais suas vinculações às ideias reformistas do que as passagens por países estrangeiros. É a partir dessa perspectiva que pretendemos enxergar esses intelectuais e analisar a trajetória do próprio Antonio Ribeiro Sanches.

No entanto, se é equivocado atribuir homogeneidade a esses personagens tanto quanto enxergá-los como os raios das luzes num Portugal supostamente avesso ao

---

<sup>39</sup> MIRANDA., op. cit. p.50. Nas palavras do autor: “Quando se retrata um ‘estrangeirado’, dificilmente se lembram as saudades que ele tinha de sua terra natal e o lugar primordial que ela continuava a ocupar na formulação de sentimentos corriqueiros, ou dos projetos mais elaborados. Mesmo no exílio, boa parte continuava a viver basicamente em função de Portugal. Suas críticas poderiam ser uma tentativa de difundir no Reino algumas das práticas conhecidas no exterior; entretanto, em muitos aspectos, a ‘visão de mundo’ continuava inalterada.” P. 49. O autor cita os exemplos do Marquês de Nisa que, após permanecer em Londres durante cinco anos, lamentava não ver o Sol “como Deus o criou” (p.49). Mais significativo seria o caso de Antonio Freire de Andrade Encerrabodes, que lamentou em cartas sua desilusão com suas viagens ao exterior. Quanto à divergência de ideias, é ilustrativo o caso de D. Luís da Cunha – embaixador em Paris – e Carvalho e Melo, de Londres, que apresentavam visões bastante diferentes sobre os rumos que deveriam ser dados aos negócios estrangeiros de Portugal. (p.50)

<sup>40</sup> Ibid., p.69.

estrangeiro, por outro lado, é inegável que muitos dentre os portugueses que tiveram acesso ou formularam projetos de reforma deram contribuição importante no processo de reorganização do mundo intelectual português ao externar sua insatisfação com o estado de coisas na cultura lusa setecentista e, sobretudo, ao contribuírem para a difusão de idéias alternativas ao pensamento tridentino. Em muitos momentos, essa tarefa foi levada a cabo através de pesadas críticas a algumas das estruturas basilares da cultura portuguesa, sobretudo o domínio eclesiástico na esfera educacional, representada pela Companhia de Jesus, ao absolutismo da Coroa, aos privilégios de classe e ao tribunal inquisitorial.<sup>41</sup>

É importante destacar que esse processo não ocorreu através da defesa de posicionamentos frontalmente opostos entre os reformadores e os defensores do pensamento tradicional. Devemos levar em consideração que, em muitos momentos, os debates se deram em zonas cinzentas, de modo que as diferentes concepções postas em cena impedem uma clivagem rígida entre modernidade e tradição. Francisco Domingues afirma que esses contornos foram sendo delineados mais claramente na medida em que as circunstâncias permitiram que os intelectuais mais aproximados dos pressupostos da filosofia natural reformada encontrassem mais espaço para expor suas ideias. O autor cita que na década de 1740, há uma sucessão de publicações comprometidas com a divulgação de novas idéias em Portugal, entre elas *Lógica Racional, geométrica e analítica* (1744) de Azevedo Fortes, a tradução resumida em dois volumes do *Teatro crítico universal* de Benito Jerônimo feijoo (1746-1748), o *Verdadeiro método de estudar* (1746) de Antonio Verney e *Philosophia* (1748) de João Baptista.<sup>42</sup>

*A Recreação Filosófica*, escrita pelo padre oratoriano Theodoro de Almeida, cujos primeiros dois volumes foram publicados em 1751, é obra bastante ilustrativa desse esforço de divulgação de ideias no século XVIII português. Domingues destaca sua boa recepção entre o público, verificada pela suas rápidas e sucessivas edições. O fim principal a que a obra se destinava era claro: a divulgação da filosofia moderna entre todos aqueles que não tinham estudos. Segundo o autor, seu título completo já anuncia um programa em si mesmo: *Recreação filosófica, ou diálogo sobre filosofia natural para instrução de pessoas*

---

<sup>41</sup> VILLALTA., op. cit. p.112.

<sup>42</sup> DOMINGUES., op. cit. p.29

*curiosas que não frequentaram as aulas.*<sup>43</sup> O acesso a essas idéias seria entendido por Almeida como uma condição necessária às pessoas, pois, na sua concepção, por natureza os indivíduos não seriam mais ou menos capazes, a variação estaria na “fortuna” de cada um ao ter acesso aos meios que possibilitariam o aumento do seu grau de instrução. Nesse sentido, inclusive, a escrita em língua portuguesa era apresentada como a mais adequada diante das línguas latina e francesa, cujo uso em obras daquele tipo seria considerado pelo autor uma “crueldade bárbara”.<sup>44</sup>

Apesar de se apoiarem nos pressupostos da reforma e estarem comprometidos com a divulgação de novas ideias no reino, é equivocado assumir que o conteúdo dessas obras estivesse assentado somente nos autores considerados representantes da filosofia natural reformada, como Newton, Galileu e Copérnico, em detrimento de um suposto arcabouço aristotélico-tomista, que deveria ser combatido. De acordo com Domingues, os reformadores se levantaram contra a pedagogia escolástica mas os conhecimentos reformados não eram considerados a única via. Houve intelectuais que oscilaram entre tradição e reformismo como fatores explicativos dos fenômenos dos quais se ocupavam, fazendo com que ruptura com o pensamento tradicional não fosse completa e nem instantânea. Esse dado não subentende uma contradição entre esses personagens e encontra sua justificativa nos modos através dos quais eles se apropriavam de conhecimentos e interpelavam o mundo natural em suas investigações. De acordo com Domingues:

“No seu inquérito de permanente averiguação da verdade o filósofo devia ser guiado por um experimentalismo racionalista que se pretendia situar no meio de dois pólos extremos: o que atendia apenas às deliberações do seu próprio juízo, estribando-se na especulação alheada às experiências científicas, e o que nelas confiava cegamente, sem indagar a razão acerca dos resultados do que via. Por isso mesmo, quem enveredava por esta via tão pouco se podia fiar sem mais nas conclusões de outrem, ainda que a nível experimental.”<sup>45</sup>

---

<sup>43</sup> Ibid. p.47

<sup>44</sup> Ibid. p.48.

<sup>45</sup> Ibid. p.60.

Essa postura, conhecida como *ecletismo*, partia do pressuposto de que não havia limites para a aplicação da racionalidade como fio condutor do pensamento, e se tornaria o primeiro padrão de referência na filosofia portuguesa do setecentos. Ela subentende um posicionamento crítico diante das referências utilizadas, fossem elas originárias de autores vinculados ao movimento reformador ou aos setores considerados tradicionais. Nesse sentido, não havia contradição em apoiar-se em autores como Newton, por exemplo, e fazer referências a conceitos de autores alternativos, como René Descartes, ou ainda recuar, se preciso, até Aristóteles.

De acordo com Pedro Calafate, a postura eclética preconizava a Razão como única autoridade na produção de conhecimento e marcaria uma oposição à concepção de “sistema”, entendida como esquema explicativo, e que passou a ser relacionada, de modo pejorativo, a imobilismo. O filósofo não poderia interpelar o mundo natural munido de conceitos concebidos *a priori* e que tivessem outra origem que não a experiência, pois somente a partir dela é que poderiam surgir postulados legítimos sobre a realidade.<sup>46</sup> Calafate enxerga essa atitude impressa na reivindicação de Verney de que o “verdadeiro sistema moderno, é não ter sistema algum”, baseada na convicção de que não seria legítimo esperar que a natureza se adapte às ideias, mas sim que as ideias se adaptem à complexidade da natureza.<sup>47</sup>

É fundamental levarmos isso em consideração ao analisarmos as obras produzidas pelos intelectuais vinculados ao reformismo ilustrado em Portugal em meados do século XVIII, sob pena de ficarmos presos a uma clivagem ilusória entre modernidade e tradição, que nunca esteve clara para os atores. No entanto, é importante destacarmos que o *ecletismo* não configurou uma postura exclusiva dos intelectuais reformistas portugueses. Na verdade, ele é uma característica marcante da própria retórica iluminista nos setecentos,

---

<sup>46</sup> Calafate também relaciona essa postura à influência do experimentalismo Newtoniano e do sensismo Lockeano entre membros da intelectualidade portuguesa do período, o que estaria na raiz das críticas ao racionalismo metafísico da filosofia natural do século XVII. Nesse sentido, o modelo de pensamento de matriz cartesiana, por exemplo, passou a ser alvo de críticas, pois ao reduzir a matéria à extensão, à figura e ao movimento, “pressupunha uma estrutura formal do real que garantia a universalidade dos procedimentos dedutivos *a priori*”. Isso contradizia a concepção, cara aos newtonianos, de que as deduções só poderiam ter origem nos postulados adquiridos pela experiência, tendo a matemática como auxílio. CALAFATE, Pedro. *Ecletismo e metodologia na ilustração portuguesa*. In. **Metamorfoses da palavra**: estudos sobre o pensamento português e brasileiro. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1998. p. 218.

<sup>47</sup> *Ibid.* p. 219.

e sua apropriação entre os membros ilustrados da intelectualidade lusa só reafirma seu engajamento nos debates filosóficos mais proeminentes da época. Nesse sentido, umas das definições clássicas do termo, como ele era entendido por alguns dos mais destacados círculos intelectuais do século XVIII, foi escrita por Diderot e publicada na sua Enciclopédia:

*« L'éclectique est un philosophe qui foulant aux pieds le préjugé, la tradition, l'ancienneté, le consentement universel, l'autorité, en un mot, tout ce qui subjuge la foule des esprits, ose penser de lui-même, remonter aux principes généraux les plus clairs, les examiner, les discuter, n'admettre rien que sur le témoignage de son expérience & de sa raison & de toutes les philosophies, qu'il a analysées sans égard & partialité, s'en faire une particulière & domestique que lui appartienne. »*<sup>48</sup>

Para Diderot, a ambição do filósofo eclético seria “menos de ser preceptor do gênero humano, do que seu discípulo; de reformar os outros, do que reformar a si mesmo; de conhecer a verdade, do que ensiná-la.”<sup>49</sup> O eclético não juntaria as ideias ao acaso e nem as deixaria isoladas, ao mesmo tempo em que não se obstinaria em enquadrá-las em sistemas de ideias pré-concebidos. Na descrição de Diderot, quando o filósofo eclético admite um princípio, as proposições que se seguem, ou estão ligadas a esse mesmo princípio, ou não se ligam a ele de nenhuma forma, ou lhe são opostas. No primeiro caso, elas são consideradas verdadeiras; no segundo, o filósofo suspende seu julgamento até que “as noções intermediárias que separam a proposição do princípio que ele examina” mostrem sua ligação ou oposição a ele<sup>50</sup>; no terceiro caso, elas são consideradas falsas. Esse seria o “método do eclético”, segundo Diderot, e o meio pelo qual ele constrói sua obra,

---

<sup>48</sup> ÉCLETISME. In. : **Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers**. Tome cinq. 1995. p.270.

<sup>49</sup> No original em Francês: « l'ambition de l'éclectique est moins d'être précepteur du genre humain, que son disciple ; de réformer les autres, que de se réformer lui-même ; de conoître la vérité, que l'enseigner. » ibid. p.270-271.

<sup>50</sup> No original em francês: « Il suspend son jugement jusqu'à ce que des notions intermédiaires qui séparent la proposition qu'il examine du principe qu'il a admis, lui démontrent sa liaison ou sa opposition avec ce principe. » Ibid. 271.

entendida como um “todo sólido”, constituído pela junção de diversas que partes que pertencem umas às outras.<sup>51</sup>

No entanto, é fundamental destacarmos que no contexto do reformismo ilustrado luso, a razão seria reivindicada não somente como forma de acessar o mundo natural, mas também como forma de acessar e compreender a própria divindade. Nesse sentido, as críticas à Igreja e aos jesuítas não se traduziram numa anti-religião, muito pelo contrário, a filosofia natural era apontada como uma forma de acessar a mente divina e compreendê-la. Segundo Pedro Calafate, em Portugal, essa questão se expressou através do conceito de “religião natural”, expresso na “ideia de manifestação primordial de Deus à razão humana, através da lei natural como participação da Lei Eterna, e também através da ordem e da harmonia do Universo, em termos que nele resplandece o poder, bondade e sabedoria divinos.”<sup>52</sup> Em outras palavras, a religião natural poderia ser entendida como o “conhecimento de Deus adquirido através da razão”<sup>53</sup>. No entanto, a religião “revelada” não era considerada menos necessária, visto que o espírito humano era corruptível e dependeria da moral cristã para corrigir-se. Assim, Calafate, coloca que essa relação pressupõe uma “harmonia necessária” entre os binômios natureza/gracia; razão/revelação, de modo que a “moral revelada” deveria ser o guia da “suma razão”<sup>54</sup>. Nesse sentido, o trabalho do filósofo, guiado pela razão, seria afirmar por meios demonstráveis os pressupostos da moral, mostrando que razão e revelação não se referem a duas verdades, mas a uma só:

“Trata-se de uma ‘troca de bons ofícios’, em que a fé alerta a razão contra seus erros e debilidades, e a razão traduz em princípios de humana certeza o conteúdo da revelação, sem que em tal relação se note a ausência do interesse apologético, por isso que, segura de o que contradiz a revelação é falso, a razão adquire, nessa certeza, a força e convicção necessárias para virar contra os detractores da revelação as suas armas.”<sup>55</sup>

---

<sup>51</sup> Ibid. p.271.

<sup>52</sup> CALAFATE, Pedro. A religião natural no século XVIII em Portugal. In. **Metamorfoses da palavra**: estudos sobre o pensamento português e brasileiro. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1998. p.197.

<sup>53</sup> Idem.

<sup>54</sup> Ibid. p.200.

<sup>55</sup> Ibid. p.201.

Essas concepções são fundamentais para entendermos a conciliação feita por muitos intelectuais reformistas, dentre eles Ribeiro Sanches, entre crítica ao discurso teológico e manutenção de sua religiosidade. No contexto das reivindicações pelas reformas, o que estava sendo posto em cheque não era legitimidade da Igreja enquanto entidade encarregada da vida religiosa do reino, mas sim sua aptidão enquanto instituição ordenadora de sua vida intelectual. Assim, as críticas que recaíram sobre a pedagogia jesuítica procuravam denunciar, fundamentadas no ideal eclético, a insuficiência de seus métodos para ascender ao conhecimento “verdadeiro”, ou seja, em consonância com os pressupostos da religião natural. O papel da Igreja enquanto instituição responsável pela salvação das almas dos indivíduos não foi alvo de contestação, pelo contrário, ele era reafirmado como parte legítima de sua jurisdição. Como veremos na obra de Ribeiro Sanches, o que estava em jogo eram as fronteiras entre o discurso teológico e outros discursos que procuravam se afirmar no campo intelectual luso da época, como o médico, o jurídico, o régio, etc. A supressão do discurso teológico nunca foi objetivo desse processo, mas sim limitá-lo à jurisdição que lhe era considerada cabível.

Dentre as obras consideradas mais representativas desse movimento está o *Verdadeiro Método de Estudar*, publicado pelo clérigo radicado na Itália, Luiz António Verney em 1746. Marcada por fortes críticas ao ensino jesuítico, classificado como “obscurantista, autoritário, livresco, pedante e pouco prático”<sup>56</sup>. O aprendizado baseado em uma única autoridade, associado ao ensino eclesiástico, deveria ser substituído por uma nova postura, que valorizava a primazia da observação e da experimentação na busca pelo conhecimento e relegava o uso dos silogismos para segundo plano. O clérigo defende o estudo prioritário da língua portuguesa, apesar da manutenção do ensino do latim, do qual o ensino da retórica deveria ser desvinculado. Para ele, era fundamental que se desenvolvesse o ensino de italiano e francês já que a maioria das obras científicas modernas do período eram escritas nesses idiomas. Nesse sentido, a leitura de Newton, Gassendi, Descartes, Galileu e seus divulgadores seria de extrema importância.<sup>57</sup>

---

<sup>56</sup> VILLALTA., op. cit., p. 113.

<sup>57</sup> Idem. Ibid.

Veremos as idéias de outros intelectuais da mesma estirpe de Verney na próxima seção, quando falaremos das transformações ocorridas nesse período no campo médico. No momento, é importante notar que, a partir da segunda metade do século XVIII, as ideias ilustradas e as críticas ao ensino jesuítico começaram a ressoar mais largamente em Portugal. A postura crítica representada pelos intelectuais reformistas portugueses desde o reinado de D. João V foi institucionalizada pelas reformas empreendidas após a ascensão do Marquês de Pombal ao ministério de D. João I em 1750<sup>58</sup>.

Na descrição de Pedro Calafate, ao coincidir com o consulado pombalino, o iluminismo português viria a adquirir “feição de estado, no quadro do despotismo esclarecido, verificando-se pois uma clara aliança entre iluminismo e política”<sup>59</sup>. Era necessário reformar a economia e torná-la mais eficiente e lucrativa para superar as dificuldades financeiras que ajudavam a arruinar o já longamente combalido prestígio português. Nesse sentido, as reformas foram regidas sob um caráter utilitarista, afinado com as concepções ilustradas, com o fim de promover tudo o que parecesse útil ao fortalecimento do Estado. Mais do que uma adequação filosófica, a adesão a ideias iluministas nas reformas significava uma possibilidade real para Portugal se fortalecer no cenário político-cultural europeu. Assim, esse caráter foi estendido não só às transformações econômicas mas também à reformulação da própria estrutura educacional e da circulação de ideias<sup>60</sup>.

Nesse processo, o ensino escolástico, encarnado no controle dos jesuítas sobre a estrutura educacional, tornou-se um dos alvos favoritos dos reformadores, o que culminaria na expulsão da Companhia de Jesus em 1759. Nesse contexto, o *Compendio Histórico da*

---

<sup>58</sup> CARVALHO, op. cit., p.48

<sup>59</sup> CALAFATE, Pedro. O iluminismo em Portugal. In. **Metamorfoses da palavra**: estudos sobre o pensamento português e brasileiro. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1998.. p.141.

<sup>60</sup> Maria Odila Dias enfatiza que o pragmatismo foi uma das características mais marcantes da geração da reformista e marcaria a administração portuguesa nas décadas seguintes. Em Portugal, o ideário da ilustração serviu como base para uma política de Estado voltada para as ciências naturais, com o objetivo de fomentar a industrialização portuguesa e superar o atraso em relação às potências européias. No Brasil, essa política se refletiu num forte incentivo da Coroa à exploração do território como forma de tirar melhor proveito das potencialidades econômicas das atividades agrícolas e recuperar a combalida economia do Império português. Dias considera que os pedidos de levantamento da fauna brasileira feitos por Pombal foram o estímulo inicial às ciências naturais brasileiras. A grande profusão de memórias e estudos sobre o mundo natural da colônia começou a trazer à luz as possibilidades de exploração econômica e científica do território brasileiro. DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Aspectos da Ilustração no Brasil In: **A Interiorização da Metrópole e outros estudos**. São Paulo: Alameda, 2005.

*Universidade de Coimbra* apresentado a D. João I pela Junta de Providência Literária em 1771 listava os prejuízos supostamente causados pelo domínio jesuítico no ensino universitário luso. O documento foi organizado em três partes: a primeira, dividida em quatro prelúdios, relatou, de maneira histórica e cronológica, os danos cometidos às leis, às regras e aos métodos que regiam a Universidade de Coimbra; a segunda apresentou, em três capítulos, os estragos cometidos ao estudo da teologia, às jurisprudências canônica e civil e à medicina; a terceira consistiu em um apêndice, sobre moral e ética, ao segundo capítulo da segunda parte.<sup>61</sup>

As críticas à Companhia de Jesus tinham como cerne a rejeição do método adotado por ela entre 1598 e 1771, no ensino. Essa matéria aparece como um requisito importante na concepção educativa do documento:

“He o Methodo o primeiro requisito do Estudo, para por meio d'elle poder adquirir hum conhecimento profundo, e sólido da Sciencias. Quem desconhece o Methodo, não pode ter ordem no estudo. E quem estuda sem ordem, adianta-se pouco na Estrada das Sciencias, tropeça a cada passo, e perde um tempo infinito.”<sup>62</sup>

Flávio Carvalho observou através de uma comparação da noção de método explicitada no *Compêndio* com o *Dictionnaire de l'Academie française* e com o *Diccionario da língua portuguesa* que os ilustrados portugueses estavam em consonância com a concepção veiculada no meio literário francês na mesma época.<sup>63</sup> Outro ponto destacado pelo autor foi o uso do termo peripatético de modo pejorativo (apesar de um pouco vago) para se referir aos conhecimentos de base aristotélica utilizados pelo ensino escolástico. O significado original do termo seria “que gosta de passear” e no caso do *Compêndio*, seria usado para designar o caráter supostamente “mediato e sectário, haurido da análise de comentários, glosas e opiniões”<sup>64</sup> dos saberes divulgados pelos jesuítas. Na perspectiva da Junta de Providência Literária, o estado de decadência em que se encontrava

---

<sup>61</sup> CARVALHO., op. cit., p. 50

<sup>62</sup> CARVALHO . op. cit. p..51 apud *Compêndio*, 1972 p. 245- 216.

<sup>63</sup> CARVALHO., *Ibid.*, p.51

<sup>64</sup> *Ibid.*, p.53.

a Universidade de Coimbra se devia à redução do ensino ao “debate de opiniões versadas sobre questões abstratas e repletas de infundáveis desdobramentos especulativos”<sup>65</sup>, empreendida pelos peripatéticos. A falta de ecletismo<sup>66</sup> também foi outra deficiência importante apontada pelo *Compêndio*. Na visão da Junta isso resultaria na falta de espírito crítico e analítico dos estudantes formados em Coimbra, fator agravado pela lógica de péssima qualidade a qual seriam expostos ainda no Colégio das Artes e nas outras escolas controladas pelos jesuítas em Portugal.<sup>67</sup>

Carvalho defende que as críticas apresentadas no *Compêndio* seguem uma tendência comum nos setecentos de incitação da polêmica através de uma marcada contraposição entre épocas de luz e trevas, julgadas por meio da razão iluminista. Nesse sentido, a pedagogia jesuíta era veementemente apontado como a causa primordial da decadência do ensino português, constituindo um período de trevas, cujo fim seria imposto pelas ideias ilustradas que finalmente possibilitariam a Portugal trilhar um novo caminho em consonância com o pensamento moderno.<sup>68</sup> No entanto, o autor enfatiza que a construção dessa imagem seria parte da estratégia de fortalecimento do Estado português diante da igreja. Ao afirmar a Companhia de Jesus como a causa da decadência, a ofensiva pombalina contra os inicianos estaria plenamente justificada.<sup>69</sup>

Nesse aspecto, após a expulsão dos jesuítas em 1759, Pombal, numa medida vanguardista do ponto de vista pedagógico, fundou um sistema público de ensino, antes até da França, e criou o Colégio dos Nobres. A reforma da Universidade de Coimbra, através dos novos Estatutos de 1772, imprimiu-lhe uma orientação voltada para a filosofia natural reformada, em contraposição à hegemonia do tradicional ensino eclesiástico.<sup>70</sup> De acordo com a tendência filosófica iluminista, o ensino das ciências na universidade passou a ser

---

<sup>65</sup> Idem.

<sup>66</sup> Em outra passagem, Carvalho deixa claro que, entre os ilustrados, esse termo não possuía o caráter pejorativo que possui atualmente. Na definição de Diderot na *Encyclopédie Méthodique*, o ecletismo era “definido como postura metodológica própria aos filósofos, que, desprovidos do preconceito e do vínculo a qualquer *auctoritas* ou escola de intelectuais, voltavam-se à elaboração de um conhecimento sólido, produzido com base na seleção e na conjugação de elementos verossímeis obtidos das mais diferentes doutrinas filosóficas”. CARVALHO. op.cit. p.38 apud “Eclectisme” in. L’Encyclopédie, 1998.

<sup>67</sup> Ibid., p.56.

<sup>68</sup> A apropriação dessa dicotomia por parte de alguns autores, estaria também na raiz do decadentismo historiográfico português, já comentado anteriormente.

<sup>69</sup> Ibid., p.61

<sup>70</sup> VILLALTA., op. cit. p.117.

pautado pelo experimentalismo de Issac Newton (1642-1727) e do empirismo de John Locke (1632-1704)<sup>71</sup>. Assim, afastando-se da argumentação dialética, as conjecturas válidas deveriam fundamentar-se em fatos e fenômenos observados na realidade sensível, o que inclusive, aponta uma afinação com os discursos pela reabilitação dos sentidos em contraposição ao sistema lógico-dedutivo de matriz cartesiana, como veremos no capítulo 3.

A reforma da Universidade de Coimbra seria responsável pela larga difusão da filosofia natural reformada e da retórica empirista em Portugal, no entanto, é necessário apontar que, como vimos, isso não significou uma substituição plena das estruturas de pensamento tradicionais. Se a igreja foi alvo do regalismo pombalino, este se esforçou para manter seu papel como uma das instituições estruturantes da sociedade portuguesa. Tudo o que pudesse representar uma ameaça ao catolicismo foi banido, especialmente livros considerados ateístas e materialistas.<sup>72</sup> Sobre esse aspecto, é importante ressaltar que a própria atitude crítica dos intelectuais reformistas e a opção pela postura eclética, como citada acima, nunca significaram uma rejeição do divino, muito pelo contrário. A filosofia natural era vista como o caminho legítimo para se conhecer o criador, e quanto mais ela pudesse desvendar o mundo natural, mais comprovaria sua onipresença.<sup>73</sup>

A partir desses pressupostos, no contexto da reforma, optou-se pela modernização parcial, de forma que as instituições tradicionais não fossem apenas mantidas, mas reafirmadas. Se a igreja e a nobreza foram alvos da ofensiva reformista pombalina, foi com o objetivo de estabelecer um novo equilíbrio entre essas forças e a Coroa, não eliminá-las. Isso define o caráter seletivo da apropriação das ideias ilustradas pelos reformistas, que visava, sobretudo, a reafirmação do Estado na orientação das políticas voltadas para a economia e para a educação dos súditos. Mesmo entre os intelectuais cujos trabalhos interpelavam de forma mais direta o poder da igreja, como Ribeiro Sanches em *Dissertação sobre as paixões da alma* e Melo Franco em *Medicina Theológica*, que serão analisados

---

<sup>71</sup> CARVALHO., op. cit. p.102-103.

<sup>72</sup> Sobre esse tema consultar a tese de Luiz Carlos Villalta sobre censura e práticas de leitura na América portuguesa. VILLALTA., op. cit.

<sup>73</sup> DOMINGUES, op. cit. p.68.

nos próximos capítulos, os autores são enfáticos em afirmar que reconhecem a igreja como uma instituição fundamental.

Na próxima seção nos dedicaremos à medicina portuguesa nesse mesmo contexto sob a luz de algumas das questões trabalhadas até agora sobre o setecentos português. De forma geral, veremos como as ideias ilustradas ajudaram a moldar um discurso médico voltado para a esfera social que pretendia estabelecer novos padrões de comportamento ao introduzir novas concepções sobre o corpo e a moral. Ao mesmo tempo, esse discurso opunha-se a outras concepções sobre a cura e o corpo longamente enraizadas na cultura lusitana.

## **1.2 A medicina lusitana setecentista.**

Não podemos dar conta das diversas nuances do campo filosófico português setecentista sem fazer referência às diversas tradições culturais que o conformavam, pois, para além da esfera formal dos estatutos da Universidade de Coimbra, as concepções que constituíam o pensamento dos praticantes da filosofia natural lusa eram também concurso de tradições culturais variadas que estendiam suas raízes há vários séculos na península ibérica. Sem ignorar a existência de outras vertentes, destacamos a apropriação de práticas e conhecimentos Árabes, além da longa e ativa participação dos judeus nos assuntos relativos ao conhecimento do corpo humano e no estudo do mundo natural. Sobre esses últimos, David Goodman, destaca sua presença marcante na produção de conhecimento astronômico ibérico do início do período moderno e sobretudo na medicina, onde constituiriam uma longa tradição. O autor atribui esse destaque a características próprias de sua cultura religiosa, como atesta a presença no Torah, o corpo de leis judaicas, de textos que incentivam o conhecimento dos astros e a prática médica.<sup>74</sup> Do mesmo modo, os conhecimentos astrológicos da Cabala atribuíam ligações diretas entre o mundo dos homens e os astros e imbricavam-se na prática médica, como veremos mais adiante.<sup>75</sup>

---

<sup>74</sup> GOODMAN, David. The Scientific Revolution in Spain and Portugal. In.: The Scientific Revolution in National Context. PORTER, Roy; TEICH, Mikulás. London: Cambridge University Press. p.158-177. p. 161

<sup>75</sup> Ibid. p.162.

Quanto aos árabes, são conhecidas suas contribuições na astronomia e nas práticas de navegação marítima e na matemática lusa, que inclusive tiveram grande significância no pioneirismo ibérico durante o período das grandes navegações. No caso da medicina, entre as contribuições mais citadas pelos estudiosos está a influência de Avicena (980-1037), médico que atuou na Pérsia que é apontado como um dos responsáveis pela confluência da tradição médica hipocrático-galênica com a árabe. Suas contribuições foram importantes não apenas para a medicina portuguesa, mas também para o restante da Europa, sendo que na península ibérica é encontrada com mais intensidade, devido aos séculos de invasão muçulmana que ali deixaram heranças culturais variadas.<sup>76</sup>

No que se refere ao campo médico luso, Júnia Furtado destaca que apesar da proeminência judia e árabe, seus descendentes não ficariam imunes à discriminação por parte de alguns setores da sociedade portuguesa. O Regimento dos Médicos e Boticários dos estatutos da Universidade de Coimbra entre 1604 e 1653, por exemplo, proibia a admissão de alunos de origem judaica, cristã-nova ou moura no curso de medicina. No caso dos judeus, a autora afirma que devido à forte presença de médicos de origem hebraica, a profissão acabaria ficando marcada pela discriminação atribuída a eles e aos cristãos-novos. A situação ficaria mais acirrada com o advento da União Ibérica, o que acabaria tornando comum que diante da perseguição, muitos médicos de origem judia fossem forçados a deixar Portugal e se estabelecessem em outros países, onde muitas vezes reafirmariam suas tradições.<sup>77</sup> Como veremos no próximo capítulo, tal situação ainda persistia no século XVIII e seria determinante na trajetória de nosso personagem, o cristão-novo Antonio Ribeiro Sanches.

A íntima relação entre medicina e religiosidade era uma característica marcante entre muitas das tradições médicas portuguesas. Segundo Márcia Moisés Ribeiro: “médicos e teólogos compartilhavam das mesmas crenças, dos mesmos sistemas filosóficos, não se podendo falar ainda na existência de fronteiras rígidas entre os dois setores.”<sup>78</sup> A autora

---

<sup>76</sup> FURTADO, Júnia Ferreira. A Medicina na época moderna. In.: STARLING, Heloisa Maria Murgel; GERMANO, Lígia Beatriz de Paula; MARQUES, Rita de Cássia (org). **Medicina: história em exame**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.p.47.

<sup>77</sup> Ibid., p. 45-46.

<sup>78</sup> RIBEIRO, Márcia Moisés. **Exorcistas e demônios: demonologia e exorcismos no mundo luso-brasileiro**. Rio de Janeiro: Campus, 2003., p.43

destaca que muitos médicos da primeira metade do século XVIII voltaram-se para o tema do satanismo, o que incluía não apenas médicos menos renomados, mas também nomes de expressão.<sup>79</sup> Procurando afastar-se de uma perspectiva que enxerga essas tradições como resquícios ou contradições, Ribeiro demonstra que a temática do inferno e suas ameaças eram perfeitamente cabíveis no universo cultural lusitano do período. Sob a influência do tomismo, uma das principais referências da formação da elite intelectual portuguesa, acreditava-se que o demônio seria a causa de muitas doenças. Aos médicos, caberia a responsabilidade de alertar as pessoas sobre essas ameaças.

Nesse sentido, a teoria humoralista<sup>80</sup>, formulada pelos médicos gregos, ampliada posteriormente por Galeno e amplamente difundida na formação médica escolástica, tendia a relacionar a bile negra, também conhecida como humor melancólico, à noite e às trevas, sendo reconhecido como o humor favorito do diabo<sup>81</sup>. Assim, o indivíduo ao qual fosse atribuído um estado de predominância da bile negra estaria mais sujeito à ação do demônio. Desse modo, subentende-se uma interseção entre o discurso médico e o teológico, visto que essa concepção atribuía aos religiosos certa legitimidade para interferir em questões médicas.<sup>82</sup>

Esse universo demonológico também se relacionava com as concepções de natureza humana difundidas entre os médicos portugueses nesse período. Como já fizemos alusão anteriormente, a cultura portuguesa era marcada pela presença de tradições astrológicas, muitas delas também conformadas pela presença árabe e judia na península ibérica. Assim, a tradição astrológica ptolomaica, predominante em Portugal, atribuía aos astros o poder de interferir na região terrestre, ao provocar alterações nos quatro elementos primários que

---

<sup>79</sup> Idem.

<sup>80</sup> A teoria humoralista baseava-se no princípio de que todos os corpos eram compostos dos quatro elementos primários: ar, terra, fogo, água e ar; que se conjugavam em quatro qualidades essenciais: o quente, o frio, o seco e o úmido. Essas qualidades constituíam os quatro fluidos ou humores presentes no corpo humano: sangue, fleuma, bile negra e bile amarela. Quando o equilíbrio entre os humores é perturbado, seja pela predominância ou ausência de algum de um ou de outro, a saúde do indivíduo é imediatamente afetada. Os desequilíbrios poderiam ter causas internas relativas a características específicas do corpo como, raça, sexo, idade; ou fatores externos, como alimentação, ar, excessos de esforço ou repouso. A terapêutica entendia que o papel do médico consistiria em ajudar o corpo a restabelecer seu equilíbrio e trazer o indivíduo para seu estado natural de saúde. FURTADO, op. cit. p.74.

<sup>81</sup> RIBEIRO., op. cit., p.44

<sup>82</sup> Ibid., p.45

formavam a base da vida na Terra: fogo, ar, água e terra.<sup>83</sup> Ao conjugar os efeitos atribuídos à ação dos planetas, do Sol e da Lua, com conhecimentos sobre o zodíaco, dentre outros fatores, formava-se um sistema de relações bastante complexo, cujo manejo poderia prever o temperamento de pessoas e, em certa medida, a ocorrência futura de grandes eventos coletivos. Nesse sentido, essa suposta capacidade da prática astrológica suscitava debates intensos com o discurso católico, uma vez que a possibilidade de se prever eventos futuros interferia diretamente no princípio do livre-arbítrio, caro ao discurso tridentino. Vale acrescentar que a definição do alcance do poder dos astros sobre a vida terrestre não era consenso nem entre os astrólogos, mas de qualquer forma, a questão gerava desconfiança nos teólogos. No entanto, isso não quer dizer que eles fossem opositores do conhecimento astrológico, muito pelo contrário, muitos teólogos enxergavam as relações entre os astros e o mundo dos homens como possíveis meios a partir dos quais Deus poderia intervir na vida terrena. Em linhas gerais, podemos afirmar que as resistências tinham origem na possibilidade de determinação das ações humanas futuras a partir dos astros, o que punha em questão o livre-arbítrio. De resto, a influência dos astros poderia ser admitida, desde que afetasse somente o corpo humano, deixando a alma racional completamente imune.<sup>84</sup>

Nesse sentido, o conhecimento astrológico era usado por muitos com a intenção de prever as doenças que poderiam incorrer em determinadas pessoas. Era comum que essas práticas se baseassem numa confluência entre o conhecimento astrológico e a teoria humoral, como aponta Luís Carolino:

“Como se considerava que havia quatro tipos de *humores* – o sangue, a fleuma, a cólera e a melancolia – *humores*, que tinham correspondência com as quatro qualidades primárias dos planetas [frio, secura, calor e umidade], nada mais natural que uma doença resultasse da ação prejudicial de um planeta que provocava o excesso de um *humor* em detrimento dos outros.”<sup>85</sup>

---

<sup>83</sup> CAROLINO, Luís Miguel. **A escrita celeste**: almanaques astrológicos em Portugal nos séculos XVII e XVIII. Rio de Janeiro: Acces, 2002. p.15

<sup>84</sup> Ibid. p. 22-24.

<sup>85</sup> Ibid. p.27.

Essas relações estavam na base da concepção na natureza humana como um microcosmo, originária da cultura greco-romana e bastante difundida na Idade Média e no renascimento. O homem era entendido como uma espécie de “resumo” do cosmos, de modo que tudo o que está presente naquele encontra-se representado no indivíduo. Para os praticantes da arte médica, isso se traduzia no imperativo de dominar essas relações através de conhecimentos de natureza não apenas médica, mas também, alquímica, astrológica e filosófica. Assim, sua atuação dependeria do manejo da simbologia e das alegorias inseridas nessas tradições, de modo a articular o conhecimento médico com outras formas de interação com o mundo natural. Jean Abreu destaca que as teorias do microcosmo relacionavam-se com a teologia cristã, no sentido de que Deus seria o grande “artífice” e “arquiteto” das relações entre o homem e o cosmos, assim, o conhecimento do corpo comprovaria, sobretudo, a existência e a perfeição de Deus. Desse modo, na medicina luso-brasileira da primeira metade do século XVIII a jurisdição do conhecimento sobre o corpo continuava indissociável de temas relativos à filosofia natural, religião e astrologia, constituindo uma ampla e fluida tradição que deitava raízes em fontes distintas e bastantes arraigadas no imaginário luso.<sup>86</sup>

A larga presença dessas concepções na cultura popular portuguesa do século XVIII, pode ser comprovada pela popularidade dos almanaques astrológicos conforme atesta Luís Miguel Carolino. Publicado com maior intensidade entre os séculos XVII e XVIII, esse gênero literário ganhou larga difusão na sociedade europeia com edições anuais de largas tiragens, livros de pequenas dimensões e preços acessíveis. Tinham como objeto a previsão dos tempos futuros, o que incluía não apenas informações sobre os dias e os meses do ano, as datas das festividades religiosas, feriados e fases da lua, mas também as previsões dos astrólogos para o ano vindouro.<sup>87</sup> De acordo com o autor, para o público amplo e sem ligação direta dos círculos letrados, a ação celeste tendia a ser vista como mais forte e efetiva do que concebiam os teólogos e os filósofos. Era comum que se explicassem sucessos e infortúnios a partir dessas influências, assim como eventos de maior relevância

---

<sup>86</sup> ABREU, Jean Luiz Neves. **Nos domínios do corpo: o saber medico luso-brasileiro no século XVIII**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.. p.60-63.

<sup>87</sup> CAROLINO., op. cit. p.07.

para a comunidade, como a morte de monarcas e príncipes. Assim, Carolino atribui não apenas uma científica para o saber astrológico, mas também política e religiosa.<sup>88</sup>

Conforme já foi mencionado, no âmbito formal do ensino médico universitário português, até a primeira metade do século XVIII o ensino da medicina na Universidade de Coimbra tinha como base os autores da antiguidade, como Hipócrates e Galeno, além de seus comentadores árabes na Idade Média, como Avicena. Como afirma Jean Abreu, formular novos saberes não estava entre os principais objetivos do ensino, mas sim preparar os alunos para atuar de acordo com o conhecimento preestabelecido.<sup>89</sup> Nesse sentido, apesar da familiaridade dos jesuítas com os temas relativos à filosofia natural reformada, as ideias alternativas ao pensamento tridentino estavam longe de se tornarem hegemônicas, ou pelo menos, de ditarem as orientações mais gerais do ensino médico.

Em resumo, para os médicos educados nos termos da tradição médica galênica, hegemônica na formação universitária portuguesa do período, a cura era entendida como o processo de restabelecimento do equilíbrio dos humores, geralmente perturbado por desvios morais do indivíduo ou por fatores como higiene, clima e alimentação. Na esteira das concepções sobre a natureza humana como microcosmo, descritas acima, a saúde era entendida como um estado de harmonia do corpo com seu meio. Este estado deveria ser almejado pela prática médica através do conhecimento das qualidades e do poder simpático ou antipático da matéria sobre o corpo humano, o que também poderia ser conjugado com domínio das simbologias oriundas da tradição astrológica. Para isso recorriam à ampla gama de matérias providas pelos reinos animal, vegetal e mineral:

“A combinação entre a temperatura e a qualidade de plantas, minerais e animais era usada, a partir desses princípios, como prescrição para reencontrar o equilíbrio do corpo humano. Por exemplo, o sangue era vermelho e molhado e, quando em excesso, demandava a prescrição de algo frio e seco para contrabalançar”<sup>90</sup>

---

<sup>88</sup> Ibid. p.08.

<sup>89</sup> ABREU., op. cit., p.17

<sup>90</sup> FURTADO., op. cit. p.36.

Apesar da forte presença dessas concepções, o campo da filosofia natural portuguesa setecentista também foi marcado pela ascensão de ideias alternativas que procuravam explicar os fenômenos patológicos, com destaque para a filosofia mecânico-corpúscular. As concepções mecanicistas eram apontadas por seus adeptos como alternativa para ao ensino escolástico formal, que por sua vez, passou a ser frequentemente desqualificado como irracional e impreciso. Nesse sentido, diante dessas transformações e do paulatino enfraquecimento da pedagogia escolástica, a noção do que era considerado sobrenatural se alterou. Vale ressaltar que esse processo não foi uniforme e não subentende a substituição de um sistema de crenças por outro, mas sim um entrelaçamento complexo de diversas crenças e tradições, marcado por permanências e apropriações diversas das novas ideias.<sup>91</sup> No caso do discurso médico, se antes a atuação do demônio no mundo e as relações entre o macrocosmo e o microcosmo eram partes intrínsecas dos sistemas médico-teológicos, especialmente a partir da segunda metade do século XVIII, esses fatores começaram a ser enxergados por grupos médicos influentes como alheios aos fenômenos patológicos<sup>92</sup>.

Nesse processo, muitos reformadores do conhecimento médico como, Boneli, Harvey e Versalius passaram a ser citados com maior frequência nos tratados de medicina editados em Portugal. No caso do estudo das doenças, Herman Boerhaave, famoso médico

---

<sup>91</sup> Parte da literatura que se ocupa da medicina luso-brasileira no século XVIII é enfática ao afirmar que mesmo entre os médicos vinculados às concepções médicas reformadas, o saber mágico-teológico ainda se fazia influente. Apesar do referencial mecânico, Hipócrates e Galeno continuaram como fundamentação das asserções de muitos médicos portugueses, fosse por medo da perseguição inquisitorial ou porque as autoridades antigas continuaram como referência para muitos desses autores. O mesmo vale para outros campos do saber pois, como relata Márcia Ribeiro, em alguns setores havia certa insegurança com as novas formas de explicar os fenômenos naturais. Até mesmo entre adeptos das teorias astronômicas ligadas às concepções mecânicas, havia aqueles que ainda atribuíam simbolismos aos astros, especialmente sobre sua suposta capacidade de prever o futuro. Com o terremoto de Lisboa em 1755, as crenças nesses novos referenciais filosóficos sofreram forte abalo, sendo comum que intelectuais ilustrados recorressem à interferência divina como forma de dar conta das causas de um evento tão inesperado quanto catastrófico, (a exemplo do próprio Antonio Ribeiro Sanches, como veremos no próximo capítulo). A autora conclui que mesmo com o advento das reformas, a cultura portuguesa jamais chegou aos extremos de uma anti-religião. RIBEIRO, Márcia Moisés., *op. cit.*, p.36-40. Ver também: ABREU, Jean Luiz Neves., *op. cit.* sobre essas continuidades no campo médico; e VILLALTA., *op. cit.* sobre a presença de dos milenarismos na cultura portuguesa pouco antes das reformas.

<sup>92</sup> Márcia Moisés Ribeiro aponta uma transformação na própria noção de superstição. Nos sistemas tradicionais eram assim considerados os malefícios em si, ou seja, o ato de fazer mal a alguém com a ajuda do diabo. Para o pensamento moderno, “supersticioso passa a ser aquele que crê na existência de bruxas, feiticeiras e na sua imaginada capacidade de provocar o mal.” RIBEIRO., *op. cit.*, p.149-150.

holandês de Leyden tornou-se uma das principais referências.<sup>93</sup> A difusão dessas ideias no reino teve contribuição importante dos médicos portugueses que tiveram passagem por outras universidades européias, muitos deles, mesmo sem retornar ao reino, colocaram seus conhecimentos adquiridos no estrangeiro a serviço das reformas do ensino médico luso. Já fizemos alusão a esses intelectuais, denominados “estrangeirados” por parte da historiografia, na primeira seção desse capítulo, e dentre os que contribuíram mais ativamente para a renovação de ideias no campo médico português, podemos destacar o já citado Luis Antonio Verney, José Rodrigues Abreu, Jacob de Castro Sarmiento, e Antonio Ribeiro Sanches.

Verney, em seu *Verdadeiro Método de Estudar*, era claro ao comparar o corpo humano a uma máquina hidráulica, “muito mais perfeita que um relógio” e afirmar que aqueles que não têm conhecimento da anatomia, “não são capazes de saber medicina.”<sup>94</sup> Jacob de Castro Sarmiento, à semelhança de Antonio Ribeiro Sanches, seria mais um cristão-novo vítima de perseguições em território português que se viu forçado a abandonar o reino por causa de problemas com o tribunal inquisitorial. Em 1720, foi denunciado junto com vários outros conversos pelo médico Francisco de Sá e Mesquita, e no ano seguinte, mudou-se para Londres, onde aderiria publicamente à religião judaica e trocava seu nome de nascimento, Henrique de Castro, pelo nome com o qual é conhecido. Conseguiu boa inserção no meio filosófico inglês, o que lhe renderia o título de *Fellow* da *Royal Society* em 1730.<sup>95</sup> Durante sua estadia na capital inglesa voltou parte de sua produção intelectual para a realidade portuguesa a pedido de D. João V, sendo consultado sobre a reforma do ensino médico em Portugal, além de traduzir para o português as obras filosóficas de Francis Bacon e publicar obra sobre a teoria das marés sob a luz da física newtoniana<sup>96</sup>. No entanto, sua obra mais conhecida é *Matéria médica, físico-histórico-mecânica*, que teve sua

---

<sup>93</sup> ABREU, Jean Luiz Neves. Ilustração, experimentalismo e mecanicismo: aspectos das transformações do saber médico em Portugal no século XVIII. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, jul-dez., pp. 80-104, 2007., p.93-97.

<sup>94</sup> ABREU., op. cit., p.65

<sup>95</sup> DIAS, José Pedro Souza. Jacob de Castro Sarmiento e a conversão à ciência moderna. In: ***Primeiro Encontro de História das Ciências Naturais e da Saúde***. Lisboa: Centro de Estudos de História das Ciências Naturais e da Saúde (Instituto de Investigação Científica Bento da Rocha Cabral) e Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa., p.58.

<sup>96</sup> Obra, de 1737, intitulava-se *Teórica verdadeira das marés*, conforme à filosofia do “incomparável cavalheiro Isaac Newton”. Ibid. p.63.

primeira parte, dedicada aos medicamentos de origem mineral, publicada em 1735, sendo que a segunda, dedicada aos medicamentos de origem animal e vegetal, só veria a luz do dia 23 anos depois. A obra, fiel à vertente modernizadora do conhecimento médico procurava divulgar os princípios da iatro-mecânica com forte teor das concepções newtonianas e boerhaverianas.<sup>97</sup>

José Rodrigues de Abreu era um prestigiado funcionário da Coroa e prestou seus serviços em diversos domínios portugueses, chegando a passar algum tempo no Brasil, onde teve passagens por Rio de Janeiro, São Paulo e Minas do Ouro. Era dono de vasta biblioteca e chegou a ser eleito membro da Academia Médica Ibérica do Porto. Ao longo das muitas viagens que fez a serviço do reino, acumulou observações e notícias das virtudes medicinais de diversas ervas e plantas, além de observações náuticas, publicadas no volume *Luz dos cirurgiões embarcados, que trata das doenças epidêmicas de que costumam enfermar os que se embarcam para os portos ultramarinos*.<sup>98</sup> No entanto, sua obra mais conhecida é *Histotologia Médica, fundada e estabelecida nos princípios de George Ernesto Sthal*, na qual procurava divulgar as ideias animistas do famoso médico prussiano em Portugal.

A trajetória e as concepções médicas de António Ribeiro Sanches serão objeto de nosso próximo capítulo. No momento, nos limitaremos a localizá-lo entre os médicos portugueses da primeira metade do setecentos que procuraram intervir na cultura médica lusa através da divulgação de conhecimentos alternativos às concepções mais tradicionais que permaneciam hegemônicas no ensino da Medicina no reino. Sobre esse aspecto, vale ressaltar que, com o advento das reformas pombalinas, a renovação do ensino médico tornou-se interesse do próprio Estado. Todos os intelectuais que acabamos de citar foram contratados pela Coroa para produzir obras de divulgação de novos conhecimentos. Veremos como Sanches, por exemplo, receberia pensão vitalícia do governo português em troca da produção de obras voltadas para o tema das reformas em Portugal. Além dele, Luis Verney teria papel destacado como conselheiro das reformas educacionais e Castro Sarmiento teria estabelecido boas relações com o próprio Pombal.

---

<sup>97</sup> Ibid. p.60-62.

<sup>98</sup> FURTADO, op. cit. p.53.

Tal estado de coisas se refletiu na produção do *Compêndio histórico* encomendado pela Junta Literária pouco antes da reforma universitária de 1772. No que se refere ao ensino da medicina, o documento mostrava-se bastante apologético das idéias iluministas e, afinado com os setores reformadores da intelectualidade portuguesa, dava grande valor a figuras como William Harvey e Boerhaave dentre outros médicos e anatomistas que tinham grande influência na renovação do conhecimento médico do período. Nesse contexto, o estudo da anatomia passou a ser reivindicado como imprescindível para a formação médica. Segundo Abreu, o próprio *Compêndio* era enfático ao acusar os jesuítas pelo atraso dos estudos anatômicos e afirmava que, embora os livros de Galeno oferecessem preciosas lições sobre o tema, eram insuficientes.<sup>99</sup>

Embora a reivindicação pelos estudos anatômicos como parte da formação universitária fosse uma tônica do discurso reformador, não podemos ignorar que essa prática já se encontrava inscrita no ensino médico português pelo menos desde o período manuelino (1469-1521), quando foi instituída a cadeira de Anatomia e Cirurgia na Universidade de Coimbra. Sobre esse aspecto, Júnia Furtado contesta a aversão ao estudo da anatomia atribuída ao discurso católico por parte da historiografia:

“É um equívoco a afirmação de que a Anatomia foi banida dos países católicos. Ao contrário, em Portugal, desde cedo, era parte integrante do currículo do curso de Medicina. Por essa época [período manuelino], o livro de Vessalius, *Suorum de Humani corporis fabrica epítome*, de 1543, que condensava o conhecimento anatômico disponível até então, era adotado na universidade, juntamente com os ensinamentos de Galeno. O que a Igreja condenava era a anatomia feita a título privado ou por não especialistas.”<sup>100</sup>

No contexto do reformismo do século XVIII a reivindicação pelos estudos anatômicos era motivada pelo prestígio das teorias iatromecânicas em detrimento da fisiologia humoralista e estava na base do movimento de contestação do modelo de ensino

---

<sup>99</sup> Ibid., op. cit. p. 87-88.

<sup>100</sup> FURTADO, op. cit. p.49.

escolástico. Não à toa, a pesquisa sobre a circulação sanguínea de William Harvey (1578-1657), anatomista ligado à escola médica aristotélica de Pádua, fora tomada como exemplo da aplicação das concepções mecanicistas ao estudo do corpo humano.<sup>101</sup>

É importante notar que no decurso dessas transformações, o próprio discurso médico adquiria feições cada vez mais distintas e voltadas para a intervenção no mundo privado. Como veremos no último capítulo, esse novo vocabulário médico foi forjado no interior dos debates entre teorias não apenas mecanicistas, mas também animistas e vitalistas que permearam os círculos médicos europeus ao longo do século XVIII, nos quais foram propostas várias concepções de natureza humana que fundamentavam discursos distintos sobre o corpo, a doença e o comportamento dos indivíduos.

Jean Abreu aponta que a Europa de século das Luzes conheceu ampla produção de tratados e manuais de medicina voltados para a “saúde dos povos”. O mundo ibérico teria acompanhado essa tendência. Na Espanha e suas colônias, desde meados daquele século, a tradução e produção de manuais desse tipo foram acompanhadas de regulamentações do saneamento das cidades e organização de sistemas contra as epidemias.<sup>102</sup> No contexto luso-brasileiro, a saúde da população começa a ser alvo de preocupações do Estado. Apesar dos limites das intervenções, houve esforços de caráter administrativo e fiscalizador, como a instituição da Junta do Protomedicato em 1782 que ficou com a incumbência de reprimir as atividades de cura realizadas sem licença e de forma clandestina.<sup>103</sup> Márcia Moisés Ribeiro também salienta que, apesar da relativa ausência estatal nesse assunto, os tratados de medicina começaram a mostrar preocupação com a saúde dos colonos, especialmente dos escravos. O *Erário Mineral*<sup>104</sup> possuía capítulos inteiros sobre a saúde dos cativos e, assim como outros tratados do período, procurava “instruir os senhores sobre a melhor

---

<sup>101</sup> Como exemplo desse processo, John Henry demonstra como Descartes, ao recorrer aos estudos de Harvey sobre o coração e o sangue, eliminou as conclusões do anatomista sobre a presença de um poder inato vital no sangue, dotado de uma propriedade pulsativa própria, para produzir uma explicação mecanicista para a circulação sanguínea. HENRY, John. *A revolução científica e as origens da ciência moderna*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998., p.77-78.

<sup>102</sup> ABREU., op. cit., 121.

<sup>103</sup> Ibid., p.122.

<sup>104</sup> O *Erário Mineral*, de autoria do cirurgião-barbeiro Luís Gomes Ferreira, foi editado em 1735. A obra é composta de relatos de experiências de Ferreira na capitania de Minas Gerais. Além de descrever os principais males da região, o autor disserta sobre os meios mais eficazes de cura utilizados por ele e lista alguns dos mais principais remédios utilizados na época e suas funções.

forma de manutenção de seus plantéis, o que, certamente, redundava em menores prejuízos.”<sup>105</sup> Sobre esse aspecto, não podemos perder de vista que o interesse estatal nesses assuntos também tinha íntima relação com o utilitarismo das reformas econômicas. Assim a ciência tornava-se uma aliada necessária na tarefa de conservar os corpos para explorá-los ao máximo.<sup>106</sup>

Dentre os diversos tratados de higiene publicados nesse período, além do Erário Mineral de Luis Gomes Ferreira, destaca-se o *Tratado da Conservação da Saúde dos Povos* (1756) de Antonio Ribeiro Sanches, analisado com mais detalhes no próximo capítulo; *Medicina Doméstica* do médico escocês Guilherme Buchan e *A arte de se tratar a si mesmo nas enfermidades venéreas, e de se curar os seus diferentes sintomas* de Mr. Bourru, ambos com significativa circulação em Portugal.<sup>107</sup> Em *Âncora medicinal para conservar a vida com saúde* (1721), por exemplo, Fonseca Henriques afirma que, ao contrário de suas obras anteriores, essa se destinava aos sãos, pois se as outras procuravam curar as enfermidades, essa era para não deixar adoecer e conservar a saúde.<sup>108</sup>

Os tratados procuravam apresentar medidas destinadas não só à cura e prevenção das doenças, mas também ao combate a focos e causas da sua propagação. Nesse sentido, o clima e o ar atmosférico eram apontados como alguns dos principais fatores etiológicos, remontando ao clássico texto do *corpus hippocraticum Ares, águas e lugares*.<sup>109</sup> Além desse, há uma clara influência dos escritos de Sydenham, médico inglês do século XVII, considerado por Ribeiro Sanches o “Hipócrates de nosso tempo”<sup>110</sup>. Abreu afirma que Sydenham foi um dos pioneiros na abordagem topográfica das doenças, constituída pela análise pormenorizada dos terrenos, água, ar, sociedade e temperamento dos habitantes.

Além de prezar pela saúde da população, é importante mencionar que toda essa literatura tinha em comum a intenção de divulgar o saber médico como forma de impedir que a população ficasse à mercê do que consideravam charlatanice, ou seja, os

---

<sup>105</sup> RIBEIRO, Márcia Moisés *A ciência dos trópicos: a arte médica no Brasil do século XVIII*. São Paulo: Hucitec, 1997., p. 112-113.

<sup>106</sup> *Ibid.*, p. 112. Sobre o utilitarismo das reformas do império português no século XVIII, retomar a nota 36.

<sup>107</sup> ABREU., op. cit., p. 126

<sup>108</sup> *Ibid.*, 127.

<sup>109</sup> *Ibid.*, p.132.

<sup>110</sup> SANCHES, Antonio Ribeiro. *Dissertação sobre as paixões da Alma*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2003., p.2.

representantes de práticas médicas populares. Escritos em língua vernácula, os tratados eram destinados ao público leigo e àqueles sem iniciação formal nas concepções médicas consideradas legítimas por seus autores. Ribeiro Sanches, por exemplo, indicava a leitura do *Tratado para a Conservação da Saúde dos Povos* a capitães, generais, médicos e pais de família, daí sua intenção de escrever a obra em “estilo claro”.<sup>111</sup>

Outro assunto absorvido por esse novo discurso médico foram os chamados “regimes de viver”. Mais voltado para a esfera privada, esse tema procurava estabelecer padrões de conduta ideais que pudessem garantir a saúde dos indivíduos. Nesse sentido, a moderação tornava-se a palavra de ordem, assim, Fonseca Henriques procurava apresentar as qualidades medicinais dos alimentos e bebidas e procurava prescrever uma dieta adequada aos indivíduos de acordo com sua idade e as estações do ano.<sup>112</sup> Na juventude, recomendava o consumo de alimentos refrigerantes, adequado ao intenso calor das idades mais tenras, na velhice, por sua vez, eram mais adequados os alimentos quentes e úmidos devido ao fato de que, nessa idade, os indivíduos tornavam-se mais frios e secos.<sup>113</sup>

Nessa literatura, o descontrolo não só da alimentação, mas do regime de vida em geral, teria conseqüências nefastas para o físico e moral dos indivíduos. Por esse viés, os médicos procuravam intervir diretamente nos padrões de comportamento e ditar as diretrizes adequadas. É importante dizer que isso não configura uma inovação no contexto cultural luso. A diferença é, não só de ênfase, mas também, em alguns casos, de escopo, pois a higiene se apresenta como aliado do Estado e pretende o monopólio do discurso legítimo. Assim, o que antes era tratado na sermonística cristã, passa a ser reivindicado pelo médico. Marina Massimi analisou as metáforas alimentares nos sermões de pregadores brasileiros no século XVII.<sup>114</sup> A autora identifica os sermões como um meio fundamental de transmissão de saberes numa cultura ainda marcada pela oralidade. Nesse sentido, as mensagens pedagógicas pretendidas pelos pregadores eram passadas aos fiéis por meio de uma estratégia centrada na construção de imagens através do uso de metáforas.<sup>115</sup>

---

<sup>111</sup> ABREU., op. cit., p. 130-131.

<sup>112</sup> Ibid., p.157.

<sup>113</sup> Ibid., p.157-158.

<sup>114</sup> MASSIMI, Marina. Alimentos, palavras e saúde (da alma e do corpo), em sermões de pregadores brasileiros do século XVII, *Hist. Cien. Saúde – Manguinhos*, v. 13, n2, p. 253-70, abr-jun. 2006.

<sup>115</sup> Ibid, p.54

Massimi afirma que as metáforas alimentares tinham suas raízes teóricas na fisiologia aristotélica, que constituía uma das bases do discurso católico sobre o corpo e a natureza humana no período. A língua seria a residência de duas funções naturais: o gosto e a palavra. O gosto seria função necessária a uma grande quantidade de animais, e a fala seria responsável pela expressão do pensamento. Na tradição ética teológica medieval, a língua teria dupla função, por ser vista como um órgão de cruzamento entre corpo e alma.<sup>116</sup> Nesse sentido, a recepção da mensagem divina pelo indivíduo era constantemente representada através da alegoria da alimentação: do mesmo modo que o homem digere os alimentos, também o faria com os ensinamentos de Deus. Essa concepção passa, inclusive, a fundamentar uma inter-relação entre o benefício específico que determinado alimento traz para o corpo e sua correspondência espiritual. Codorniz e perdiz, por exemplo, eram alimentos indicados pelo padre Lourenço Craveiro, da Companhia de Jesus, como o alimento dos convalescentes, ao passo que também deveria ser usado pelos pecadores arrependidos, portanto também convalescentes diante de Deus.<sup>117</sup>

A partir do século XVIII, o tratamento do moral torna-se alvo da ofensiva médica sobre a tradição católica. Além de reivindicar a primazia discursiva sobre o corpo, os médicos afirmam-se como os únicos aptos a compreender suas ligações com a alma, assim, os comportamentos pecaminosos ou imorais são patologizados. Procura-se diagnosticá-los e tratá-los por caminhos alternativos à virtude cristã. Nesse processo de ampliação de sua jurisdição, a medicina acaba por transpor os tradicionais limites de suas atribuições e interpela a esfera da Teologia, do Direito e da Filosofia Moral pela legitimidade de dissertar sobre a moralidade. Nesse sentido, as paixões da alma tornam-se tema de tratados médicos que procuravam identificar as paixões e seus efeitos sobre o corpo, do mesmo modo que buscavam os meios através dos quais o corpo poderia afetar a alma. Assim, ao invés de cominar o castigo ou o ascetismo, um grupo de médicos passou a almejar a normalidade pela cura. Desse modo, a imagem do criminoso, como a do pecador, foi parcialmente reconstruída como uma morbidade, a partir do multifacetado movimento ilustrado luso.

No próximo capítulo, faremos uma incursão pela biografia e obra de nosso personagem visando localizá-lo no contexto das reformas ilustradas em Portugal. No curso

---

<sup>116</sup> Ibid, p.57

<sup>117</sup> Ibid, p.67

de sua trajetória, apontaremos as redes de circulação de ideias através das quais ele cultivava relações políticas, pessoais e científicas. Por fim, veremos de que forma ele acionava seu conhecimento médico em suas obras para fundamentar seus posicionamentos diante da cultura portuguesa do período, especialmente no que tange ao Direito e a Teologia, no contexto de sua reivindicação de um novo papel para a medicina no interior da cultura lusa reformada.

## CAPÍTULO II

### MEDICINA POLÍTICA: AS REDES DE RIBEIRO SANCHES E SUAS PROPOSTAS DE REFORMA PARA PORTUGAL.

#### 2.1 Trajetória e relações com a intelectualidade ilustrada.

Ribeiro Sanches nasceu em Penamacor em 7 de março de 1699 e faleceu em Paris no ano de 1783, às portas da Revolução Francesa. Filho de Ana Nunes Ribeiro e Simão Nunes. De acordo com Vicq D'Azyr em seu elogio póstumo ao médico português, sua família descendia da casa dos Nunes, que viveram em Roma no século XVI. Seu pai, um bem-sucedido comerciante da região da Beira tinha gosto pelas letras e teria iniciado seu filho na leitura de Montaigne e Plutarco.<sup>118</sup> Aos 13 anos iniciou os estudos preparatórios para ingresso no Colégio das Artes na cidade de Guarda onde, por influência de seu tio Diogo Nunes Ribeiro, médico em Lisboa, aproximou-se do Dr. Bernardo Lopes de Pinho, frustrando as vontades de seu pai que o queria seguindo carreira no Direito.<sup>119</sup>

Entre 1716 e 1718, foi aluno do Colégio das Artes em Coimbra, na época ainda sob a tutela Companhia de Jesus, situação que só mudaria com o Alvará de 1759. De acordo com José Luiz Doria, durante esse período o Colégio foi marcado por conflitos devidos ao inconformismo dos alunos com os posicionamentos conservadores de seus professores. Ao que parece, Sanches não ficou imune aos debates, mas cultivou uma relação amigável com o Padre Manuel Baptista, seu professor de filosofia, cuja influência seria destacada por ele em suas obras posteriores. Diante da situação desfavorável em Coimbra por conta do clima tenso entre professores e alunos no Colégio das Artes, Sanches prossegue seus estudos na

---

<sup>118</sup> VICQ D'AZYR, Félix. *Éloges historiques*. V.3. Paris: Duprat-Duverger, 1805., p.218.

<sup>119</sup> DORIA, José Luis. Antonio Ribeiro Sanches. A Portuguese doctor in 18th century Europe. *Versalius.*, v.7, n.1, pp. 27-35, 2001., p.27-28.

Universidade de Salamanca, na qual iniciaria seus estudos de medicina em 1720, formando-se em 1724, aos vinte e cinco anos de idade.<sup>120</sup>

Após a obtenção de sua licenciatura em medicina, Sanches retornou a Portugal, onde exerceu a prática médica durante breve período na cidade de Benaventi<sup>121</sup>. Pouco tempo depois, deixou sua terra natal para nunca mais retornar. Parte da historiografia atribui as razões de sua partida de Portugal a questões religiosas, especialmente pela perseguição inquisitorial, da qual seus pais e alguns parentes haviam sido vítimas por conta de sua condição de cristãos-novos. Raul Rêgo revela que o pai de Sanches, Simão Nunes havia se apresentado ao Santo Ofício em 1715, enquanto ele esteve hospedado na casa de sua tia, Leonor Mendes.<sup>122</sup> Segundo o autor, o próprio Ribeiro Sanches foi denunciado pelo seu primo, Manuel Nunes Sanches em 1726. No mesmo período, seu tio, Diogo Nunes Ribeiro, médico que o recebeu após sua volta de Salamanca, teria sido também vítima de outra denúncia<sup>123</sup>.

Rêgo afirma que esses episódios teriam levado Sanches a fugir de Portugal para Londres, onde “professaria o judaísmo livremente” durante algum tempo<sup>124</sup>. Porém, quando escreveu *Cristãos Novos e Cristãos Velhos em Portugal*, obra de 1735 mas só publicada em 1748, o autor já haveria se convertido ao catolicismo.<sup>125</sup> No texto, assinado com o codinome *Philopater*<sup>126</sup>, o autor denunciava as humilhações às quais eram submetidos os cristãos-novos no Portugal de sua época, através da exigência de atestados de pureza de sangue para a ocupação de cargos públicos importantes e para ingresso na vida eclesiástica, bem como os efeitos da perseguição inquisitorial na vida familiar dos descendentes de

---

<sup>120</sup> Ibid. p.28.

<sup>121</sup> CUNHA, Fanny Andréa Font Xavier da. Antonio Nunes Ribeiro Sanches. Médico higienista (1699-1783). In.: **Cadernos de Cultura: Medicina na Beira Interior - da pré-história ao séc. XIX**. v.1, n.1, pp. 19-27, 1989.

<sup>122</sup> SANCHES, Antonio Ribeiro. **Christãos-novos e christãos-velhos em Portugal** (ed. Raul Rego). Porto, 1973. p.09

<sup>123</sup> Ibid., p.10.

<sup>124</sup> Ibid., p.11.

<sup>125</sup> Segundo Luís de Pina, uma versão preliminar do texto teria sido enviada por carta a Sampaio Valadares, um médico amigo de Sanches em Portugal em 15 de julho de 1735. Nela, além da obra, Sanches afirmava sua fé católica: “declaro e afirmo do modo mais expressivo e valioso que sou cristão católico romano e que creio tudo aquilo que crê e ensina a Santa Igreja Católica romana em cuja fé e religião verdadeira prometo viver e morrer”. PINA, Luís de. **Verney, Ribeiro Sanches e Diderot na história das universidades**. Porto: Centro de Estudos Humanísticos, 1955. p.12 apud LEMOS, Maximiano, 1911., p.109.

<sup>126</sup> Idem.

judeus ao se referir ao “desprezo universal que tinham e tem todos os portugueses pela desgraçada Nação judaica, arraigado no coração desde a mais tenra infância<sup>127</sup>”. Na sua visão, esse desprezo seria expressado cotidianamente:

“Os que têm melhor educação, lá dão seus sinais de distinção, mas com maior decência: um quando fala com ele lhe diz uma meia palavra de Cão, outro por gíria lhe chama Judeu; outro põe a mão no nariz; outro antes que fale dá uma Cutilada de dedos pelos bigodes; a maior parte faz acenos que tem rabo. Este é o trato que tem um Cristão novo com os seus compatriotas; esta é a satisfação com que vive na sua Pátria; e como o ser desprezado incita à vingança, não vive mais que roído do ódio, e do fingimento.”<sup>128</sup>

De fato, no Portugal do século XVIII, mesmo com o gradativo arrefecimento do aparato inquisitorial, sua atuação contra os cristãos-novos acusados de judaísmo ainda se fazia presente. As delações, mesmo que infundadas, arruinavam a vida de muitas famílias de descendência judia, confiscando seus bens ou até mesmo condenando-os a queimar na fogueira inquisitorial. De acordo com Robert Rowland, mesmo que inocentes, os acusados tinham possibilidades muitíssimo reduzidas de se livrar das punições, o que os levava muitas vezes a forjar confissões de práticas que não haviam cometido para receberem penas mais brandas.<sup>129</sup> Após o julgamento, eram geralmente banidos do convívio com cristãos-velhos e manchavam a genealogia de suas famílias, sendo estigmatizados por gerações pela suspeita de infidelidade ao catolicismo.<sup>130</sup> Rowland afirma que no século XVIII, a própria inquisição funcionava também como instrumento de ascensão e afirmação social, uma vez que a nomeação para qualquer um de seus cargos exigia uma extensa investigação genealógica na vida do candidato para determinar se havia indícios de “sangue infecto”<sup>131</sup>.

---

<sup>127</sup> SANCHES, Antonio Ribeiro. **Cristãos novos e cristãos velhos em Portugal**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2003., p.01.

<sup>128</sup> *Ibid.*, p.03.

<sup>129</sup> ROWLAND, Robert. Cristãos-novos, marranos e judeus no espelho da Inquisição. **Topoi.**, v.11., n.20., p.172-188., jan-jun, 2010. p. 181.

<sup>130</sup> *Idem.*

<sup>131</sup> *Ibid.* p.183-184.

Quando aprovado, o candidato, e por consequência sua família, poderiam ostentar a comprovação de sua pureza de sangue, tornando-se de grande interesse possuir membros do tribunal inquisitorial entre os familiares.

Essas práticas contribuíam para a perpetuação da diferenciação entre cristãos novos e velhos ao longo do tempo, marcando identidades e aguçando rivalidades e fazendo com que “a ‘questão judaica’ em Portugal se tornasse cada vez menos uma questão religiosa e cada vez mais uma questão de relação entre grupos sociais em todos os níveis da sociedade.”<sup>132</sup> Desse modo, considerando os relatos de Sanches sobre a perseguição aos cristãos-novos, é provável que ele tenha experimentado ao longo de sua vida em Portugal certo clima de tensão relativo à sua ascendência judia e aos riscos de uma possível delação, o que de forma ou de outra, pode ter contribuído para sua saída do reino. Vicq D’Azyr afirma que o médico tinha “um ressentimento profundo” com a inquisição, que havia vitimado alguns de seus parentes e amigos. Ele inclusive teria lhe dedicado um manuscrito intitulado “*Pensamentos sobre a inquisição, para meu uso*” do qual não temos maiores informações. Segundo o autor, esse sentimento em relação ao tribunal inquisitorial teria sido o motivo de Sanches escolher a França ao invés de Portugal para se estabelecer após sua saída da Rússia em 1747.<sup>133</sup>

Sem discordar das questões relativas às perseguições aos cristãos-novos, Ana Cristina Araújo associa a saída de Ribeiro Sanches de Portugal em 1726 à curiosidade científica que cultivava desde sua juventude, a qual aliada à pouca divulgação das ideias ilustradas no reino, acabaram motivando sua saída para “aprender o que jamais se pode aprender nele”, como confessaria em carta enviada a Francisco de Pina e Melo em 1769.<sup>134</sup> No entanto, a própria autora admite que a escolha de Londres, como primeiro destino no qual se estabeleceria fora de sua terra, fora motivada, pelo menos inicialmente, pela busca de uma nova identidade religiosa. Porém, apesar da força da comunidade judaica portuguesa na capital inglesa, ele teria se decepcionado com as exigências de espírito

---

<sup>132</sup> Ibid. p. 184.

<sup>133</sup> VICQ D’AZYR. op. cit. p. 242.

<sup>134</sup> ARAÚJO, Ana Cristina. Ilustração, pedagogia e ciência em Antônio Nunes Ribeiro Sanches. *Revista de História e teoria das idéias. Revoltas e revolução*. Coimbra. Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, v. 6, p. 377-395, 1984. p. 386.

dogmático e disciplina de culto, deixando em segundo plano as preocupações religiosas e dedicando mais de seu tempo à matemática e às ciências experimentais.<sup>135</sup>

Vale destacar que Londres foi apenas uma das paradas que constituiriam o que Georges Dulac classificou como “período errante” na biografia de Sanches<sup>136</sup>, situado entre sua saída de Portugal e o estabelecimento na Rússia cinco anos depois. De acordo com o autor, as cronologias desse período são imprecisas, mas o que nos interessa aqui é que foi durante esses anos que Sanches começou a forjar as extensas redes de relações pessoais e intelectuais das quais faria parte até o final de sua vida.<sup>137</sup> A partir desses contatos, Sanches adquiri o espírito cosmopolita que seria marca de sua trajetória, assim como de boa parte dos intelectuais reformistas portugueses de seu tempo. Ainda na capital inglesa, travou contato com outros exilados portugueses, com destaque para médico Jacob Castro de Sarmiento, pelo qual se manteria informado sobre a produção científica britânica que, como afirma Dulac, continuaria entre seus interesses pelas décadas seguintes.<sup>138</sup>

Sobre a estadia de Sanches na Itália nessa mesma época, o autor afirma que apesar de pouco documentada, teve impacto considerável na sua vida intelectual. Nesse sentido, se não foi tão relevante quanto o período em Londres, deixou marcas em sua biblioteca, sobretudo nos temas de política e economia, com as obras mais características de alguns dos mais destacados iluministas italianos como, *Vero despotismo* de Gorani e *Economia Política* de Verri.<sup>139</sup> Durante esse período, o médico português também teria estabelecido contato com o professor de filosofia e medicina Alberto de Soria em sua passagem pela Universidade de Pisa. Deísta e newtoniano, Soria possuía extensa rede de contatos com Inglaterra e Holanda, e de acordo com Dulac, teria contribuído para afastar Sanches do judaísmo.

Além de Itália e Inglaterra, os caminhos de nosso personagem também teriam passado pela França, país para onde retornaria em 1747, após longa estadia na Rússia. Viçq D’Azyr narra a passagem de Sanches pelas cidades francesas de Toulon e Marselha,

---

<sup>135</sup> Ibid. p.387

<sup>136</sup> DULAC, Georges. Science et politique: les réseaux du Dr. António Ribeiro Sanches (1699-1783). *Cahiers de monde russe.*, v.43., n.2-3., p.251-274., 2002. p.254.

<sup>137</sup> Ibid. p.255.

<sup>138</sup> Idem.

<sup>139</sup> Ibid., p.256.

afetadas pela peste em 1728. O médico português teria visitado hospitais, locais de quarentenas, testemunhado o estado de calamidade a que estavam submetidas as cidades, com pilhas de corpos pelas ruas que “espalhavam vapores mórbidos.”<sup>140</sup> No curso desses acontecimentos, Sanches teria conhecido Dr. Bertrand, que gozava de grande prestígio junto à população local pelo seu desempenho no combate à epidemia em Marselha. Tanto Vicq D’Azyr quanto Charles Andry, afirmam que Bertrand teria sido o responsável por apresentar os primeiros aforismos de Boerhaave ao médico português o que o motivou a se estabelecer em Leyden como seu discípulo.<sup>141</sup>

O professor de Leyden se tornaria uma das principais referências médicas de Sanches nos anos posteriores aos seus estudos na Holanda, ao qual atribuiria o papel de ter organizado um modelo de ensino médico “fundado na verdadeira física.”<sup>142</sup> Durante esse período, Ribeiro Sanches teria iniciado contato com D. Luís da Cunha (1662-1749), embaixador de Portugal, membro da Academia de História de Lisboa, que mais tarde seria reconhecido como uma das principais influências no pensamento do Marquês de Pombal<sup>143</sup>. O contato entre os intelectuais teria iniciado durante a visita de Cunha à Universidade de Leyden com objetivo de atender a um pedido do Cardeal Mota, um dos ministros da Corte portuguesa, para que o diplomata compusesse “um catálogo dos melhores autores que escreveram assim da filosofia como da medicina moderna, ajuntando-se os de que necessita para praticar o que eles ensinam.”<sup>144</sup> O documento deveria atender a um primeiro esforço de reforma do ensino médico na Universidade de Coimbra e, após consultas aos professores da universidade holandesa, Cunha enviou para Lisboa dois catálogos de medicina e filosofia, com nomes de vários intelectuais que deveriam ser adotados em Coimbra, dentre eles, Sydenham, Newton e Boerhaave.<sup>145</sup>

Como intelectual ilustrado, Cunha era partidário da necessidade de reformar Portugal através da “modernização” do Estado e do sistema educativo, reivindicando, assim como seu compatriota Ribeiro Sanches o faria mais tarde, a redução da influência da igreja

---

<sup>140</sup> VICQ D’AZYR. op. cit. p.224. No original em francês: “répandoient des vapeurs meurtrières.”

<sup>141</sup> VICQ D’AZYR. op. cit., p.226; **Catalogue des livres de feu de M. Ant. Nuñez Ribeiro Sanches.** op, cit. p.09

<sup>142</sup> SANCHES, Antonio Ribeiro. **Método para aprender e estudar a Medicina.** Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2003., p.27

<sup>143</sup> DULAC. op. cit. p.257

<sup>144</sup> FURTADO, op. cit. p.24.

<sup>145</sup> Idem.

nos assuntos régios. De acordo com Georges Dulac, foi a pedido de Cunha que Sanches começou a escrever, ainda na Holanda, seu plano para reforma dos estudos médicos em Portugal, o *Método para aprender a estudar medicina*, do qual trataremos mais adiante, e que seria retomado mais tarde, já em Paris, e publicado em 1761.<sup>146</sup> A relação do diplomata com o médico duraria até o fim da vida do primeiro, em 1749, e de acordo com Júnia Furtado, Sanches teria sido o “médico de cabeceira” de Luís da Cunha nos seus últimos anos de vida na capital francesa, “acompanhando-o em suas mazelas de velhice e amparando-o em seu leito de morte.”<sup>147</sup>

Obtendo destaque entre os alunos de Boerhaave, Ribeiro Sanches foi indicado por ele para preencher um dos três cargos oferecidos pela czarina Anna Ivanovna em sua corte, e usou de seus contatos com D. Luís da Cunha para conseguir as licenças necessárias para a viagem.<sup>148</sup> Em outubro de 1731 chegou à Rússia e foi imediatamente nomeado ao cargo de “médico do senado e da cidade” de Moscou. Entre suas obrigações, estava instruir os barbeiros-cirurgiões, as parteiras e os farmacêuticos.<sup>149</sup> Em 1734, foi transferido para a cidade de São Petersburgo, onde se tornou médico do exército russo. Nesse cargo tomou parte nas campanhas contra os tártaros e os turcos: “atravessou a Ucrânia, os desertos da Crimeia e de Bachmut, até as planícies de Azof.”<sup>150</sup> Ao longo do caminho fez várias observações sobre os povos com que teve contato: calmuques, tártaros de Nogal, povos Cuban, tártaros de Kergissi, entre outros.<sup>151</sup> Cunha afirma que muitas dessas observações seriam mais tarde repassadas ao naturalista George-Louis Leclerc, o conde de Buffon (1707-1788), e citadas em sua obra *Histoire Naturelle* (1749).<sup>152</sup>

Apesar das pesadas críticas que Sanches dirigiria posteriormente, ao ensino jesuítico e à interferência eclesiástica nos assuntos políticos e educacionais de Portugal, datam desse período os contatos que desenvolveu com os membros da missão jesuítica portuguesa na China, com destaque para Polycarpo de Sousa (?-1757), André Pereira (1689-1743) e

---

<sup>146</sup> DULAC, op. cit. p.257.

<sup>147</sup> FURTADO, op. cit. p.24.

<sup>148</sup> ARAÚJO. op. cit.. p. 379.

<sup>149</sup> CUNHA. op. cit. p.20.

<sup>150</sup> Idem.

<sup>151</sup> Idem.

<sup>152</sup> Idem.

Domingos Pinheiro (1688-1748).<sup>153</sup> Através das caravanas comerciais que ligavam São Petersburgo a Pequim, obteve plantas orientais e conhecimentos de suas aplicações medicinais, além de livros de medicina e astronomia.<sup>154</sup> Além disso, suas cartas, conforme nos mostrou Georges Dulac, abordavam temas não diretamente ligados à atividade científica, como a situação do cristianismo na China, as dificuldades encontradas por Polycarpo de Sousa nas relações com Roma, e até mesmo questões comerciais entre Rússia e China, o que inclusive levou Sanches a procurar apoio financeiro com os padres para ajudar nas operações do diretor da caravana Russa, Lorentz Lang. Esses contatos favoreceram sua relação com a própria Academia de Ciências de São Petersburgo, que na época mostrava interesse em estabelecer relações com jesuítas de Pequim, e fez com que Sanches desenvolvesse uma relação de amizade com os dois intelectuais russos que encabeçavam a iniciativa, o sinólogo Gottlieb Siegfried Bayer, professor de línguas e história oriental e o astrônomo e geólogo Joseph Nicolas Delisle.<sup>155</sup> A rede de contato acabou mostrando-se bastante profícua, com Sanches fazendo uso de sua relação na Inglaterra com Jacob de Castro Sarmiento para oferecer a seus correspondentes de Pequim dois instrumentos científicos de seu interesse.<sup>156</sup>

No início da década de 1740, ao ocupar cargo de médico da corte de Anna Ivanovna, o prestígio acumulado pelo médico passa a ser cada vez mais revertido em favor de seus aliados no fortalecimento de suas redes de contato. Sanches passa a proteger alguns acadêmicos, como quando apoiou as demandas de aumento de salário de Gerhard Friedrich Müller e Johann Georg Gmelin, e a própria Academia de Ciências de São Petersburgo, na época sem direção e em situação financeira delicada.<sup>157</sup> Porém, com a morte da imperatriz, dá-se início ao período de instabilidade política que daria o trono à Elizabeth Petrowna. De acordo com Charles Andry, o médico seria envolvido no clima político tenso devido à sua fidelidade à imperatriz falecida. Porém, sua boa reputação clínica lhe garantiu prestígio e possibilitou que continuasse a ser requisitado como médico dos nobres, chegando até a

---

<sup>153</sup> DULAC. op. cit. p.259.

<sup>154</sup> Ibid., p.260.

<sup>155</sup> Idem.

<sup>156</sup> Idem.

<sup>157</sup> Ibid. p.259.

tratar da princesa Anhalt-Zerst, a futura imperatriz Catharina II, e o Duque d'Holftein o que acabou lhe rendendo o cargo de Conselheiro de Estado em 1744.<sup>158</sup>

Sanches era reconhecido não somente como médico, mas sobretudo como um pensador, sendo consultado sobre diversos assuntos, em especial questões educacionais, e mesmo após retornar à França, continuaria a ser procurado pelos nobres Russos de passagem pela cidade. Nesse sentido, anos mais tarde, escreveria o *Plano para educação da fidalguia (1766)* a pedido do vice-chanceler Mihail Voroncov e do Conde Kirill Razumovskij<sup>159</sup>, no qual exporia suas concepções favoráveis ao controle da estrutura educacional pelo Estado e de sua subordinação às necessidades políticas economias do império, do mesmo modo que havia sugerido para Portugal em *Cartas para a educação da mocidade (1759)*, conforme veremos mais adiante.

Paris seria sua residência por 36 anos, entre 1747 e sua morte em 1783. Desde sua chegada à capital francesa, tornou-se correspondente da Academia de Ciências de São Petersburgo, posição que usaria como intercâmbio entre essa instituição e a Academia Ciências de Paris, negociando mapas, instrumentos e cargos para seus aliados e estabelecendo contatos entre intelectuais. Nesse aspecto, de acordo com Georges Dulac, teria desempenhado papel importante ao remeter questões de Buffon ao governador da cidade russa de Astrakhan sobre a fauna do mar Cáspio e colocá-lo em contato com Thimotheus von Klingstedt, membro da comissão de comércio e autor de obra sobre Samoiedos,<sup>160</sup> que interessou ao naturalista francês<sup>161</sup>. Também foi hábil em manter as relações que cultivava desde seu período na Rússia com alguns dos discípulos mais conhecidos de Boerhaave, como Hieronymus David Gaubius (1705-1780), Gehrard Van Switen (1700-1772), conselheiro de Maria Teresa de Áustria e responsável pela reforma da Faculdade de Medicina de Viena, além de Albrecht von Haller (1708- 1777), renomado fisiologista e professor da Universidade de Göttingen.<sup>162</sup>

Durante esse período, produziria a maior parte de suas obras de medicina e higiene e, além dos contatos com a Academia de Ciências de São Petesburgo, desenvolveria intensa

---

<sup>158</sup> **Catalogue des livres de feu de M. Ant. Nuñes Ribeiro Sanchès.** Op. cit. p. 14-16.

<sup>159</sup> DULAC. op. cit. p.263.

<sup>160</sup> Etnia do norte da Sibéria.

<sup>161</sup> DULAC. op. cit. p.265.

<sup>162</sup> ARAÚJO. op. cit. p.08.

atividade intelectual na Sociedade Real de Medicina de Paris e nas Academias de Ciências de Paris e Lisboa, com escritos que cobriram vários temas incluindo, pedagogia, medicina, sociedade, política, entre outros.<sup>163</sup> Nesse sentido, não podemos deixar de notar as redes que estabeleceu no fértil meio filosófico francês, especialmente com Denis Diderot (1713-1784), que ao lado de Jean Le Rond d'Alembert (1717-1783), foi diretor da *Encyclopédie Raisonné des Sciences, des Arts & Métiers*. Ao analisar as cartas de Sanches enviadas ao filósofo iluminista francês arquivadas na Biblioteca Nacional de Madrid, Georges Dulac afirma que foi Diderot que o incentivou a escrever seu artigo intitulado VÉROLE grosse, publicado no décimo sétimo volume da enciclopédia. No entanto, junto com o rascunho, enviado em 1761, havia uma nota intitulada MELANCHOLIA, que supostamente seria um segundo artigo de Sanches para o dicionário, mas o verbete correspondente não contém sua assinatura.<sup>164</sup> Em Vérole grosse, Sanches descreve brevemente os sintomas e as causas mais gerais das doenças venéreas ao longo de duas páginas, assunto ao qual dedicou algumas de suas obras, em especial *Observations sur les maladies vénériennes*, publicada postumamente por Charles Andry em 1785.

A relação de Ribeiro Sanches com Diderot também foi importante para inseri-lo em redes de contatos mais amplas e possibilitar seu acesso a obras produzidas no meio intelectual francês. Foi a partir dele que Sanches teve acesso a algumas obras do Barão d'Holbach (1723-1789), classificadas como anti-Cristãs e proibidas<sup>165</sup>. Além de Diderot, também são conhecidas suas correspondências com D'Alembert, Buffon, Camille Falconet, Messier, Delisle, Pluquet.<sup>166</sup>

---

<sup>163</sup> CUNHA. op. cit. p.21

<sup>164</sup> DULAC. op. cit. p.269, nota. 62. Ana Cristina Araújo confirma o envio do esboço do artigo Vérole para Diderot em 1761 nas cartas arquivadas em Madrid, mas não faz referência ao artigo Melancholia. (ARAÚJO, Ana Cristina. Medicina e utopia em Ribeiro Sanches. **Ars Interpretandi — Diálogo e tempo**, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 2000, p. 35-85.. p.24, nota. 77). Verifiquei o verbete mencionado na Encyclopédie e o autor, de fato, não está identificado. Dulac, no entanto, não menciona qualquer comparação do conteúdo da nota encontrada na correspondência com o conteúdo do verbete da enciclopédia, o que poderia confirmar a autoria de Sanches.

<sup>165</sup> Seu acesso a obras desse tipo também era garantido pela sua amizade com o príncipe russo Dmitrij Alekseevic Golicyn, que chegara em Paris aos 22 anos de idade e se identificaria como discípulo de Sanches, possibilitaria a entrada de diversas obras proibidas no território francês, possivelmente por intermédio da missão russa. DULAC. op. cit. p.252; 269

<sup>166</sup> ARAÚJO. op. cit. p.07.

A partir da ascensão do consulado pombalino na década de 1750, os contatos com Lisboa aumentaram consideravelmente<sup>167</sup>. Com o advento das reformas, Sanches passa a ser mais procurado para dar seus posicionamentos sobre os caminhos que o reino deveria tomar. Dulac afirma que suas contribuições adquiriram um caráter quase público, uma vez que muitas das obras produzidas nessa época foram impressas em Paris financiadas pelo governo português.<sup>168</sup> Do mesmo modo, os contatos com outros intelectuais portugueses ilustrados que viviam no exterior seriam potencializados. É desse período que datam as cartas enviadas a Luis António Verney (1713-1794), o intelectual português fixado em Roma e autor do *Verdadeiro método de estudar* (1746) do qual fizemos menção anteriormente. Georges Dulac destaca que o início e a duração desse contato são desconhecidos mas, a julgar pelas cartas que trocaram, foi bastante amigável, visto que Verney teria, inclusive, usado a correspondência com seu compatriota para se queixar das perseguições constantes de que era vítima por parte dos jesuítas, que haviam publicado um panfleto contra ele.<sup>169</sup>

A partir dessas redes, Sanches passa a expressar mais diretamente seus posicionamentos sobre a organização político-cultural portuguesa. Como já mencionado, datam dessa época a maior parte das obras de higiene e medicina do autor, quase toda marcadas por uma postura crítica dos caminhos tomados por Portugal, especialmente no que se refere à interferência da igreja nos assuntos do Estado e dos métodos de ensino escolásticos. Nesse sentido, como afirma Ana Cristina Araújo, Sanches defende a transferência da responsabilidade educativa para o Estado, a partir de um modelo educacional laico: “É, portanto, sob o signo da reforma intelectual e moral da sociedade, utopicamente entrevista como o eixo principal do bem-estar, progresso e felicidade pública, que se reclama o intervencionismo estatal em matéria de instrução.”<sup>170</sup> Conforme será visto na próxima seção deste capítulo, nota-se a intenção de redefinir a jurisdição do poder escolástico para seu lugar de origem, ou seja, o cultivo da moral e da virtude cristã. O

---

<sup>167</sup> DULAC. op. cit. p.266.

<sup>168</sup> Idem.

<sup>169</sup> Ibid. p.256.

<sup>170</sup> ARAÚJO,1984. op. cit. p.390.

Estado constituiria um espaço laico, e seria responsabilidade tanto do soberano quanto dos súditos de conservá-lo através de atividades voltadas para sua utilidade e bem comum.

O desconforto com o ambiente cultural português e seu ressentimento com a inquisição já haviam sido revelados na obra, já citada, *Cristãos novos e cristãos velhos em Portugal* de 1748. Três anos após o início do governo pombalino, Sanches escreve em 1753 a *Dissertação Sobre as Paixões da Alma*, que só seria publicada em 1787 sob a tradução de Charles Andry na *Encyclopédie Méthodique*. Fiel à sua postura crítica à organização político-cultural portuguesa, procura ampliar a jurisdição médica ao afirmar o tratamento das patologias da alma como parte de suas atribuições, implicando um questionamento direto do discurso jurídico e, em especial, o teológico. Pouco sabemos sobre o interlocutor ao qual o autor se dirige nessa obra, e só podemos especular sobre os motivos de sua publicação tardia, mas ao que parece, ela foi solicitada por alguém em Portugal no contexto das reformas na década de 1750. Nesse sentido, ela seria uma das primeiras de uma série de obras destinadas à intelectualidade portuguesa encomendadas ao médico ao longo do tempo em que residiu em Paris. Durante esse tempo, o autor faria amplo uso de suas redes de contato para fazer-se ouvir em sua terra natal.

Ana Cristina Araújo revela que a obra de higiene *Tratado da conservação da saúde dos povos* é dedicada ao primeiro Duque de Lafões, irmão de D. João Carlos de Bragança. Esse último, junto com Teodoro de Almeida, acalentava o desejo de criar uma Academia de Ciências de Lisboa, o que só viria a acontecer em 1779. A autora ventila a hipótese de que Sanches tivesse a par dessas intenções através dos contatos com embaixada portuguesa em Paris, o que o teria motivado a escrever a obra, acrescida ainda, de um apêndice com considerações sobre os terremotos. Nessa última parte, inspirada pelo terremoto que arrasou Lisboa em 1755, Sanches não descarta a possibilidade de alguns desses fenômenos serem causados pela atuação divina, mas tenta explicá-los através de analogias com experiências hipotéticas com líquidos e gases, articulando noções de calorimetria e da bomba boyleana, a partir de uma perspectiva mecanicista.<sup>171</sup>

---

<sup>171</sup> Nas palavras do autor: “Não se pretende demonstrar evidentemente a causa dos terremotos; tudo o que dissermos deles será por analogia. Se enchermos até ao meio uma garrafa de água onde se desfez uma porção de salitre e a selarmos, e depois a pusermos em cima de fogo de cinzas começará a encher-se de borbulhas de Ar, e continuando a ficar em cima do fogo virá a estalar a garrafa em mil pedaços.” SANCHES,

De acordo com Victor de Sá, o *Tratado* também marcaria o início do mecenato da corte Portuguesa ao seu súdito expatriado na França. Após seu término, Sanches teria alegado em carta para seu amigo na corte, Luís da Cunha (sobrinho do ministro homônimo, que ajudara Sanches durante seu período na Holanda), enfrentar dificuldades financeiras advindas dos custos de impressão e publicação da obra, e solicita seu apoio para conseguir um financiamento permanente do governo português em troca de produções regulares que pudessem “ser úteis aos seus fiéis e vassalos”.<sup>172</sup> Ao que parece, seus apelos foram ouvidos e o médico passou a receber uma pensão anual de 360\$000 réis pelos seus serviços.<sup>173</sup>

As *Cartas para a educação da mocidade* (1759) também são resultado da boa relação de Sanches com o meio diplomático português. A obra é dedicada ao Monsenhor Pedro da Costa de Almeida Salema, ministro que na época representava Portugal em Paris<sup>174</sup> e, segundo Fanny Andrée da Cunha, teria sido inspirada nos regulamentos do corpo de cadetes russo, no qual o médico português serviu em 1736. A instituição era uma espécie Colégio Militar para a nobreza russa, o que viria a calhar para as pretensões de Sanches em 1759, motivado pelo alvará de 28 de julho do mesmo ano, que abolia o domínio jesuítico da estrutura educacional portuguesa, ao qual o médico faz menção com entusiasmo, como veremos adiante. As *Cartas* acabariam desempenhando papel importante em Portugal ao inspirarem a criação do Colégio dos Nobres em 1761.<sup>175</sup>

Como foi mencionado acima, o *Método para aprender a estudar medicina* já vinha sendo gestado desde a estadia de Sanches na Holanda no início década de 1730, incentivado pelo seu amigo e protetor, o diplomata D. Luís da Cunha, sendo publicado em 1763 a pedido da corte portuguesa<sup>176</sup>. Segundo Araújo, um esboço da obra havia sido enviado para o médico da corte de Lisboa Joaquim Pedro de Abreu em 1759<sup>177</sup>, ano da publicação de *Cartas para a educação da mocidade*, o que pode ser entendido como um

---

Antonio Ribeiro. **Tratado da conservação da saúde dos povos**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2003. p.85.

<sup>172</sup> SANCHES, Antonio Ribeiro. **Dificuldades que tem um reino velho para emendar-se e outros textos**. Victor de Sá (org.). Lisboa: Livros Horizonte, 1980.. p.26.

<sup>173</sup> Idem.

<sup>174</sup> SANCHES, Antonio Ribeiro. **Cartas sobre a educação da mocidade**. Nova edição revista e prefaciada pelo Dr. Maximiano Lemos. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1922., p.3

<sup>175</sup> CUNHA., op. cit. p.20-21.

<sup>176</sup> **Catalogue des livres de feu de M. Ant. Nuñes Ribeiro Sanchès**. op. cit. p.20, nota 01.

<sup>177</sup> ARAÚJO., op cit.. p.383

indício do quanto a atividade intelectual de Sanches vinha sendo ocupada pelas questões relacionada às reformas em Portugal. Do mesmo modo, Vicq D’Azyr se refere a outra obra demandada pela corte no mesmo período, na qual o médico “traçou o plano de uma universidade real, onde todas as ciências modernas deveriam ser ensinadas”<sup>178</sup> provavelmente se referindo a *Apontamentos para fundar-se uma Universidade Real na cidade do Reino que se achasse mais conveniente*, também de 1761. Seguindo esse mesmo modelo, Sanches também publicaria em 1763 os *Apontamentos para estabelecer-se um Tribunal e Colégio de Medicina* na qual tentava propor para Portugal um modelo institucional de regulação das atividades médicas do reino, com o objetivo de coibir a perpetuação das práticas médicas que considerava prejudiciais à saúde da população e a atuação de médicos sem comprometimento com “louvor e utilidade pública”<sup>179</sup>.

Faremos uma análise mais pormenorizada dessas obras nas seções seguintes desse capítulo, com exceção da *Dissertação sobre as paixões da alma*, que será objeto do terceiro capítulo. Nosso objetivo aqui é mostrar como Sanches teceu e utilizou suas redes de contato não apenas para ter acesso a informações, favores, livros, relatos, mas também para se fazer ouvido onde bem desejasse. Se, durante os anos em Paris, sua produção intelectual atingiu o auge, segundo Charles Andry, sua prática médica restringiu-se a amigos, camponeses, russos e pobres. Com a redução dos atendimentos, seu sustento ficou por conta de sua fortuna e do dinheiro que recebia da corte portuguesa e russa<sup>180</sup>. Suas atividades, como correspondente da Academia de São Petersburgo, foram suspensas dois anos após sua chegada a Paris, em 1749, só sendo retomadas durante o governo de Catharina II, dezesseis anos depois. De acordo com Georges Dulac, o conde Kirill Razumovskij mais tarde lhe afirmaria por meio de cartas que a Imperatriz Elizabeth teria tomado tal decisão por influência dos inimigos de Sanches na corte russa, que o acusavam de manter práticas judias apesar de sua conversão ao catolicismo.<sup>181</sup> Charles Andry faz referência ao episódio e afirma que, em 1763, seu amigo e protetor na Rússia, o General Betzkoi, teria avisado a

---

<sup>178</sup> No original em francês: « Il a trace le plan d’une université royale où toutes les sciences modernes devoient être enseignées. » VICQ D’AZYR. op. cit. p.253.

<sup>179</sup> SANCHES, Antonio Ribeiro. **Apontamentos para estabelecer-se um tribunal e colégio de medicina**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2003. p.03.

<sup>180</sup> **Catalogue des livres de feu de M. Ant. Nuñes Ribeiro Sanchès**. op. cit. p.16

<sup>181</sup> DULAC, Georges. op. cit. p.264.

Imperatriz Catharina II das dificuldades financeiras do médico português. Em agradecimento por tê-la tratado durante sua juventude, ela não apenas o restituiria ao cargo de correspondente da Academia de Ciências, como lhe daria uma pensão vitalícia paga pela corte. Além da Imperatriz, o príncipe Alekseevic Golitsyn também teria provido Sanches, que considerava seu mestre, de uma pensão “sem interrupção” até final de sua vida.<sup>182</sup>

Para além das dívidas de gratidão, essas pensões eram motivadas por interesses políticos muito bem fundamentados, como atesta a já mencionada quantia que o médico recebia do governo português desde a década de 1750. Victor de Sá, inclusive, revela que a ajuda foi suspensa em 1761 e só restabelecida por influência do embaixador Conde de Souza em 1769.<sup>183</sup> Desse modo, apesar das boas relações pessoais que possibilitaram o sustento de Sanches durante esses anos, não podemos perder de vista que esse período coincide com uma fase de intensa produção intelectual, em boa parte voltada para as solicitações feitas tanto pela corte russa quanto pela portuguesa sobre questões pertinentes às reformas internas que pretendiam promover.

Charles Andry conta que o médico português, nos últimos anos de sua vida, foi nomeado membro da Academia Real de Lisboa, criada em 1779, e membro estrangeiro da Sociedade Real de Medicina de Paris, que publicou em suas memórias a última obra de Ribeiro Sanches, *Mémoire sur les bains de vapeur de Russie* de 1779. Esse biógrafo acrescenta que o médico também manifestou o desejo de publicar uma memória sobre as virtudes da aplicação da água fria para tratamento de diversas doenças.<sup>184</sup> Tal obra seria dedicada à Academia de Lisboa, mas que não pôde ser realizada em virtude de seu falecimento, em 14 de outubro de 1783, aos 84 anos de idade<sup>185</sup>.

Vicq D’Azyr e Charles Andry citam que, nos últimos anos de sua vida, Sanches havia atendido uma mãe pobre que trouxe sua filha doente para ser tratada por ele. Após tomar afeição pela criança, teria assumido sob seus cuidados, deixando a ela parte de sua

---

<sup>182</sup> **Catalogue des livres de feu de M. Ant. Nuñez Ribeiro Sanchès.**, op. cit. p.16, nota 2.

<sup>183</sup> SANCHES, Antonio Ribeiro. **Dificuldades que tem um reino velho para emendar-se e outros textos.** Victor de Sá (org.). Lisboa: Livros Horizonte, 1980.. p.26.

<sup>184</sup> Tradução livre do seguinte trecho em francês: « les vertus de l’eau froide appliquée extérieurement, & donée intérieurement dans différentes maladies ». **Catalogue des livres de feu de M. Ant. Nuñez Ribeiro Sanchès.** op. cit. p.23.

<sup>185</sup> Idem.

fortuna em seu testamento.<sup>186</sup> Uma parte de seus livros foi deixada para seu irmão, Marcelo Sanches, também médico e residente em Nápoles, na Itália, e outra foi posta à venda na residência de Sanches em Paris alguns meses após sua morte.<sup>187</sup> Seus manuscritos foram deixados para Charles Andry, seu amigo pessoal e autor da biografia que acompanha o catálogo de sua biblioteca. Andry também foi responsável pela publicação póstuma de algumas de suas obras, incluindo *Observations sur les maladies vénériennes* (1785), e a tradução e publicação da *Dissertação sobre as paixões na alma* na *Encyclopédie Méthodique* em 1787, com o título *Affections de l'âme*.

Sobre as redes que Ribeiro Sanches constituiu ao longo de sua vida, Georges Dulac destaca que desempenharam a função básica de facilitar sua aquisição de saberes:

*« Il est très significatif que, dans la lettre à Joachim Pedro de Abreu déjà citée, Il mette sur le même plan, pour prouver sa compétence en matière d'enseignement médical, la fréquentation de plusieurs universités européennes, sa connaissance des hôpitaux de Londres et de Russie, et enfin une demi-douzaine de correspondances de longue durée avec d'éminents médecins et naturalistes »<sup>188</sup>*

Segundo Dulac, sua movimentação através desses contatos não só conferiam a legitimidade que necessitava para ser ouvido, como era parte intrínseca do seu modo de trabalho. Em todas as áreas do conhecimento em que tinha interesse, ele desenvolveu redes a partir das quais coletava fatos, idéias e informações bibliográficas com seus correspondentes.<sup>189</sup> Foi dessa forma que conseguiu informações sobre as origens das doenças venéreas, reuniu conhecimentos sobre o comércio português e sobre os estabelecimentos de ensino russos. Nesse sentido, o médico também desenvolveu relações de troca de favores como forma de ampliar e manter suas fontes de informação, como era o

---

<sup>186</sup> **Catalogue des livres de feu de M. Ant. Nuñez Ribeiro Sanchès.** op. cit. p.27-28 ; VICQ D'AZYR. op. cit. p.256-257.

<sup>187</sup> **Catalogue des livres de feu de M. Ant. Nuñez Ribeiro Sanchès.** op. cit. p.25.

<sup>188</sup> DULAC, Georges. op. cit. p.270.

<sup>189</sup> *Ibid.* p.270.

caso das traduções de espanhol e importações de obras russas para seus vizinhos beneditinos da congregação Saint-Maur, cuja biblioteca era freqüentada por ele.<sup>190</sup>

Outra estratégia usada pelo nosso personagem era manter-se em contato com outros intelectuais também pertencentes a redes extensas, o que acabava por favorecer seus amigos e aliados. Como exemplo, Dulac cita o contato que estabeleceu entre o príncipe Golicyn e Justus Gottfried Günz com João Jacinto de Magalhães (1722-1790), médico português instalado na Inglaterra que lhes enviou obras científicas britânicas, ou até mesmo sua intermediação, junto a seu amigo médico e economista Lebègue de Presle, para remessa de obras inglesas para Lavoisier (1742-1794), entre as quais *The Common sense* de Thomas Paine, *The Wealth of nations*, d'Adam Smith, e *On Civil liberty*, de Richard Price.<sup>191</sup>

O autor também enfatiza a heterogeneidade dos contatos de Sanches, uma vez que ele se mostrava capaz de conciliar relações com personalidades conservadoras e hostis ao movimento filosófico francês da segunda metade do século XVIII, como o matemático Leonhard Euler (1707-1783), e alguns dos mais radicais adeptos do movimento como Diderot e o Barão d'Holbach. Dulac atribui essa capacidade ao caráter pragmático que Sanches atribuía a esses contatos, conjugado com um espírito de abertura e tolerância que lhe possibilitou construir uma visão ampla da vida intelectual europeia da época, o que acabou se refletindo em suas obras, repletas de comparações e analogias entre práticas científicas, culturais e políticas de diversos lugares.<sup>192</sup> No entanto, vale lembrar que essa postura não era exclusiva de Sanches e está na raiz do ecletismo, caro à intelectualidade ilustrada europeia no século XVIII e consagrado pelo verbete homônimo de Diderot em sua enciclopédia, já citado no primeiro capítulo.

Nas próximas seções deste capítulo, nos dedicaremos aos posicionamentos de Sanches relativos ao ambiente político-cultural português da segunda metade do século. Através da análise dos argumentos mobilizados pelo autor em algumas de suas obras produzidas no contexto das reformas portuguesas, pretendemos identificar o modelo de sociedade que o autor reivindicava para o reino e quais concepções filosóficas e científicas sustentavam seu projeto.

---

<sup>190</sup> Ibid. p.270-271.

<sup>191</sup> Ibid., p.271.

<sup>192</sup> Ibid. p.272.

## 2.2 Educação, Estado e Igreja.

Como vimos no primeiro capítulo, o século XVIII português foi marcado por uma profusão de ideias reformistas vindas de intelectuais portugueses afinados com os pressupostos iluministas e inconformados com o suposto distanciamento português em relação às novas potências europeias. Os intelectuais portugueses vinculados aos movimentos reformistas defendiam um Portugal reformado e livre da “dominação” política e cultural inaciana, acusada como a causa da decadência lusa. O caminho da transformação seria apontado pela laicização do processo educacional e político, através da submissão da instrução às necessidades do Estado e na recusa dos métodos escolásticos. Para isso, muitos intelectuais sustentavam uma postura regalista no campo político-institucional, visando à afirmação do poder monárquico diante da Igreja. A trajetória e a atuação intelectual de Antonio Ribeiro Sanches estão profundamente enraizadas nessas aspirações, conforme atesta sua extensa produção literária assentada, de modo geral, nos temas da higiene, pedagogia e medicina.

Nas duas próximas seções do capítulo, veremos como essa diversidade se traduzia numa concepção relativamente articulada em torno de um projeto para um Portugal idealizado pelo autor, cuja organicidade articulava tanto sua proposta de reforma educacional, analisada na presente seção, quanto suas concepções sobre a função desempenhada pelo conhecimento médico nesse processo, analisadas na última parte deste capítulo. O projeto reformista reivindicado por Sanches estava em consonância com o espírito utilitarista, que se configurou como a ordem do dia para a ilustração portuguesa. Esse caráter fica explícito no ataque desferido à educação escolástica, tornada alvo, não apenas por ser apresentada como obstáculo à renovação de ideias, mas sobretudo, por ser vista como incapaz de formar indivíduos habilitados para atuar na conservação da vida social. A seu ver, a presença da Igreja nos assuntos do Estado teria gerado conseqüências tão negativas quanto profundas, que não poderiam ser revertidas facilmente.

Tal situação ainda seria sentida por Sanches quase trinta anos após a ascensão do ministério pombalino, quando, em 1777, escreveu a obra inacabada *Dificuldades que tem um reino velho para emendar-se*, na qual compara Portugal às “cidades que duraram por

500 e 600 anos”, formadas “de acordo com as leis da necessidade.”<sup>193</sup> Na hipótese de uma reforma das mesmas, questiona-se:

“Que sucederá? Será necessário deitar abaixo a metade das ruas, das Igrejas, das casas que ficam fora do contorno; que sucederá depois? Quem foi senhor da sua casa, não tendo outra no lugar assinalado conforme o risco, morrerá no inverno de frio e de fome, por lhe faltarem os cômodos da vida.

Incômodos semelhantes sucederiam a todo aquele Legislador que de um Reino velho, instituído com as leis do fanatismo, com as leis sem serem fundadas na conservação e no amor dos súditos, leis sem objecto algum para aumentar a população, sem objeto para a defesa geral do Estado, quizesse de um jacto reformar este cadaveroso reino, e formar dele um novo, à imitação daquele da Rússia, de Prússia, Sardenha, etc, etc. (e não há aqui muitos)”<sup>194</sup>

A obra, embora escrita tardiamente, revela algumas das pretensões acalentadas pelo autor durante décadas, mas que ainda se faziam presentes. Durante esse tempo, seu projeto educacional havia sido apontado por ele como o caminho privilegiado para a superação desse quadro, nesse sentido, *Cartas sobre a Educação da Mocidade*, de 1759, talvez seja a que melhor sistematiza suas ideias.

Já sabemos que a obra foi dedicada ao Monsenhor Pedro da Costa de Almeida Salema, ministro que na época representava Portugal em Paris, e motivada pelo alvará de julho de 1759, que expurgou o controle jesuítico da estrutura educacional portuguesa. Logo nos primeiros parágrafos do texto, Ribeiro Sanches já revela seu entusiasmo com o documento. Segundo o próprio afirmou:

“Esta ley, Illustrissimo Senhor, incitou o meu animo, ainda que pelos achaques abatido, a revolver no pensamento o que tinha

---

<sup>193</sup> SANCHES, Antonio Ribeiro. **Dificuldades que tem um reino velho para emendar-se e outros textos.** Victor de Sá (org.). Lisboa: Livros Horizonte, 1980.p.52

<sup>194</sup> Idem.

ajuntado da minha lectura sobre a Educaçãõ civil e politica da Mocidade, destinada a servir á sua patria tanto no tempo da paz como no da guerra(...)

Mostrarei pelo discurso deste papel, que toda a Educaçãõ, que teve a Mocidade Portugueza, desde que no Reyno se fundáraõ Escolas e Universidades, foi meramente Ecclesiastica, ou conforme os dictames dos Ecclesiasticos; e que todo o seu fim foi, ou para conservar o Estado Ecclesiastico, ou para augmentalo.”<sup>195</sup>

Na passagem seguinte, o autor declara seu regalismo ao comparar a relação do Rei com seu reino ao da alma com o corpo, afirmando a proeminência da educação nesse conjunto:

“Só este grande Rey conheceo que como a alma governa os movimentos de todo o corpo para conservalo; assim elle, como alma e intelligencia superior do seu Estado, era obrigado (a) promover a sua conservaçãõ, e o seu augmento por aquelles meynos que concebeo mais adequados. Aquelle benignissimo Alvará nos dá a conhecer que só a Educaçãõ da Mocidade, como deve ser, he o mais effectivo e o mais necessário.”<sup>196</sup>

De acordo com o médico de Penamacor, as escolas cristãs teriam sido feitas para ensinar a doutrina cristã, “*a saber, os Mystérios da Fé, expressados nas Sagradas Escrituras e nos Sanctos Padres*”<sup>197</sup> e teriam como fim formar um perfeito cristão e não indivíduos versados nos conhecimentos necessários para “*viver no Estado Civil*” e servir nos cargos fundamentais ao seu funcionamento e à sua defesa. O controle da estrutura educacional pelos pontífices e Bispos teria sido resultado de um longo processo histórico que remete ao estabelecimento dos reinos bárbaros na Europa após a queda do Império Romano. Os monarcas, de acordo, com Sanches, ignorantes na política e do “Direito das gentes”, sem domínio da leitura e da escrita, teriam relegado a cultura letrada aos

---

<sup>195</sup> SANCHES, Antonio Ribeiro. **Cartas sobre a educação da mocidade**. Nova edição revista e prefaciada pelo Dr. Maximiano Lemos. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1922., p.10.

<sup>196</sup> Idem.

<sup>197</sup> Ibid., p.17

eclesiásticos, que paulatinamente ampliaram sua jurisdição religiosa e tomaram para si o controle do processo educacional. Com o aumento de seu prestígio, a educação eclesiástica teria se tornado o modelo de instrução da própria nobreza, perpetuando o sistema e fazendo dos bispos e pontífices “árbitros dos gabinetes dos Reis e Imperadores.” Sanches, denuncia o esgotamento deste modelo e suas conseqüências nefastas para Portugal. O autor não apresenta seu projeto como uma inovação, mas sobretudo, como forma de restabelecer a fronteira jurisdicional que os eclesiásticos haviam transposto séculos antes. A partir de uma perspectiva contratualista, que remete aos debates sobre as teorias de Estado ainda em voga na época, o autor expõe uma teoria social que justifica sua postura regalista e denuncia a usurpação do poder eclesiástico no Estado português:

“A forma, a uniaõ, o vinculo do Estado civil e politico, e o seu principal fundamento he aquelle consentimento dos Povos a obedecer e servir com as suas pessoas e bens ao Soberano; ou que este consentimento seja reciproco, ou que seja tacito ou declarado, sempre forma hum Estado, ou Monarchico, ou Republicano.”<sup>198</sup>

A divindade, venerada pelo povo e pelo soberano, seria evocada como “*testemunha e cauçaõ*” deste pacto, tornando-o sagrado pois “*nenhum estado civil pode formarse, nem existir em seu vigor, sem huma Religiaõ, e sem observar-se o sagrado juramento*”<sup>199</sup> A partir desse momento, com o poder concedido pelos súditos, ficaria a cargo do soberano garantir a manutenção do contrato através de leis que impedissem que se cometesse qualquer “*insulto que alterasse ou corrompesse a uniaõ e harmonia que deve Reynar no Estado Civil*”<sup>200</sup> Assim, Sanches estabelece duas leis básicas e “irrefragáveis de qualquer Estado” que deveriam ser observadas pelos monarcas: a conservação do próprio Estado; e a obrigação de cada súdito de “obrar com os outros, como elle quizera que obrassem como elle.”<sup>201</sup> Em poder dos súditos que juraram fidelidade ao Soberano, restariam apenas duas coisas: a propriedade, sendo que parte de sua renda deveria ser destinada para o sustento do

---

<sup>198</sup> Ibid., p.20

<sup>199</sup> Idem.

<sup>200</sup> Ibid., p.23.

<sup>201</sup> Ibid., p.22.

Estado; e o livre-arbítrio, definido como “aquella liberdade interior de querer, não querer, amar, aborrecer, julgar, ou não julgar, ver, ou não ver: que são as acçoens interiores que passam dentro de nós, e que se não mostram por acçoens exteriores, que todo o mundo possa observar visivelmente.”<sup>202</sup>

Deste modo, ficaria estabelecida a igualdade entre os súditos e a sua subordinação aos magistrados. Fazendo referência à *República* de Platão, Sanches afirma que “a maior ruína de hum Estado, he que entre elles haja diversidade, huns com obrigação de obedecer, e outros absolutos; huns sujeitos ás justiças, e outros sem nenhum Imperio.”<sup>203</sup> Toda distinção deve vir somente do Jus da Magestade que, impossibilitada de exercer todas as funções necessárias para o funcionamento do Estado, escolhe aqueles mais aptos a desempenhá-las e lhes delega parte de seu poder. Possivelmente marcado pela perseguição de que foi vítima em sua terra natal por ser um cristão novo, Sanches afirma que mesmo a distinção de nobreza ou fidalguia deveria originar-se no Poder Soberano e não a partir de critérios de ascendência, nem de geração, porque todos os súditos seriam iguais perante o juramento de fidelidade.

No modelo de contrato social de Ribeiro Sanches proposto nas *Cartas*, todas as ações “viciosas” e “destruidoras da conservação própria” eram consideradas nocivas à vida civil. Todas as leis, todo o trabalho e industria deveria ter a “utilidade por último fim”, caso contrário, levaria à “destruição do Subdito, e do mesmo Estado”:

“assim que a utilidade publica e particular vem a ser o vinculo e alma da vida civil; esta utilidade deve ser sempre acompanhada com a decencia, que he aquella virtude que modera os excessos, ainda aquellos da mesma virtude, por que de outro modo seria vicio”<sup>204</sup>.

Quando se arrogaram da educação, os sacerdotes teriam falhado no processo de transmissão dos valores necessários à conservação do pacto social aos súditos, pois somente teriam jurisdição sobre as consciências e ações mentais, de modo que as ações

---

<sup>202</sup> Ibid., p.23.

<sup>203</sup> Idem.

<sup>204</sup> Ibid., p.25.

exteriores seriam jurisdição civil.<sup>205</sup> Cristo teria dado à sua igreja a incumbência de transmitir os valores de seu evangelho e administrar os sacramentos, em especial o batismo, reduzindo sua atuação aos “bens espirituais, á graça, á santificação das almas e á vida eterna.” Sanches estende essa divisão jurisdicional ao campo jurídico e defende uma diferenciação entre crimes civis e crimes espirituais, aos quais deveriam corresponder punições igualmente civis e espirituais. Portanto, os pecados, entendidos como ações mentais, deveriam ser passíveis de “penitencia ecclesiastica ou a privação da Congregação Christã e divinos Mystérios” Do mesmo modo, súditos que roubassem ou matassem, transgressões entendidas como ações exteriores, deveriam sofrer castigos “nos bens, na honra e na vida”.<sup>206</sup> Logo, os castigos corporais aplicados aos pecadores significariam uma transgressão da divisão jurídica imposta pelo autor, já que consistiriam na aplicação de castigos civis para crimes espirituais<sup>207</sup>. Do mesmo modo:

“no Estado Civil ninguém fez cessação de bens ao mesmo Estado antes de dar juramento de fidelidade; logo é incoherente que se julguem as causas civis pelas leis dos Conventos, e das Igrejas da primitiva Christandade; logo aquellas Leis que privaõ os herejes dos seus bens, pertencendo ao Estado como subditos, não são Leis Civis, são Leis Ecclesiasticas prevertidas.”<sup>208</sup>

Por esse mesmo motivo, a inquisição também seria considerada como uma usurpação da jurisdição dos magistrados pela Igreja, e portanto, não menos ilegítima. Quanto ao monarca, por ser a cabeça do Estado, ele dependeria diretamente e somente do “Altissimo Deos,” pois o divino foi a testemunha do pacto estabelecido entre ele e o povo. Desse modo, nem o Papa e nem o Cristianismo poderiam intervir na formação do Estado, pois o rei depende da Igreja na medida em que ele, assim como qualquer outro súdito, é cristão. Sanches afirma que o monarca deve obedecer ao confessor por crer no Divino da mesma forma que obedece ao médico por ser humano:

---

<sup>205</sup> Ibid., p.27

<sup>206</sup> Ibid., p.28

<sup>207</sup> Idem.

<sup>208</sup> Ibid., p.44

“Bem sei que não admittem esta necessaria distincão; mas que me digam, quando um Físico Mor ordena ao seo Rey que lhe sarjem o lado doloroso de hum pleuris, e que o Rey obedece e se deyxá cortar, e banhar em sangue, perguntase? A quem ordenou o Physico Mor, fazer aquella operaçã? foi a el Rey? ao Christã? ou ao Homem? El Rey obedeceo ao seu Físico Mor, não como Rey, mas como Homem, como huma parte da natureza humana; e que o Medico sendo Ministro da natureza tem autoridade de governalla do modo mais a proposito para conservar a vida. Todos approváraõ esta distincão: e porque não querem admittir aquella que ha entre o Rey, e o Christã? Acha o Rey a sua consciencia gravada; chega aos pes do Confessor, e confessasse: perguntase, quem se está ali confessando, he el Rey, ou o Christã?”

209

Essa passagem, ao mesmo tempo em que ilustra a divisão das autoridades no modelo de Estado sanchesiano, também fornece uma amostra da sua concepção sobre a jurisdição e autoridade médicas no interior dessa estrutura, como veremos na próxima seção deste capítulo.

A partir dessas concepções e na esteira da crítica iluminista; a educação, por constituir uma das necessidades fundamentais para a manutenção do contrato social, deveria ser responsabilidade do soberano como parte de seu dever de garantir a felicidade e bem estar dos súditos, só ele teria legitimidade para estabelecer as diretrizes sobre as quais se desenvolveria o processo educacional e submetê-las às necessidades do Estado.

Esse assunto seria retomado em *Apontamentos para fundar-se uma Universidade Real na cidade do Reino que se achasse mais conveniente* ao afirmar que a “jurisdição Real, única no Reino, é incompatível com as pretensões da Corte de Roma, e com as decisões do Concílio de Trento”<sup>210</sup> Nessa obra, escrita em 1761, nosso médico procura estruturar o modelo de ensino universitário que considerava adequado para ser

---

<sup>209</sup> Ibid., p.45.

<sup>210</sup> SANCHES, Antonio Ribeiro. *Apontamentos para fundar-se uma Universidade Real*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2003., p.01.

implementado nos domínios portugueses. A instituição proposta estaria fora do alcance do poder eclesiástico, cujo ensino de “Teologia e dos Cânones” deveria ser transplantado para cidades mais afastadas como Évora e Braga, de modo que ensinassem:

“à custa meramente dos Bispos e dos Cabidos, debaixo da direcção dos Prelados; mas com a inspecção de dois Magistrados Fiscais seculares, para observarem que não ensinassem doutrina alguma nem imprimissem livro ou conclusão onde se contradissem a Jurisdição Real, ou lei fundamental do Reino, costume da Universidade de Paris e de Turim.”<sup>211</sup>

Seguindo o modelo adotado na Universidade de Nápoles “por cinco séculos”, Sanches sugere que a estruturação da Universidade Real em três colégios: Filosofia, matemáticas e humanidades; Medicina; e Jurisprudência. Todos eles sem qualquer intervenção da “Corte de Roma.” A diretriz educacional da instituição deveria ser, acima de tudo, a formação de espíritos comprometidos com a “pátria nos tempos da paz e da guerra”, pois “mui limitado proveito retiraria o Estado, se o último fim de uma Universidade fosse formar um Matemático, um Médico, e um Jurisconsulto, destituídos das virtudes morais, e daquele amor do bem comum.”<sup>212</sup> O ensino universitário deveria ser representativo do pensamento do Estado, de modo que, um estrangeiro interessado em conhecer as virtudes morais, civis e cristãs de um dado Reino deveria observar sua principal universidade, pois é nela que se formam seus Eclesiásticos, magistrados, letrados, médicos, e todos aqueles empregados em atividades civis.<sup>213</sup>

No colégio de Filosofia, Matemáticas e Humanidades seria ensinado história antiga e moderna, história da filosofia, as matemáticas elementares, geografia, antiguidade grega e romana e a “inteligência dos autores clássicos.”<sup>214</sup> Esse colégio forneceria uma formação básica para todos os estudantes, mesmo os interessados em medicina e jurisprudência.

---

<sup>211</sup> Idem.

<sup>212</sup> Ibid., p.02.

<sup>213</sup> Ibid. p.04

<sup>214</sup> Ibid., p.09

Todos deveriam frequentá-lo “por dois ou três anos”<sup>215</sup> e não poderiam iniciar seus estudos antes dos 14 anos e nem após os vinte, pois nenhum súdito poderia servir nos cargos da sua pátria com o vigor necessário por vinte e cinco anos após ter iniciado sua carreira depois dos vinte e cinco anos de idade, pois:

“passados cinquenta anos de idade começam os achaques, os desgostos e os pesares, ou pela morte dos filhos, ou para estabelecê-los, ou por não serem capazes de serem estabelecidos; fica já o corpo e o ânimo abatido, e quase impossibilitado servir a sua pátria com aquele vigor varonil que requer a sua conservação, e o seu aumento.”<sup>216</sup>

Ao tratar do Colégio de Jurisprudência, Sanches é cauteloso por lidar com assunto fora de sua especialidade, mas insiste no banimento do ensino do Direito Canônico da nova instituição. Aparentemente, pois não deixa claro, essa ciência deveria ser substituída pelos ensinamentos adquiridos nos primeiros três anos de formação no Colégio de Filosofia, Matemáticas e Humanidades. Para Sanches, a base necessária para os estudos jurídicos estaria na Filosofia Moral, na História, na Geografia e nas antiguidades. Ao mesmo tempo em que se recusa entrar no mérito das disciplinas específicas ao curso de Jurisprudência, o autor insiste que suas diretrizes deveriam ser estabelecidas por essas disciplinas e que nenhum jurisconsulto formado fora delas poderia advogar pelas leis do Reino, por desconhecimento das bases sobre as quais aquelas foram erguidas.<sup>217</sup>

Sobre o Colégio de Medicina, Sanches limitou-se a escrever algumas poucas linhas, pois, como fez referência, esse assunto já havia sido tratado nos *Método para aprender a estudar medicina* (1761). Seguiremos caminho semelhante e deixaremos o Colégio de Medicina como assunto para a próxima seção deste capítulo, voltada para as concepções de nosso autor sobre o papel que a medicina deveria exercer no Portugal reformado.

---

<sup>215</sup> Ibid., p.10.

<sup>216</sup> Idem. Essa passagem, além de reafirmar o caráter utilitário que deveria ter a educação para Sanches, faz menção à importância que o autor dava à adequação necessária do físico e do moral dos indivíduos para exercerem suas funções civis. Esse aspecto será melhor explorado na discussão de algumas obras médicas de nosso autor mais adiante.

<sup>217</sup> Ibid., p.14.

### 2.3 Uma medicina do físico e do moral.

Para compreendermos a proeminência reivindicada pelo nosso médico ilustrado à sua ciência, é necessário fazer uma pequena incursão no modelo de medicina defendido por ele. Em consonância com o que temos visto até aqui sobre sua reivindicação pela laicização do ensino e da política, seu projeto médico é marcado por um ataque direto ao ensino escolástico e ao estudo da medicina baseado somente nas autoridades antigas.

Em *Carta a Joaquim Pedro de Abreu (1760)*, médico da corte em Lisboa, acusava a medicina praticada no reino de ser tosca e imprecisa ao compará-la com pedreiros que erguiam prédios “sem riscos nem medidas”, incapazes de desempenhar seu ofício de forma eficiente, e menos ainda de ensiná-lo, por desconhecerem os princípios da física, da mecânica e da geometria prática.<sup>218</sup> Tal percepção, o levaria a escrever em 1763 *Apontamentos para a fundação de um tribunal e um colégio de medicina* com o objetivo de regular as atividades curativas em Portugal, evitando a disseminação de práticas ilegais e nocivas à saúde da população<sup>219</sup>. O documento previa a regulamentação das atividades dos médicos, cirurgiões e boticários no reino, e sugeria a criação de mecanismos institucionais que aproximassem o Tribunal do cotidiano médico, obrigando-os a relatar as enfermidades que trataram nas localidades em que atuavam, bem como suas condições de salubridade, caso contrário estariam sujeitos a repreensões diversas.

Havia uma clara intenção de Ribeiro Sanches em fortalecer a identidade sócio-profissional da corporação médica, não apenas diante das práticas curativas populares longamente enraizadas nas tradições culturais lusas<sup>220</sup> que se disseminavam por Portugal, mas também como forma de dar suporte ao projeto que o autor tinha para a medicina na sociedade reformada. De acordo com Ana Cristina Araújo, se por um lado, sua obra apontava para o que chamou de autêntica “política do homem a serviço da vida”<sup>221</sup>, por

---

<sup>218</sup>SANCHES, Antonio Ribeiro. *Carta a Joaquim Pedro de Abreu*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2003., p.05.

<sup>219</sup> SANCHES, Antonio Ribeiro. *Apontamentos para estabelecer-se um tribunal e colégio de medicina*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2003.

<sup>220</sup> Sobre essa questão ver: RIBEIRO, Márcia Moisés. *A ciência dos trópicos: a arte médica no Brasil do século XVIII*. São Paulo: Hucitec, 1997.

<sup>221</sup> ARAÚJO., op. cit. p.04.

outro, seu propósito de fazer da Medicina um dos pilares da racionalização da vida política e social afinava-se com os avanços e as expectativas geradas pela filosofia natural reformada no século XVIII, e “perpetuava a inspiração utópica da primeira fase do experimentalismo moderno”.<sup>222</sup> A conservação do corpo, desligada dos imperativos da moral religiosa, é pensada em favor de um modelo de sociedade voltado para a criação de homens sadios e equilibrados emocionalmente.<sup>223</sup>

Nesse sentido, a sugestão da criação de um Colégio de Medicina na Universidade Real, conforme vimos acima, seria uma medida importante para garantir a formação de quadros comprometidos com essa perspectiva. Em *Método para aprender a estudar medicina* (1761), Sanches enfatiza que os estudantes de medicina, desde seu ingresso no Colégio de Filosofia, Matemáticas e Humanidades, deveriam ser iniciados no estudo das “matemáticas elementares”, consideradas a porta de entrada do “santuário da Filosofia”, fundamental para a formação não apenas dos médicos, mas também de juristas, políticos e militares, pois levaria ao desenvolvimento do pensamento lógico: “adquire-se por este estudo um hábito de reflectir e de combinar, e uma certa paciência para inquirir, e facilidade de perceber.”<sup>224</sup> Em conjunto com os estudos matemáticos, os estudantes de medicina deveriam ser iniciados na Cronologia, Geografia, História filosófica e na Filosofia Racional. Essa última, constituída pela Psicologia, Ontologia e Metafísica, consistiria no estudo das funções da *alma racional*. Sanches recomenda o estudo dessas ciências através do livro *Initia Doctrinae solidioris* (1736) do teólogo e filologista racionalista alemão Johann August Ernesti (1707-1781):

“Ali se notará como o Autor evitou as irregularidades, contrárias ao Metodo de estudar, que seguiam os que ensinam nas escolas vulgares. Nestas começavam os estudantes a aprender a Dialéctica e a Lógica, antes de saber o que eram as operações da alma

---

<sup>222</sup> Idem.

<sup>223</sup> Idem. Araújo identifica as raízes deste projeto sanchesiano com o sistema sanitário pensado por Francis Bacon em *New Atlantis* (1627).

<sup>224</sup> SANCHES, Antonio Ribeiro. **Método para aprender e estudar a Medicina** op cit., p.06

racional, nem de que modo pelos actos do entendimento se separam as propriedades dos corpos da mesma substância deles.”<sup>225</sup>

Não menos importante aos médicos, o domínio da Filosofia Moral deveria estender-se também aos estudantes de Jurisprudência. Definida como o “conhecimento que temos da conservação de cada indivíduo, de que se compõe a sociedade civil.”<sup>226</sup> Esta matéria estaria baseada na solidariedade necessária aos indivíduos participantes de um mesmo corpo social, como condição para a preservação da vida individual e coletiva. Ao que parece, Sanches atribui a essa atitude uma função aglutinadora do tecido social, que, portanto, precisaria estar na base da formação daqueles que desempenhariam ofícios voltados para o planejamento e controle desse mesmo corpo, o que nos remete à sua reivindicação de um modelo de formação profissional voltado para a utilidade de conservação da estrutura social e do corpo civil, da qual tratamos acima.

Os conteúdos relativos à prática médica propriamente dita, deveriam ser sorvidos dos aforismos de Hermann Boerhaave, o famoso professor de Leyden do qual Sanches foi aluno no final da década de 1720. Sua admiração por seu mestre ficou registrada em várias de suas obras, fazendo de Boerhaave uma de suas referências fundamentais. De acordo com seu pupilo de Penamacor, o médico holandês teria organizado o conhecimento médico europeu quando assumiu sua cadeira na Universidade de Leyden. Sanches afirma que, antes dele, os médicos seguiam doutrinas as mais variadas, ficando divididos entre os “Galenicos”, “Árabes”, “Químicos”, “Mecânicos”, entre outros. Assim, afirma que os médicos europeus não passavam de “Empíricos, ou Pirrónicos” e a medicina não estava “fundada na verdadeira física”, ficando perdida em “observações espalhadas” e explicadas pelas mais diversas filosofias.<sup>227</sup> Boerhaave teria alicerçado o ensino da medicina em princípios demonstráveis pelas leis da física e da química médica e, “à imitação de um Arquitecto”, teria estruturado o estudo das partes do corpo humano através da Geometria, da Mecânica e da Perspectiva, unindo-as num “palácio com Simetria, Distribuição e Elegância.” Assim, numa postura eclética, através da “aplicação do método”, o professor

---

<sup>225</sup> Ibid. p.08

<sup>226</sup> Ibid., p.10

<sup>227</sup> Ibid., p.27

compôs seus aforismos baseados nas “observações espalhadas” entre os autores gregos, árabes e latinos que julgou verdadeiras, através da *crítica médica*. Falaremos mais do papel de Herman Boerhaave e de outros médicos setecentistas no próximo capítulo, quando faremos um panorama geral dos caminhos tomados pela medicina setecentista que nos ajudarão a compreender a medicina sanchesiana na obra *Dissertação sobre as paixões da alma*.

Ao dissertar sobre temas relativos à fisiologia, Ribeiro Sanches se refere à outra reivindicação cara a Boerhaave para o ensino médico: o estudo da anatomia humana a partir das fibras, sua estrutura básica:

“O nosso corpo consta de fibras, ou fios: no princípio da sua formação todas as partes são líquidas, de que consta a matéria seminal: mas dela se formam os ossos, as cartilagens, os músculos, os tendões, as artérias, as veias, e os nervos: os ossos constam de fibras, as membranas, e as artérias; logo é necessário conhecer primeiro o que é uma fibra, ou fio do corpo humano...”<sup>228</sup>

Para compreender a natureza das doenças, o médico deveria conhecer as enfermidades que afetam as fibras e os remédios indicados para curá-las. Dotadas, em seu estado natural, de propriedades elásticas poderiam ser dobradas sem se “quebrarem ou estalarem”, voltando à sua posição inicial quando findado o movimento. A doença consistiria na alteração dessas propriedades naturais das fibras, causando alterações nas funções vitais e gerando efeitos diversos no corpo e no ânimo do indivíduo, que deveriam ser conhecidos pelos médicos.<sup>229</sup>

Como veremos no capítulo 3, boa parte das concepções utilizadas por Sanches sobre as funcionalidades dessas estruturas na fisiologia humana estavam na ordem do dia de diversas correntes de estudos fisiológicos setecentistas, tendo desdobramentos importantes através de autores como Albrecht Von Haller (1708-1777). Elas também têm presença fundamental no modelo de psicofisiologia das paixões proposto pelo médico na

---

<sup>228</sup> Ibid., p.28.

<sup>229</sup> Ibid., p.29.

*Dissertação sobre as paixões da alma*, também analisado no próximo capítulo. No entanto, cabe destacar que, no *Método para aprender a estudar medicina*, o estudo das fibras para a compreensão das enfermidades do corpo é indissociável da reivindicação de Sanches pelo domínio da Química Médica, como requisito fundamental para a compreensão da fisiologia humana. Nesse aspecto, os aforismos de Boerhaave seriam imprescindíveis, visto que, segundo Sanches, nenhum outro autor teria estudado as “partes sólidas e fluídas” que constituem o corpo humano à luz dos conhecimentos químicos melhor que o professor de Leyden.<sup>230</sup>

Numa crítica aos adeptos dos grandes sistemas médicos, o autor afirma que muitos praticantes da arte médica, considerados “metódicos”, ocuparam-se somente das partes sólidas do corpo, ignorando as fluidas, entendidas como os humores. Outros, por sua vez, ignoraram as partes sólidas em favor somente das fluidas, como foi o caso de Galeno e Avicena. Tais equívocos impediam que esses praticantes da arte médica fossem capazes de formular dietas adequadas para o tratamento das “queixas crônicas” e das “doenças febris”: “Daqui vem aquele vício eterno de purgar e sangrar em todas as queixas indistintamente.”<sup>231</sup>

Para o autor, a química de Boerhaave forneceria ao médico o conhecimento necessário sobre as propriedades das substâncias presentes na natureza e seus efeitos sobre as partes sólidas de fluidas do corpo, condicionando sua fisiologia. Sanches faz breve distinção entre as características de diversos alimentos segundo suas propriedades de fermentação (atribuídas, grosso modo, às plantas) e apodrecimento (atribuída às carnes). Assim, esses saberes refinariam a terapêutica ao fornecerem os instrumentos necessários para a formulação de uma dieta voltada especificamente para o restabelecimento da tonicidade adequada das fibras.<sup>232</sup>

Em um homem saudável, “o vigor de seu estômago” impediria que os alimentos fermentassem ou apodrecessem durante o processo digestivo. Porém, num homem convalescente, que se alimenta exclusivamente de vegetais, por exemplo, as fibras do estômago, excessivamente relaxadas, não seriam capazes de impedir a fermentação destas mesmas substâncias, o que teria efeitos nocivos para sua saúde. Desse modo, o tratamento,

---

<sup>230</sup> Ibid. p.28.

<sup>231</sup> Ibid. p.30.

<sup>232</sup> Idem

segundo Sanches, deveria orientar-se pela restituição da elasticidade das fibras, através de uma dieta à base de alimentos que não azedassem, como “carnes tenras” e “peixes de fácil digestão.”<sup>233</sup>

O interesse de Sanches pelas fibras, como estruturas fundamentais para a compreensão da fisiologia humana ajudam a revelar a relevância dos estudos anatômicos para nosso personagem. Em consonância com os debates médicos de seu tempo, o antigo aluno de Boerhaave era ferrenho defensor do ensino da anatomia pela prática e partidário do fim da divisão entre Medicina e Cirurgia. Além do *Método*, esse posicionamento aparece em diversos momentos da obra de nosso personagem, com destaque para *Projecto de instruções para um professor de cirurgia* (1742) e a *Carta a Joaquim Pedro de Abreu* (1760), onde afirma que os estudos da anatomia não poderiam restringir-se à leitura das autoridades antigas, como era corrente em Portugal na época, mas sim, calcado na prática em cadáveres, para depois ser estendida aos viventes<sup>234</sup> pois, como atestava a fisiologia de Boerhaave, ela constituiria a porta de entrada para o estudo do corpo são e doente.<sup>235</sup> Ao médico, seria tão importante ser versado em cirurgia quanto na própria medicina, pois se essa era a responsável por tratar os males internos, enquanto aquela ficava a cargo dos externos, nenhum médico seria capaz de exercer seu ofício “com inteligência” sem conhecimento das enfermidades que assolavam a parte externa do corpo.<sup>236</sup>

No plano da higiene, essas concepções sobre o corpo e a doença fundamentariam um discurso pedagógico voltado para o cultivo das potencialidades físicas e morais dos indivíduos “*desde a mais tenra idade*”, como forma de garantir o melhor desempenho possível de seus papéis cívicos. Através do que Ana Cristina Araújo chamou de “concepção holística da natureza humana, traduzida numa compreensão global do homem em equilíbrio com o meio”<sup>237</sup>, a medicina sanchesiana exerceria um papel central nesse projeto ao garantir o equilíbrio físico e moral dos indivíduos tornando-os imunes aos desvios causados pelas enfermidades tanto da alma quanto do corpo. Assim, a medicina revestia-se de caráter

---

<sup>233</sup> Ibid. p.31.

<sup>234</sup> SANCHES, Antonio Ribeiro. **Projecto de instruções para um professor de cirurgia**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2003., p.01

<sup>235</sup> SANCHES, Antonio Ribeiro. **Método para aprender e estudar a Medicina** op cit. p.20.

<sup>236</sup> Idem.

<sup>237</sup> ARAÚJO., op cit. p.4

político e tornava-se motor privilegiado da reorganização cultural do reino, atribuindo-se legitimidade para produzir discurso sobre a moralidade, tarefa antes adstrita à esfera da Teologia e da Sermonística cristãs, do Direito e da Filosofia Moral.

Em *Tratado da conservação da saúde dos povos* (1756), Sanches afirma seu projeto higiênico para Portugal. A obra, como colocou o próprio autor, tinha o objetivo de “mostrar a necessidade que tem cada Estado de leis, e de regramentos para preservar-se de muitas doenças, e conservar a Saúde dos súbditos.”<sup>238</sup> A higiene é colocada como fator imprescindível ao sucesso da “Ciência Médica”, uma vez que seria impossível :

“aos Médicos, e aos Cirurgiões, ainda doutos, e experimentados, curar uma Epidemia, ou outra qualquer doença, numa cidade, onde o Ar for corrupto, e o seu terreno alagado. Nem a boa dieta, nem os mais acertados conhecimentos nestas artes produzirão os efeitos desejados; sem primeiro emendar-se a malignidade da atmosfera, e impedir os seus estragos.”<sup>239</sup>

A pertinência da obra era justificada pela negligência com que o assunto era tratado. Sanches questiona que, até sua época, o tipo de “Medicina Política” que propunha, não havia entrado na consideração dos “Tribunais da Europa”. As escolas de arquitetura, mesmo que ensinassem como construir cidades e praças com perfeição, não faziam uso da “física geral” para tratar da matéria. Do mesmo modo, procurava tratar também da conservação da saúde dos soldados e dos marinheiros, visto a extensão do império português pelas “três partes do mundo”. A crítica também se estendia à formação médica, também distanciada dos princípios da higiene. Nesse caso, a situação era ainda mais grave, pois, ao contrário de outras artes, um erro na medicina poderia levar à morte, e quando mal administrada, essa ciência poderia tornar-se “a mais perniciosa de um Estado”. Assim:

“Como não somente pertence aos Magistrados conservarem a salubridade dos quatro Elementos, mas ainda por todos os meios

---

<sup>238</sup> SANCHES, Antonio Ribeiro. *Tratado da conservação da saúde dos povos*. op. cit., p.2

<sup>239</sup> Idem.

velarem na Conservação da Saúde dos Povos, parece ser da sua obrigação ordenarem o mais acertado, e efectivo método para que os Médicos, e os Cirurgiões aprendam a curar as enfermidades.”

Portanto, a obra, à qual se refere como uma “ordem política, útil aos legisladores e fundada nas leis da Natureza” e nos “incontestáveis” conhecimentos da “boa física”,<sup>240</sup> pouparia o trabalho daqueles que quisessem se instruir na matéria e serviria tanto para informar aos Prelados dos Conventos, abadessas, aos inspetores de hospitais e pais de família, quanto para ser usada como base para a formulação de leis. Por isso, havia sido escrita em “estilo claro” para ser útil a quem quisesse ler e retirar “toda utilidade.”<sup>241</sup>

Nos primeiros capítulos, Sanches trata da natureza do ar e dos seus efeitos sobre o corpo humano, revelando conhecimentos sobre pressão atmosférica, calorimetria e dilatação dos sólidos. Fazendo citação do *Dissertations sur la chaleur (1751)* de M. Martene, afirma que o corpo humano possui um calor maior do que o da atmosfera e, ao longo da vida, esse mesmo calor tende a dissipar-se, de modo que “um moço de vinte e cinco anos não tem tanto este calor elementar como um menino.”<sup>242</sup> O ar muito aquecido teria efeitos nocivos ao corpo humano, uma vez que dissiparia os humores mais sutis:

“saiem pela transpiração, pelo suor, e pela urina em abundância: fica o sangue seco, térreo e espesso, geram-se enfermidades melancólicas, lepra, vômitos pretos, câmaras de sangue; e febres ardentes; se este calor demasiado se juntar com sufocação do Ar então apodrecem todos os humores, e pode causar mesmo a peste.”

<sup>243</sup>

Portanto, era necessário que o ar tivesse temperatura adequada para a conservação da saúde do homem, mas que também não fosse corrompido, pois o “ar podre” poderia ter efeitos devastadores sobre a saúde. Apoiando-se nas experiências químico inglês Stephen

---

<sup>240</sup> Idem.

<sup>241</sup> Idem.

<sup>242</sup> Ibid., p.5.

<sup>243</sup> Idem.

Hales (1677-1761), Ribeiro Sanches afirma que a superfície interna dos pulmões seria muito maior que a de todo o corpo e ali, desempenharia duas funções fundamentais: “a de comunicar ao sangue aquele fogo elementar e aquela luz, aquela vitalidade com que anima as plantas e os animais” e “absorver e embeber as exalações que saem do sangue, do mesmo modo que ele absorve a transpiração insensível que sai pela superfície do nosso corpo”.<sup>244</sup> Desse modo, um homem confinado num ambiente sem ventilação devida e com paredes e chão úmidos, seria exposto a humores nocivos produzidos pelas exalações das paredes e de seu próprio corpo e, ao respirar ou ingerir essa constituição corrompida, os humores de seu corpo obteriam essas mesmas qualidades nocivas, deixando-o privado da vitalidade que constitui o ar limpo e ventilado e sujeitando-o a enfermidades.

A partir dessa exposição Sanches destaca no nono capítulo que jamais os médicos haviam sido consultados pelos magistrados, e menos ainda pelos arquitetos, sobre os locais mais sadios para a constituição de cidades. Tal negligência seria ainda mais danosa para o Portugal, “porque tendo cada dia ocasião de fundar novas povoações nos seus dilatados domínios poderá ser que evitaria por este meio muitos inconvenientes que necessariamente redundaram na perda dos seus vassallos.”<sup>245</sup> A moderação do clima deveria ser a orientação geral para a escolha dos locais onde seriam fundadas cidades, nada poderia ocorrer em excesso: frio, calor, umidade e “secura”, todos esses fatores deveriam estar de acordo com a constituição do corpo, “gerada com tal harmonia que não consente excessos para conservar-se.”<sup>246</sup> Sanches lembra que Hipócrates, em seu texto *Águas, ares e lugares*, recomendava que as povoações fossem “viradas para o Oriente antes que para o Norte, antes para o Sul que para o Ocidente”, pois nessas localidades as temperaturas seriam mais moderadas e as águas expostas ao Sol nascente, tornando-as mais claras, leves e suaves. Por consequência, seus habitantes seriam de “boas cores” e de “bela estatura”, de voz clara e entoada. Além disso, a fecundidade das mulheres seria maior e seus partos menos expostos a riscos.<sup>247</sup> Citando o arquiteto italiano renascentista Leon Battista Alberti (1404-1472), Ribeiro

---

<sup>244</sup> Ibid., p.14.

<sup>245</sup> Ibid., p.18.

<sup>246</sup> Ibid., p.20.

<sup>247</sup> Idem.

Sanches defende que as cidades sejam erguidas de forma que possam ser “lavadas de todos os ventos” e que sirva de “Atalaia para os campos férteis vizinhos.”<sup>248</sup>

Desse modo, ele pregava que a interferência médica na higiene era mais que necessária, uma vez que a constituição das cidades não afetaria apenas a saúde dos habitantes, mas também seu ânimo. Nos locais infectados por “exalações malignas” e “ares pútridos”, eles seriam afetados não apenas por deformidades físicas e doenças diversas como, “pernas tortas”, sarnas, lepra e cegueira, mas também poderiam ser induzidos pelo ambiente a serem “cruéis a si e a seus semelhantes” e exemplifica: “No Japão mata-se pela mínima afronta. Ali os castigos são os mais horrendos: houve já uma Epidemia na qual todas as moças e raparigas se matavam sem causa manifesta.”<sup>249</sup>

Os ecos das concepções de Sanches sobre higiene ainda estariam presentes nas obras produzidas nos seus últimos anos de vida. Em *Mémoire sur les bains de vapeur de Russie* (1779), o médico disserta sobre as vantagens dos banhos, como eram praticados na Rússia, para “aliviar incômodos” e manter a boa saúde:

*«Si on considère attentivement les découvertes étonnantes faites en Europe depuis deux cents cinquante ans, dans La littérature, les arts & les sciences, comparées à celles de l'Asie, de la Grèce, de la république Romaine ; il semble que, parmi ces nations, un des points essentiels de la constitution de leurs états, étoit de rendre le corps robuste, sain & vigoureux »*<sup>250</sup>

Assim como o *Tratado para a Conservação da saúde dos povos*, a obra prestava-se à divulgação dos hábitos “sadios” de higiene entre a população leiga. O autor afirma, logo nas primeiras linhas, que ela não era dedicada à “instrução dos médicos”, mas sim aos habitantes dos campos, “destituídos dos socorros que encontramos nas cidades”. Portanto, Sanches abdica, propositadamente, de recorrer a “pesquisas físicas, e menos ainda de

---

<sup>248</sup> Idem.

<sup>249</sup> Idem.

<sup>250</sup> SANCHES, Antonio Ribeiro. *Mémoire sur les bains de vapeur en Russie, considérés pour la conservations de la santé et pour la guérison de plusieurs maladies* (1779). In. : **Histoire de la société royale de médecine..., avec les mémoires de médecine et de physique médicale...tirés des registres de cette société.** Paris : imprimerie de Monsieur, 1782. p.234.

medicina”, e procura não citar muitos autores.<sup>251</sup> A importância atribuída ao tema era justificada, pois a negligência com os banhos enquanto prática higiênica teria contribuído, na sua visão, para a fraqueza dos corpos dos homens de seu tempo em relação aos povos antigos, para os quais os cuidados com o corpo constituíam uma prioridade, como comprovava a construção de amplos ginásios por “todas as repúblicas da Grécia antiga”. Assim, o abandono dos “banhos artificiais” pela cultura cristã após o domínio bárbaro na Europa estaria na raiz da fraca constituição física dos homens de seu tempo, o que configuraria mais um fator de impedimento à construção de uma nação “vigorosa e saudável”.<sup>252</sup>

Sobre a constituição dos vapores originários dos banhos, Sanches afirma: “sabe-se hoje em dia, por uma infinidade de experiências, que a água contém partículas de fogo e ar; mas esse fogo é um fogo elementar, essas partículas fortemente unidas e encontram-se sob forte pressão, mesmo em relação ao ar.”<sup>253</sup> Esses elementos se desprenderiam da água através do calor transformando-se em vapor e ar, que seriam respirados diversas vezes pelos indivíduos durante o banho. O médico afirma que na medicina não haveria “nenhum remédio que possa igualar a força, a energia e a salubridade desses agentes combinados [ar, vapor e fogo] para fortificar, mudar e vivificar o corpo humano.”<sup>254</sup> O indivíduo saudável seria aquele que poderia exercer “todas as ações da vida humana com facilidade, prazer e com alguma firmeza”, e os banhos russos, como considerados, seriam ferramentas úteis para deixá-lo resistente aos fatores potencialmente causadores de desequilíbrios na saúde como, trocas contínuas de ar, variações abruptas de temperatura, os excessos diversos, quedas, entre outros.<sup>255</sup> Assim, na esteira de seu discurso higiênico, afirma que os banhos russos teriam a virtude de serem capazes de manter a saúde da sociedade civil, não só ao conservar “o estado de saúde” como também curar diversos males que flagelavam os homens.

---

<sup>251</sup> Ibid. p.233

<sup>252</sup> Ibid. p.238-239.

<sup>253</sup> No original em francês: « On sait aujourd’hui, par une infinité d’expériences, que l’eau contient des particules de feu & d’air ; mais ce feu est un feu élémentaire, ces particules sont extrêmement unies & pressées ; il en est de même par rapport à l’air. » Ibid. p.245.

<sup>254</sup> No original em francês : « ... nous verrons que dans la médecine on ne trouve aucun remède qui puisse égaler la force, l’énergie & la salubrité de ces agens combinés, pour fortifier, changer & vivifier le corps humain » Ibid. p.245-246.

<sup>255</sup> Ibid. p.246.

Dentre os temas abordados por Ribeiro Sanches ao longo de sua vida intelectual, sua tentativa de estabelecer uma nosologia das doenças venéreas recebeu relativo destaque, mesmo entre seus contemporâneos, o que pode ser comprovado pela solicitação de Diderot para escrever o verbete *Vérole grosse*, publicado no quinto tomo da *Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*, conforme foi mencionado anteriormente. Em suas duas obras mais conhecidas sobre o assunto, *Dissertations sur le maladie vénérienne* (1750) e *Observations sur les maladies vénériennes* (1785), o médico português procura mostrar que a sífilis já grassava na Europa muito antes da descoberta do continente americano, contrariando a hipótese corrente na época de que o mal havia sido trazido da América pelos colonizadores europeus. A autora portuguesa Ana Cristina Araújo defende que suas teorias sobre as doenças venéreas não poderiam ter sido articuladas sem o conhecimento de *Vénus Physica* (1745) de Maupertuis e a *Histoire Naturelle* (1749) de Buffon, obras importantes dos debates sobre hereditariedade no século XVIII, além das teses do *Essai sur la manière de perfectioner l'espèce humaine* (1756) de Vandermonde.<sup>256</sup>

*Observations sur les maladies vénériennes* é dividida em oito capítulos que abordam temas diversos relativos ao tema, entre eles, os métodos empregados pelo autor para tratar da doença ao longo de sua carreira, seus efeitos sobre as partes sólidas e nos humores do corpo, as formas de tratamento de pacientes na infância e adolescência, as formas de transmissão hereditária da sífilis, dentre outros. Na longa introdução, Sanches descreve seu contato com o tratamento da sífilis ao longo de sua carreira e suas observações sobre os vestígios de sua manifestação em cadáveres dissecados. Os efeitos da doença sobre o corpo são descritos no capítulo 4, onde o considera que o “vírus” possa ser contraído pelo contato com objetos infectados, como a cama onde dorme um sífilítico ou mesmo pelo ar “infectado e abafado do quarto de um doente que tem as úlceras venéreas cujos humores estão em estado de podridão.”<sup>257</sup> No entanto, a forma mais violenta de se contrair a doença seria através dos “atos venérios.” Dessa forma, os nervos e as partes sensíveis do corpo

---

<sup>256</sup> ARAÚJO., op. cit., p.25.

<sup>257</sup> SANCHES, Antonio Ribeiro. **Observations sur les maladies vénériennes**. Paris : Chez Théophile Barrois le jeune, 1785., p. 152.

seriam afetados, gerando espasmos; os humores se inflamariam e apodreceriam e o movimento do sangue cessaria.<sup>258</sup>

Mesmo diante de uma rápida análise de algumas obras publicadas por nosso personagem, fica bem claro o papel reivindicado por Sanches para a medicina. Sua jurisdição deveria extrapolar os limites do corpo abarcando também as questões relativas à organização higiênica das cidades e o estudo da alma em conjunto com suas manifestações no ânimo dos indivíduos. O estudo do comportamento humano deveria pertencer ao escopo da atuação médica, e sua presença nos processos de organização e planejamento social deveria ser imprescindível.

No próximo capítulo veremos como essa questão foi abordada em sua obra *Dissertação sobre as paixões da alma (1753)*. Visto a partir de uma perspectiva afinada com os debates do campo médico setecentista relativos ao movimento de revisão da fisiologia mecanicista e das relações entre o corpo e a alma, o tema acabaria por configurar mais um ponto de embate com o discurso teológico ao também ser reivindicado como objeto próprio ao discurso médico.

---

<sup>258</sup> Ibid., p.153.

### CAPÍTULO III

#### RIBEIRO SANCHES E A RETÓRICA MÉDICA SETECENTISTA SOBRE O FÍSICO E O MORAL.

Parte da historiografia costuma atribuir papel menor aos rumos tomados pelo conhecimento médico nos setecentos. Localizada entre os desenvolvimentos da anatomia do século XVII e as transformações terapêuticas do XIX, a medicina do século XVIII foi definida por alguns como estéril e confusa. Nessa perspectiva, ao contrário de outras ciências, como a física, a transformação radical da compreensão das leis da vida, da saúde e da doença só viria no século seguinte, especialmente após o desenvolvimento da microbiologia de matriz pasteuriana.<sup>259</sup>

De acordo com Renato Mazzolini, essa visão só faz sentido dentro de uma perspectiva que procura compreender a medicina setecentista a partir dos critérios atuais para a apreciação de realizações médicas. Se assim considerada, Mazzolini afirma que, de fato, a medicina do século XVIII não apresentou teorias e descobertas tão profundas quanto as do século precedente, e de um ponto de vista comparativo, houve algum arrefecimento no uso da filosofia experimental em fisiologia e relativa estagnação nas pesquisas microscópicas. No entanto, longe de reafirmá-las, o autor procura compreender essas diferenciações a partir dos debates que se mostraram pertinentes para os médicos setecentistas, em especial os conflitos agudos ocorridos entre diferentes correntes médicas no final do século XVII e início do XVIII, motivadas pelas crescentes críticas à aplicação

---

<sup>259</sup> PORTER, Roy. Le dix-huitième siècle. In. :PORTER, Roy; CONRAD, Lawrence; NEVE, Michael; et. al. **Histoire de la lutte contre la maladie** : la tradition médicale occidentale, de l'antiquité à la fin du siècle des lumières. Paris : Institut Synthélabo, 1999. p.391. Porter cita Charles Rosenberg, que situa a revolução terapêutica no século XIX e Michel Foucault (1925-1984) que, segundo o autor, defendia que a medicina só adquirira um "olhar científico" após a reforma dos hospitais durante a revolução, fazendo com que a doença saísse do domínio da caridade, para atingir sua maturidade nos anos de 1870 com a "pasteurização dos laboratórios". Ibid. p..391-392.

da filosofia mecanicista para compreensão do corpo humano.<sup>260</sup> Essa tensão ajudaria a definir os caminhos tomados pelo conhecimento médico no período, marcado por forte reação retórica aos sistemas médicos seiscentistas, especialmente ao ideal de uma medicina infalível, erigido sobre as bases de um mecanicismo de matriz cartesiana. O modelo de medicina defendido pelos críticos dizia-se mais afeito à observação que seus antecessores, acusados de se pautarem demasiadamente em modelos teóricos concebidos *a priori* (a exemplo da própria filosofia mecânica) que revelavam suas deficiências quando submetidos à observação direta dos fenômenos.

Na esteira da filosofia eclética, tratada no primeiro capítulo, a atitude dos médicos diante das manifestações clínicas passa a ser marcada pela modéstia, calcada na ideia de que só seria legítimo produzir afirmações e asserções gerais sobre o corpo e seu funcionamento após exaustivo trabalho de observação e julgamento racional do que era visto. A razão, sozinha, poderia conduzir a equívocos através da produção de sistemas que, embora logicamente coesos, poderiam turvar o olhar do filósofo sobre a realidade. Logo, tornava-se pertinente conjugá-la com a percepção sensorial dos fenômenos naturais como forma de evitar desvios.

Para Roy Porter, essa atitude está na raiz da forte ligação do conhecimento médico setecentista com a ilustração. Segundo o autor, muitos dos mais destacados intelectuais iluministas eram médicos ou tiveram contato com medicina ao longo de sua formação. John Locke (1632-1704), um dos mais citados pensadores progressistas do período e um dos baluartes do empirismo, com textos importantes no campo da epistemologia, pedagogia, religião racional e política liberal, havia estudado e praticado medicina. Além dele, outros intelectuais como Bernard Mandeville (1670-1733), David Hartley (1705-1757), Julien Offray de la Mettrie (1709-1751), François Quesnay (1694-1774) e Pierre-Jean-Georges Cabanis (1757-1808), não só eram médicos como formularam suas propostas de transformação da sociedade a partir do conhecimento médico.<sup>261</sup>

---

<sup>260</sup> MAZZOLINI, Renato. Les lumières de la raison : des systèmes médicaux à l'organologie naturaliste. In : GRMEK, Mirko ; FANTINI, Bernardino. **Histoire de la pensée médicale en occident. V. 2. De la Renaissance aux Lumières**. Paris: Éditions du Seulo, 1996.,p. 94.

<sup>261</sup> PORTER. op. cit. p.392.

Essas aproximações apontam um caminho alternativo para a compreensão dos rumos tomados pelo conhecimento médico setecentista que, ao rejeitar julgamentos baseados em critérios whiggistas<sup>262</sup>, como nos alertou Renato Mazzolini acima, desvia a atenção de comparações inférteis entre números de “descobertas científicas” e “progressos” do conhecimento médico, e revela uma orientação cada vez maior da medicina para a intervenção direta na sociedade, visando estabelecer padrões de comportamento que pudessem garantir a manutenção do estado de saúde físico e moral dos indivíduos, deixando-os imunes aos desvios representados pelas paixões. Como veremos, essas aspirações articularam-se com as mais diversas propostas de reforma política e cultural preconizadas pelas ideias iluministas e deram origem a um vocabulário médico que, por caminhos diversos, almejava inscrever a intervenção social como parte da jurisdição da medicina a despeito de outros discursos mais tradicionais, a exemplo do Direito e da Teologia.

Em grande parte, esse discurso renovado deplorava tanto a psicologia aristotélico-tomista, quanto o tratado cartesiano *Les passions de l'âme* (1649) pela suposta fragilidade com que retrataram a mente humana. Nessa perspectiva, os sistemas metafísicos e teológicos eram acusados de terem tornado obscuro o estudo da moral. Em revisão a essas tradições, emergem novas concepções sobre a fisiologia humana e sobre os elos entre esta e as paixões, domínios que passam a ser defendidos como imprescindíveis para todos aqueles que tivessem o comportamento humano como objeto de estudo.

Nesse contexto, o tema das relações entre Razão e paixões alcançou um desenvolvimento particular no ambiente médico a partir de meados do século. O entendimento das paixões - ou das emoções ou sentimentos - tornou-se central na tentativa de definir os diferentes tipos humanos, o que, amalgamado com ideias ilustradas, acabaria por forjar discussões acerca do modo adequado de garantir a ordem social e o governo dos

---

<sup>262</sup> Aqui uso o termo na definição proposta por John Henry: “ponto de vista historiográfico, em geral lamentável, que julga a importância de eventos passados à luz dos padrões, preocupações etc., atuais, ou que se ocupa apenas daqueles acontecimentos passados que obviamente parecem ter conduzido ao atual estado de coisas.” HENRY, John. **A revolução científica e as origens da ciência moderna**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.142

homens.<sup>263</sup> No ambiente intelectual francês, por exemplo, a retórica que articulava o ambicioso projeto desses grupos insistia que a fisiologia - ou economia animal - e a análise das idéias e das faculdades morais eram ramificações de uma mesma ciência, que deveria chamar-se *Science de l'Homme* ou *Medicina Antropológica*.<sup>264</sup> Como veremos mais adiante, boa parte dessas concepções teve inspiração em referenciais empiristas e racionalistas, por vezes articulados com alguns postulados da filosofia leibziniana e da física newtoniana. Esses referenciais foram selecionados, apropriados e articulados de maneiras diversas em longos debates que reuniram vertentes filosóficas vitalistas, animistas, iatromecânicas e sensualistas.

### 3.1 As novas concepções médicas sobre o corpo e a alma.

No campo médico, a contestação da iatromecânica já era gestada, pelo menos, desde o século anterior. De acordo com Sergio Moravia, mesmo ao longo do século XVII muitos intelectuais de várias tendências expressaram reservas com as doutrinas iatromecânicas, apresentando concepções da matéria viva alternativas às propostas pelos mecanicistas:

“In the second half of the seventeenth century, while Leeuwenhoek was discovering the existence of spermatozoa and Malpighi the complex properties of cellular tissue, Swammerdam was demonstrating the disquieting capacity of the muscles to correspond to nervous stimulus even after the severing of every connection with the spinal cord. After studying them and other phenomena, an English scientist Francis Glisson did not hesitate to attribute to the organism a real force (*vis insita in material*) which he called ‘irritability’”<sup>265</sup>

---

<sup>263</sup> MARCUS, George E. “Emotions in politics” in N. W. Polsby (Ed.) **Annual Review in Political Science**, Vol. 3, Palo Alto, Annual Reviewa, 2000, p. 221-50.

<sup>264</sup> WILLIAMS, Elizabeth A. **The physical and the moral: Anthropology, physiology, and philosophical medicine in France, 1750-1850**. Cambridge, Cambridge University Press, 1994

<sup>265</sup> MORAVIA, Sergio. From homme machine to homme sensible. Changing Eighteenth-Century models of man’s image, **Journal of the history of ideas**, vol. 39, n.1, p. 45-60, jan-mar.1978. p.48.

Nesse mesmo sentido, Jaques Roger cita as questões suscitadas pelo intelectual suíço Jean Le Clerc (1657-1736) no início do século XVIII ao resgatar a obra “The intellectual system of the universe” de Ralph Cudworth (1617-1688), antigo professor de Hebreu em Cambridge. Le Clerc, baseado nas afirmações de Cudworth, defendia a idéia de que Deus não poderia ter produzido todos os seres ao mesmo tempo e nem a criação poderia ser resultado do acaso, sem qualquer interferência de uma inteligência superior. Era necessário haver alguma autonomia da natureza na criação, regida sob as ordens de Deus, como seu instrumento inferior e subordinado. Roger enxerga os debates suscitados por Le Clerc como representativos de uma mudança no estado de coisas na ciência inglesa do período, apontando para uma crescente contestação das afirmações mecanicistas a partir de uma nova aproximação com os fatos da natureza. Isso acabaria por disseminar entre alguns círculos intelectuais a convicção de que o homem não poderia compreender realmente todas as coisas, e que só seria possível fazer suposições sobre as manifestações e forças naturais das quais não temos idéia distinta.<sup>266</sup>

Essas convicções tomariam força ao longo do século XVIII, embalados por novos questionamentos, como descreve Sergio Moravia:

“Could one really believe that life is nothing but the movement of solid and liquid parts; that organic matter is identical with inert matter; that de living being is really devoid of principles and forces that are in some way active; in short, that the organism is really a *machine* functioning according to processes and laws of an exclusively physical an mechanical nature? As time passed, and the secte of iatromechanists obsnately continued to defend their theses, a growing number of scholars tended to give negative answers to these questions.”<sup>267</sup>

Diante dessas renovações, a filosofia mecânica, que deu norteamentos importantes para as teorias médicas seiscentistas, passou a ser alvo privilegiado das contestações de

---

<sup>266</sup> ROGER, Jaques. *Les sciences de la vie dans la pensée française au XVIIIe siècle*. Paris : Albin Michel, 1993. p. 426.

<sup>267</sup> MORAVIA., op. cit. p.49.

muitas das novas propostas de intervenção nos fenômenos do corpo, num processo que tomaria força especialmente a partir da segunda metade do século. Não que as críticas estivessem assentadas numa rejeição completa à concepção do corpo-máquina, mas sim na recusa em aceitar que os seres vivos se reduzissem somente a isso. Os mecanicistas eram acusados de terem se aferrado a “sistemas”, e com isso, teriam falhado em perceber as peculiaridades da matéria viva em relação à inanimada. Nesse sentido, ao pensarem o corpo como uma máquina, teriam ignorado as manifestações orgânicas que extrapolavam as explicações mecânicas, explicitadas através de cuidadosa observação das funções corporais.

No entanto, segundo Renato Mazzolini, uma das contradições marcantes dos médicos da primeira metade dos setecentos, defensores de uma nova visão do corpo humano, é que, ao mesmo tempo em que condenavam os sistemas médicos que os precederam, organizavam seu ensino e conhecimento de modo semelhante ao que combatiam. Na prática, as críticas, veementes no campo discursivo, traduziam-se no mesmo desejo mais ou menos generalizado de fornecer uma visão geral do conhecimento médico e integrar as novas descobertas nesse mesmo esquema. Tal tendência teria se tornado mais explícita nos círculos intelectuais da segunda metade do século, através dos intelectuais enciclopedistas da geração de Diderot, D’Alembert, Buffon, Voltaire, dentre outros.<sup>268</sup>

Sobre esse aspecto, talvez não seja exagerado tomar como indicativo a reverência que muitos médicos do período destinavam a Herman Boerhaave (1668-1738) como sendo o grande mestre “organizador do conhecimento médico”, a exemplo de Albrecht Von Haller e do próprio Ribeiro Sanches, como vimos no capítulo 2. Segundo Harold Cook, essa atitude foi apropriada por uma historiografia tradicional que tende a vê-lo como um herói em meio ao emaranhado de teorias que supostamente marcaria o campo médico setecentista.<sup>269</sup> No entanto, o autor mostra que a característica que seus comentadores se referiam era sua reivindicação de uma postura diante dos fenômenos naturais baseada na observação e na experiência, em consonância com os postulados ecléticos. Segundo Cook, a trajetória de Boerhaave foi marcada por um afastamento gradual da crença de que a razão

---

<sup>268</sup> MAZZOLINI., op. cit. p.96.

<sup>269</sup> COOK, Harold. Boerhaave and the flight from Reason in medicine. *Bulletin of History of Medicine*, n.74, pp. 221-240, 2000., p.222

seria capaz de desvendar as causas primeiras dos fenômenos naturais em favor de uma aproximação da realidade calcada nos sentidos, que prezava mais o estudo dos efeitos do que a busca por causalidades, vistas como inacessíveis à mente humana na maior parte dos casos.<sup>270</sup>

Em meio a essas novas demandas teórico-metodológicas, as teorias de Newton e Leibniz tiveram contribuição decisiva para o processo de reconsideração da existência de forças inatas na matéria. Concepções como a gravitação e o magnetismo apontavam para propriedades e funções da matéria cujas causas eram desconhecidas, só sendo possível estudá-las através de seus efeitos. Tais questões dariam subsídios para os críticos da passividade imposta à matéria implícita nos postulados da filosofia mecanicista, sobretudo nos seus moldes cartesianos, cuja cisão entre *res cogitans* e *res extensa* subentendia a possibilidade de se compreender o funcionamento dos corpos sem fazer referência a qualquer princípio ou força imaterial.<sup>271</sup> O empirismo lockeano, por sua vez, contribuiria para a reorientação dos debates filosóficos a respeito das percepções sensoriais humanas, ao reivindicar a substituição da lógica dedutiva tradicional e a análise das idéias inatas, que Deus supostamente teria inscrito na alma humana, pelo estudo do sistema nervoso e dos processos de aprendizagem.<sup>272</sup>

Desde já, é importante colocarmos que nunca houve homogeneidade nessas propostas. Na verdade, como veremos, os modelos explicativos sugeridos seguiram caminhos diversos, não raro gerando tensões e debates entre si. No entanto, diante das incongruências apontadas nas concepções mecanicistas sobre o corpo, nota-se que as discussões passaram a ser norteadas pela ambição de fornecer modelos explicativos articulados em torno de questões que tomavam nova relevância, especialmente no que diz respeito às relações entre a alma e o corpo no controle das funções vitais e às influências das paixões sobre essa relação e seus efeitos sobre o moral dos indivíduos. Além disso, muita atenção também foi dada ao estudo anatômico dos nervos enquanto produtores e transmissores das sensações. Todas essas questões tomavam destaque ao tentarem dar

---

<sup>270</sup> Ibid. p.229-234.

<sup>271</sup> REY, Roseline. *Psyche, soma and the vitalist philosophy of medicine*. In.: John P. Wright & Paul Porter (Ed.) **Psyche and Soma: physicians and metaphysicians on the mind-body problem from Antiquity to Enlightenment**. Oxford: Clarendon Press, 2000., p.255.

<sup>272</sup> PORTER. op. cit. p.393.

inteligibilidade às funções corporais que a perspectiva do corpo-máquina supostamente falhara em explicar.

Nesse sentido, dentre os modelos explicativos que marcaram os debates médicos do período, o animismo, sob a figura do professor da Universidade de Halle, Georg Ernst Stahl (1660-1734), esteve entre os que desferiram ataques mais diretos ao mecanicismo cartesiano. Como afirma Mazzolini, Stahl procurou substituir a noção de “mecanismo” pela de “organismo”, baseando-se na recusa à ideia de que as funções vitais se reduzissem a ações mecânicas. O corpo só se apresentaria como uma máquina para aqueles que estudassem suas partes isoladas umas das outras e desconectadas do fim comum que as une, pois, ao contrário da matéria inorgânica, composta de agregados estáveis de partículas homogêneas ou heterogêneas, a matéria viva seria resultado de compostos instáveis de partículas heterogêneas e, portanto, sujeita a processos de decomposição e putrefação.<sup>273</sup> Tais processos teriam seu desenvolvimento impedido pela atuação da alma enquanto princípio vital imaterial, responsável por dar forma, animar e coordenar de modo inteligente as funções corpóreas. Assim, na concepção stahliana, o corpo seria literalmente o instrumento construído pela alma para atender a seus objetivos, “como o relógio é construído pelo artesão para marcar o tempo”,<sup>274</sup> tornando-a o agente da consciência e o regulador da fisiologia, encarregado de manter a saúde do corpo.

Essa centralidade da alma a colocaria no centro da proposta animista. Ela seria o fator que confere inteligibilidade às funções corpóreas, não podendo de modo algum ser dispensada em favor da anatomia ou da química, que na visão de Stahl, não seriam capazes de fornecer grandes explicações.<sup>275</sup> Radicalmente contra a perspectiva mecânica, essa concepção rejeita a ideia de doença como distúrbio físico e a reivindica como resultado da alteração dos movimentos vitais coordenados pela alma, o que deveria ser corrigido por um modelo de terapêutica comprometido em provocar a ação da *vis medicatrix naturae*, ou o princípio responsável por retomar, naturalmente, o equilíbrio vital.<sup>276</sup>

---

<sup>273</sup> Ibid. p.102.

<sup>274</sup> Idem.

<sup>275</sup> PORTER, Roy. op. cit. p.403.

<sup>276</sup> MAZZOLINI., op. cit. p.102-103.

A oposição radical de Stahl à filosofia mecânica suscitou um intenso debate com Gottfried Wilhelm von Leibniz (1649-1716), também crítico do mecanicismo, mas que procurou conciliá-la com a ideia de finalidade.<sup>277</sup> Essa idéia também está presente no animismo, mas é a alma que confere teleologia aos processos corporais ao dar forma e animar a matéria, dispensando a necessidade de recorrer aos princípios mecânicos para compreendê-los. Já a perspectiva leibniziana, que teve entre seus principais defensores o também professor de Halle, Friedrich Hoffman (1660-1742), desconfia da possibilidade de a alma intervir diretamente na matéria e reafirma os princípios mecânicos como os meios através dos quais a natureza expressa suas necessidades. A filosofia natural, através da matemática, seria então a disciplina capaz de desvendá-las e conferir-lhes inteligibilidade.<sup>278</sup> Nesse sentido, ao contrário de Stahl, a anatomia e a física teriam papel preponderante na compreensão dessas manifestações vitais, visto que a matéria viva seria, sim, regida por determinações mecânicas. No entanto, essas determinações estariam subordinadas a um mesmo princípio organizador, não material, inerente aos organismos vivos, constituído pelas mônadas. Também chamadas de enteléquias, as mônadas seriam inerentes à matéria e seriam responsáveis por coordenar e dar finalidade aos processos mecânicos. Em outras palavras, elas seriam o fator fundamental da diferenciação entre a matéria viva e a inanimada.<sup>279</sup>

Como podemos ver, ambos os autores eram críticos dos postulados mecânicos baseados numa matéria sem qualquer atividade para explicar os processos vitais, mas por vias distintas, o que desde já indica as diferentes aceções tomadas pelos debates filosóficos a respeito da questão alma-corpo no período. Na segunda metade do século, as afirmações de Leibniz seriam retomadas pelos vitalistas, corrente médica vinculada à faculdade de medicina de Montpellier, na França, que reformularia esses questionamentos sob novas bases, tendo como alguns de seus mais destacados representantes Louis de Lacaze, Jean-Joseph Ménéret de Chambaud, Henri Fouquet, Théophile Bordeu e Paul-Joseph Barthez.

---

<sup>277</sup> Os escritos trocados durante a longa controvérsia entre os dois no início do século XVIII foram publicados por Stahl em 1720, após a morte de Leibniz, com o título *Negotium Otiosum*.

<sup>278</sup> MAZZOLINI., op. cit. p. 104.

<sup>279</sup> DUCHESNEAU, François. Le principe de finalité et la science leibnizienne. *Revue Philosophique de Louvain*, v.94., n.3., p.387-414., 1996.

Segundo Roselyne Rey, o vitalismo surge em oposição ao mecanicismo dominante desde o século XVII e ao animismo de Stahl. Críticos dos pressupostos animistas na fisiologia humana, acusam seus defensores de terem insistido no mesmo equívoco dos mecanicistas: atribuir passividade à matéria na execução das funções vitais. Apesar de Stahl ter formulado um modelo de fisiologia que faz referência a forças imateriais e que rejeita a redução da fisiologia humana a princípios mecânicos, a matéria permanece totalmente subordinada aos desígnios da alma. Rey afirma que o vitalismo cancelou a dualidade corpo/alma e a substituiu pela oposição morto/vivente. Ao retomar alguns dos postulados leibnizianos, eles evocavam a especificidade dos seres vivos, implícita na frase “*tout organisme est un mécanisme, mais tout mécanisme n’est pas un organisme*”<sup>280</sup>

A reformulação dos questionamentos sobre a matéria viva a partir da dualidade entre matéria viva e matéria inanimada não é exclusiva do vitalismo. Na verdade ela já vinha sendo gestada no mesmo período com Buffon e a geração dos enciclopedistas, além de fazer referências a outras tradições de pensamento sobre o assunto, como afirmou Théophile de Bordeu:

*« De ce nombre sont, par exemple, les idoles d’Hippocrate, les atomes d’Épicure, les formes substantielles d’Aristotle, les monades de Leibniz, les formes et les molécules organiques de Buffon. Quoi qu’il en soit, il n’y a aucune raison de douter que les parties du corps ne soient toutes douées de la faculté sensible. »*<sup>281</sup>

Como já afirmamos, a concepção de que a matéria é dotada de propriedades intrínsecas, e que, portanto, desempenharia papel ativo nos processos vitais, está na raiz dessas inovações conceituais. A partir das diversas acepções que tomou, ajudaria a reformular o vocabulário e a terapêutica médica, resultando na produção de um discurso comprometido com a redefinição da jurisdição médica na sociedade.

---

<sup>280</sup> Ibid., 120.

<sup>281</sup> REY, Roseline. L’ame, le corps et le vivant. In. : GRMEK, Mirko ; FANTINI, Bernardino. **Histoire de la pensée médicale en occident. V. 2. De la Renaissance aux Lumières**. Paris: Éditions du Seulo, 1996., p. 117-55.

No caso específico dos vitalistas, a “força vital” seria o elemento responsável pelo equilíbrio da chamada “economia animal.” Mas sua origem e os limites de sua atuação, inclusive em relação à alma, era objeto de controvérsia até entre seus seguidores.<sup>282</sup> Apesar das divergências, Elizabeth Williams procura defini-la por meio de um enquadramento mais geral e comum à maior parte dos médicos seguidores da doutrina. Assim a força vital seria uma força não física e não espiritual, que agiria de forma semelhante ao magnetismo e à gravidade, podendo ter seus efeitos observados empiricamente, mas sua origem ainda seria desconhecida. Ela seria responsável pela harmonia e integração entre os organismos vivos e conferiria o caráter teleológico das funções fisiológicas.<sup>283</sup> Nesse sentido, a fisiologia tornava-se a anatomia em ação, o que prescreveria o estudo dos corpos em vida, pois esses efeitos seriam alterados após a morte<sup>284</sup>.

A interação da força vital com diversos de fatores tanto internos quanto externos aos indivíduos constituiria “economia animal”, que se expressaria no estado físico e no moral dos indivíduos. Dentre esses fatores estariam características como o clima e região em que o indivíduo vivia, sexo, idade, alimentação, temperamento e conduta moral. Quando perturbado, o equilíbrio resultante da interação dessas variáveis com a força vital intrínseca ao organismo geraria a doença. Diante disso, o papel do médico seria restituir esse equilíbrio, e para isso, ele precisaria ser capaz de compreender os meandros dessas interações e atuar de acordo com as especificidades de cada indivíduo<sup>285</sup>.

Os vitalistas estão inscritos no processo de resgate do caráter holístico da natureza humana ocorrido no século XVIII, ao propor uma postura da medicina diante do indivíduo que remete à tradição hipocrático-galênica. Nesse período, diversas correntes de pensamento médico apontam uma tendência em enxergar a saúde física e moral dos indivíduos como resultado de um equilíbrio entre aspectos de sua constituição interna (sexo, idade, tipo temperamento, alimentação, conduta moral) e externa (clima, lugar onde

---

<sup>282</sup> Nota-se que mesmo dentro da Universidade de Montpellier, os vitalistas nunca foram um grupo coeso, existindo diversas vertentes de pensamento, que muitas vezes entravam em contradição. Para uma apresentação dessa discussão e dos debates sobre a definição da força vital, ver: WOLF, Charles; TERADA, Motoichi. The animal economy as object and program in Montpellier vitalism. *Science in context.*, n. 21(4), p. 537-579, 2008; WILLIAMS, Elizabeth A. **The physical and the moral: Anthropology, physiology, and philosophical medicine in France, 1750-1850.** Cambridge, Cambridge University Press, 1994.

<sup>283</sup> *Ibid.*, p.31

<sup>284</sup> *Ibid.*, p.29-41.

<sup>285</sup> *Ibid.*, p.46-62.

nasceu, lugar onde vive), sem estabelecer limites claros entre um domínio e outro. No contexto francês, essa perspectiva esteve na raiz da chamada *science de l'homme*<sup>286</sup>, que teve entre os vitalistas da Faculdade de Medicina de Montpellier, número expressivo de seguidores. Durante o período revolucionário, no final da década de 1780, seus postulados fundamentariam as propostas dos médicos *idéologues* que, afinados com os ideais revolucionários, reivindicariam uma nova jurisdição médica, que a legitimaria a intervir e organizar a vida social segundo essas renovações.<sup>287</sup> Além disso, Williams afirma que ela permaneceria inscrita no pensamento médico francês até sua ruptura, a partir do século XIX, quando sua fragmentação daria origem a diversas especialidades médicas, dentre elas, o alienismo, a higiene e a medicina legal, que conservariam de forma indireta sua proposta mais geral de intervenção médica na sociedade.<sup>288</sup>

Todas essas discussões, por caminhos variados, fazem referência a uma tendência importante para a compreensão dos debates médicos e de diversas outras manifestações culturais do século XVIII, conhecida como reabilitação das sensibilidades. A contestação das concepções estritamente mecânicas da fisiologia humana em favor de uma abordagem voltada para o “orgânico”, acabariam por resultar numa profusão de discursos sobre as paixões e as emoções, tendo como ponto comum o estudo das suas influências sobre a conduta moral dos indivíduos e da coletividade. Roselyne Rey ressalta que essa questão já estava inscrita em diversas tradições filosóficas e teológicas ocidentais através da influência platônica e aristotélico-tomista, que perpassaram o período medieval até a Renascença. Nesse sentido, a reação à divisão entre os domínios do corpo e da alma nos moldes cartesianos, no século XVIII, seria marcada pela retomada dessas questões como

---

<sup>286</sup> De acordo com a autora, a *science de l'homme* não tem uma definição exata, mas poderiam ser caracterizadas por quatro fatores principais: em primeiro, elas enxergariam o homem a partir de uma concepção holística, o que implicaria, em segundo lugar, uma reciprocidade entre seus aspectos físicos e morais. Desse modo, essas duas características levariam a terceira, que subentende que a medicina deveria estar inscrita na sociedade, pois os fenômenos sociais teriam relação com o bem-estar do corpo. Em quarto lugar, os homens seriam separados em “tipos”, que seriam definidos a partir de aspectos como idade, sexo, clima, doenças, etc. Ibid., p.8-9.

<sup>287</sup> Sobre os *idéologues* e suas propostas no contexto da revolução francesa, ver: WILLIAMS., op. cit. p. 67-78.

<sup>288</sup> Ibid., p.11-17.

fundamento para novas correntes do pensamento médico, defensoras, como vimos, de um novo papel para a medicina na sociedade.<sup>289</sup>

Nesse contexto, a “sensibilidade” foi recolocada como questão privilegiada no interior das mais variadas correntes de pensamento médico. Atribuía-se às sensações a origem da condição física e moral dos indivíduos, uma vez que elas seriam responsáveis tanto pelo movimento do corpo quanto pelas manifestações do ânimo. O objetivo era desvendar quais as estruturas, materiais ou imateriais, seriam responsáveis por esses mecanismos e como elas poderiam alterar o estado geral do organismo. Como resposta, diversas propostas foram formuladas no interior de diversas tradições, inclusive vitalistas, animistas e iatromecânicas, dentre outras.

Albrecht Von Haller (1708-1777) foi um dos mais destacados autores de pesquisas sobre essas questões. Em 1752, como professor da universidade de Göttingen, apresentou diante da Sociedade Real de Ciências da mesma cidade o trabalho intitulado *De partibus corporis humani sensibilibus et irritabilibus*<sup>290</sup>, no qual defende uma diferenciação entre partes irritáveis e partes sensíveis do corpo humano. Por definição, as primeiras seriam as partes que, após serem tocadas, ficariam mais curtas; já as partes sensíveis, quando tocadas, transmitiriam impressões à alma. Segundo Marisa Russo, Haller valeu-se desses critérios para produzir um inventário completo das partes do corpo humano segundo a ausência ou manifestação dessas propriedades, oferecendo assim, o “esboço de uma anatomia capaz de oferecer um ‘mapeamento sensitivo e motor’ do corpo animal”<sup>291</sup>

Para Haller, irritabilidade e a sensibilidade seriam características intrínsecas às fibras que compunham as partes de corpo humano. Como temos acompanhado, a ideia de que a matéria orgânica poderia gerar movimento e sensação por si mesma era ponto em comum entre muitas correntes de pensamento do período. No entanto, em boa parte dessas vertentes, costumava-se atribuir essa característica a uma mesma propriedade da matéria

---

<sup>289</sup> REY, Roseline. Hygiène et souci de soi dans la pensée médicale des Lumières. In.: **Communications.**, n.56., p.25-39, 1993.

<sup>290</sup> Segundo Marissa Russo, em 1755 o trabalho seria traduzido para o francês por Tissot, sob o título *Dissertation sur les parties sensibles e irritables des animaux*. LECOINTRE, Marisa Russo. Irritabilidade e sensibilidade: fisiologia e filosofia de Albrecht Von Haller. In.: MARTINS, R. A.; MARTINS, L. A. C. P.; SILVA, C.C.; FERREIRA, J. M. H. (eds.) **Filosofia e História da Ciência no Cone Sul: 3º encontro**: AFHIC, 2004. p. 310-319.

<sup>291</sup> *Ibid.* p.315.

orgânica, a irritabilidade. Ao definir a sensibilidade e a irritabilidade como propriedades distintas e classificá-las como propriedades específicas de certas partes do corpo, Haller rompeu com uma longa tradição médico-filosófica e abriu nova perspectiva epistemológica para analisar a anatomia humana:

“Os conceitos de irritabilidade e sensibilidade passam a iluminar o corte do bisturi, e uma nova anatomia passa a redelimitar as partes do corpo, tomando como referência não o limite espacial que um certo olhar pode reconhecer na forma, mas o limite funcional, na expressão mais íntima dessa *máquina orgânica*”<sup>292</sup>

Segundo Georges Rousseau, esses debates sobre as sensibilidades e as emoções são parte de um processo mais amplo que teria marcado o século XVIII e o próprio iluminismo, definido como a “secularização da cognição e da percepção por meio do cérebro e de seus vassallos, os nervos.”<sup>293</sup> O autor procura mostrar como as concepções tradicionais da relação alma-corpo, que remetem ao mundo grego e medieval, foram reformuladas pela filosofia mecânica ao propor a materialização dos processos sensitivos e cognitivos, antes relacionados diretamente à alma. Como resultado, os debates suscitados pelas correntes filosóficas setecentistas (incluídas as críticas ao mecanicismo e à passividade da matéria) não passariam de reflexos de um processo social mais geral que, segundo Rousseau, “engoliu a própria teoria médica”, caracterizando as diversas tentativas de formular novos modelos que pudessem dar explicações satisfatórias aos processos cognitivos e emocionais humanos.<sup>294</sup> O autor defende que essas discussões acabariam por naturalizar os *nervos* como metáfora na linguagem utilizada em vários campos de discussão filosófica do período. Na sua longa descrição, o século XVIII:

“os teologizou, tanto na teologia radical quanto na conservadora, da época, pois dizia-se (os conservadores) que os nervos

---

<sup>292</sup> Ibid. p.317.

<sup>293</sup> ROUSSEAU, Georges. Para uma semiótica do nervo: a história social da linguagem em novo tom. In.: BURKE, Peter.; PORTER, Roy. (org.). **Linguagem, indivíduo e sociedade**. São Paulo: Unesp, 1993. p. 294.

<sup>294</sup> Ibid. p.315.

eram a dádiva fisiológica de um Deus benevolente a um povo perverso, que precisava deles para se modificar, e também (nas versões radicais, como as das conferências de Boyle) a revelação da bondade de Deus ao dotar suas criaturas com a unidade de organização de que mais precisavam. Demonizou-os, na medida em que os empíricos e espiritualistas continuaram a dotá-los de poderes mágicos e alquímicos que ninguém nunca tinha visto. Mecanizou-os e vitalizou-os em incontáveis debates médicos por toda a Europa. Taxonomizou-os em nervos mais fortes e mais fracos, mais e menos importantes, maiores e menores, pigmentados e não pigmentados, brancos e pretos, vermelhos e amarelos, da forma que Lineu, Cullen, e muitos outros propuseram-se a fazer seus esquemas nosológicos. ‘Darwinizou-os’, também, quando Erasmus Darwin sugeriu que o sistema nervoso vinha evoluindo (desenvolvendo-se em insetos e em animais mais inteligentes) e acabaria evoluindo em algo muito maior do que era no fim do século XVIII. Classificou-os, patologicamente, em estados normais e anormais-condições gerais, por assim dizer, dos nervos que davam o tom de toda saúde humana e determinavam a longevidade. E ‘biologizou-os’ nas discussões embriológicas sobre reprodução, pré-formação e epigênese”<sup>295</sup>

Dando continuidade a sua tese, Georges Rousseau mostra como essa nova linguagem gerou diversas ramificações sociais e, em determinados setores, passou a

---

<sup>295</sup> Ibid. p.296. No interior dessa nova cultura dos nervos, Roy Porter também identifica a ascensão de um vocabulário sobre as *fibras*, entendidas como a unidade anatômica mínima das estruturas orgânicas e centro da capacidade de reação dos tecidos. Na esteira das investigações sobre as sensibilidades, o “tônus” das fibras constitui mais uma ferramenta linguística para representar estados físicos e morais dos indivíduos: “Entram em jogo novas metáforas, multiplicando as alusões às sensibilidades, evocando os ‘fios’ frouxos ou tensos para visar melhor ‘recuperar o tônus da fibra e colocá-la em harmonia com o resto do instrumento vital’”. Assim, o estado das fibras foi frequentemente relacionado à condição moral dos indivíduos. É nesse sentido, por exemplo, que muitos médicos passaram a receitar banhos frios ou quentes para seus pacientes, como forma de alterar seu ânimo. PORTER, Roy; VIGARELLO, Georges. Corpo, saúde e doenças. In.: VIGARELLO, Georges; CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jaques (org.). **História do corpo** (vol.1). Rio de Janeiro: Vozes, 2008. pp. 441-486.

determinar códigos sociais, dando origem ao que chamou de “mitologia nervosa”<sup>296</sup>. Indivíduos pertencentes ou recém-chegados à classe média, por exemplo, utilizavam-se do vocabulário dos nervos como fator de diferenciação de sua posição social. Nesse período tornou-se comum que o temperamento, estados emocionais e enfermidades de pessoas ligadas às classes mais altas fossem descritos em termos da mitologia dos nervos, como “neurastênico”, “nervoso”, “bilioso”, etc. Diante da necessidade de diferenciar-se socialmente, as enfermidades nervosas ficaram tão relacionadas aos membros da elite quanto a tuberculose para as classes mais baixas:

“O processo representa uma convivência calculada entre aqueles que geraram (formularam e articularam) a teoria fisiológica e aqueles (figuras políticas, negociantes, profissionais) que conduziam as massas? Certamente não. Ainda assim, todos os grupos envolvidos relacionaram-se a essa nova mitologia dos nervos, e portanto é historicamente importante notar em que medida esta semiótica do nervo estava limitada por classes e – é claro – limitada por gênero.”<sup>297</sup>

É importante reforçarmos que essas renovações nos discursos e nas práticas de diversos setores sociais, não significaram uma recusa generalizada à filosofia mecânica na medicina, mas antes o surgimento de discursos alternativos ou que propunham sua revisão. A iatromecânica, assim como os postulados mecanicistas solidistas, ainda estavam presentes de forma significativa em círculos médicos proeminentes, inclusive nas propostas de seus críticos. De acordo com Harold Cook, a fisiologia de Boerhaave, por exemplo, entendia o funcionamento do corpo humano a partir do equilíbrio entre as partes sólidas e líquidas que o compunham, evitando referência a forças imateriais para explicar processos fisiológicos.<sup>298</sup> Os estudos de Stephen Hales sobre a circulação sanguínea, outra referência importante para muitos autores da época, também devem muito aos princípios da iatromecânica. Publicada em 1733, sua obra mais conhecida, a *Haemastaticks*, procurava fornecer conclusões inovadoras sobre as relações entre a pressão sanguínea e o tamanho

---

<sup>296</sup> ROUSSEAU. op. cit. p.303.

<sup>297</sup> Ibid. p.305.

<sup>298</sup> COOK., op. cit., p.221-240

dos animais; a velocidade da circulação em diferentes partes do corpo, além de fornecer quadros estatísticos dos valores da pressão sanguínea de diferentes tipos de animais.<sup>299</sup>

Além desses, poderíamos também citar os esforços de François Boissier de Sauvages de traçar quadros nosológicos, articulando a tradição de Sydenham e as propostas de Linneu; as teorias da respirabilidade com Joseph Black, Lavoisier; ou até mesmos as calorosas discussões sobre hereditariedade. Mas, como vem sendo apontado, nossos interesses no presente trabalho estão voltados para as transformações filosóficas que levaram a produção de um novo discurso médico, que procura redefinir a jurisdição da medicina no contexto das inovações trazidas pelo iluminismo.

Sobre essa questão, Roselyne Rey defende que os debates sobre as sensibilidades, especialmente a partir da segunda metade do século, apontam para o surgimento de um discurso higienista cada vez mais voltado para a esfera pública, nos moldes de uma “polícia médica.”<sup>300</sup> O moralismo característico desse discurso emergente poderia ser representado na afirmação de Ménuret de Chambaud na enciclopédia de Diderot, transcrita pela autora: *“peut-être est-il vrai que, pour être un bon moraliste, il faut être excellent médecin.”*<sup>301</sup> Para a autora, essa retórica médica tenta redefinir a relação do sujeito com seu próprio corpo. Este se torna um objeto de atenção, que não pode ser reduzido à conservação da saúde, pois deixa de ser entendido como um “envelope carnal” para se tornar o meio pelo qual o indivíduo se relaciona com o mundo.<sup>302</sup>

Segundo Rey, ao colocar as sensibilidades na ordem do dia, os debates filosóficos desse período tenderam a deslocar o “eu” da alma humana e espalhá-lo por todo o corpo, de modo que as sensações se tornassem parte dele.<sup>303</sup> A sensibilidade deixa de ser apenas a

---

<sup>299</sup> MAZZOLINI, op. cit. p.111.

<sup>300</sup> ROSELYNE, Rey. *Hygiène et souci de soi.*, op cit., p.25

<sup>301</sup> Idem.

<sup>302</sup> Ibid. p.26.

<sup>303</sup> De acordo com Sergio Moravia, isso foi possível devido à ocorrência de dois processos ao longo desse período : a “destruição das essências” e a “captura do invisível”. O primeiro consistiria numa recusa à idéia do Ser como uma essência uniforme. No lugar, ele passaria a ser entendido como o resultado de conformações das percepções, que estão em constante movimento e transformação.

Moravia enfatiza o ataque que muitos intelectuais iluministas promoveram à idéia do Ser como uma essência a partir da segunda metade do século XVIII, especialmente na Inglaterra e na França: *“The only way to include it [self] and its higher functions within the realm of empirical knowledge seemed to many to be its ‘dissolution’ into the empirical phenomenology of the acts that it performed.”*

centelha da vida, ela se torna a sua condição, porque é ela que mantém o corpo em funcionamento, logo ela seria tão importante quanto o ar para a manutenção da vida: “*sans besoin, sans appétit, sans inquiétude, la machine animale, au sens propre, cesserait de fonctionner.*”<sup>304</sup>

Se os sentidos eram condições básicas para a vida, então era necessário educá-los, controlá-los, como forma de garantir um equilíbrio saudável das funções vitais. Assim, a felicidade e a saúde dependeriam de seu bom uso, enquanto a doença seria o resultado de seu desregramento. Nesse sentido, torna-se aconselhável a busca por atividades de lazer e diversificação das atividades intelectuais, numa articulação harmoniosa entre o cuidado consigo e a vida social, indicativa de uma aproximação cada vez maior entre higiene e moral.<sup>305</sup>

Tais transformações levaram ao fim da clivagem entre o meio interior e o exterior dos indivíduos, tornando-os domínios contínuos. Em consonância com as afirmações de Elizabeth Williams ao analisar as propostas vitalistas<sup>306</sup>, Rey conclui que a higiene privada emerge em oposição à higiene pública ao particularizar os cuidados pessoais de acordo com a constituição física e moral de cada indivíduo e da sua relação específica com o seu meio, aspectos analisados a partir de cuidadosa observação dos hábitos, idade, sexo, alimentação, clima, constituição do ar, dentre outros.<sup>307</sup>

Como foi colocado no início do capítulo, essas concepções inovadoras estão na raiz da retórica médica renovada da segunda metade do século XVIII. O primado das sensações enquanto condição para a vida possibilitou a laicização dos discursos sobre os sentimentos

---

Como desdobramento desses posicionamentos, a “captura do invisível”, se daria através de três estratégias: a primeira seria a busca empírica pelos movimentos da alma e teria como base a concepção de que a ela se manifestaria através da linguagem corporal visível. Nesse sentido, mesmo as suas funções mais impalpáveis poderiam ser decifradas pelo conhecimento científico. A segunda estratégia consistiria na tradução de termos metafísicos para termos mais palpáveis, assim a concepção de “alma” se aproxima cada vez mais do “moral” para se referir às dimensões humanas que não teriam conotação teológica e seriam empiricamente verificáveis. Esse conceito tem íntima relação com o físico, constituindo a *organização corporal* humana. A terceira estratégia é a mais radical das três e propõe a completa redução da alma ao corpo, assim, o homem moral seria essencialmente o homem físico. MORAVIA, Sergio. The capture of the invisible. For a (pre)history of psychology in eighteenth-century France, **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, vol.19, pp. 370-378, out. 1983.. p.371-375.

<sup>304</sup> REY, Roselyne. Hygiène et souci de soi dans la pensée médicale des Lumières., op. cit. p.27.

<sup>305</sup> Ibid. p.28.

<sup>306</sup> Ver página 10.

<sup>307</sup> Ibid. p.32-33.

e as emoções humanas, abrindo espaço para a medicina propor seu modelo de intervenção social, no qual ela se legitimaria como entidade produtora de padrões de conduta física e moral. Já mencionamos que, tradicionalmente, essa tarefa era adstrita a outros discursos, sobretudo o teológico. Mas a partir desse período, os remédios “morais” utilizados pela Igreja, passaram a ser vistos como ineficazes, pelo menos nos casos em que os médicos conseguissem identificar suas causas fisiológicas, subentendendo a subordinação do conhecimento religioso ao médico.

Tal processo também ocorreu em Portugal durante as reformas ilustradas, iniciadas durante o consulado pombalino e estendidas até o período mariano. Embora não tenham deixado indícios de institucionalização mais efetiva, as reivindicações pelo tratamento das paixões da alma pela via da psicofisiologia estiveram presentes em obras marginais publicadas ao longo desses anos.

### **3.2 A psicofisiologia das paixões na medicina portuguesa: Ribeiro Sanches e Francisco Melo Franco**

Como temos mostrado, as concepções sobre a natureza humana originadas nos amplos debates médico-filosóficos setecentistas tornaram possíveis o desenvolvimento e a larga difusão do olhar médico sobre o comportamento transgressor. Tais debates empolgaram segmentos da medicina lusitana que passaram a contestar a ortodoxia moral, religiosa e política do Antigo Regime, enfeixada sob a batuta da Inquisição, dos órgãos censores e da Intendência Geral de Polícia. Nesse sentido, de forma semelhante ao que acontecia em outros contextos iluministas, parte da intelectualidade médica lusa procurou ampliar sua esfera de intervenção profissional através de uma retórica baseada nas novas formulações sobre a psicofisiologia das paixões. Essas formulações eram derivadas dos estudos neurológicos desenvolvidos a partir de postulados mecanicistas, vitalistas, animistas, que procuraram redefinir a antigo problema da interação entre corpo e alma, nos homens.

No contexto do reformismo ilustrado em Portugal, as obras produzidas com essa orientação, como afirmamos acima, foram raras e marginais, e não temos maiores indícios de sua irradiação e institucionalização, mesmo no período posterior à reforma do currículo

médico da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, em 1772. Em geral, elas prezam pela laicização dos discursos sobre comportamentos tradicionalmente considerados pecaminosos ou imorais pela Teologia e o Direito, e procuram redefini-los, total ou parcialmente, como doentios, a partir de referenciais próprios ao discurso médico de matriz racional-empirista. Seus autores também escreveram livros pedagógicos de higiene pública e privada, e tiveram intensa participação nos círculos ilustrados lusitanos de suas respectivas épocas.

Destacaremos duas dessas obras que, embora distantes 41 anos entre si e inseridas em contextos distintos da ilustração portuguesa, contribuíram para a emergência dessas formulações no campo intelectual português a partir da segunda metade do século XVIII. Uma delas é a, já mencionada, *Dissertação sobre as paixões da alma*, escrita por Antonio Ribeiro Sanches em 1753. A outra, foi publicada em Portugal no ano de 1794 pelo médico brasileiro, Francisco Mello Franco (1757-1822), sob o longo título *Medicina theologica ou Súplica humilde feita a todos os senhores Confessores e Directores sobre o modo de proceder com os seus penitentes na emenda dos peccados, principalmente da lascívia, cólera e bebedice*.

Já conhecemos a figura de Antonio Ribeiro Sanches, cuja trajetória e inserção na intelectualidade ilustrada lusa, durante o período pombalino, foram objetos de nosso segundo capítulo. A *Dissertação sobre as paixões da alma*, por sua vez, será analisada na próxima seção deste capítulo.

O autor da *Medicina Theologica*, Francisco Mello Franco, nasceu em Paracatu, Minas Gerais, em 1757, (portanto, quatro anos após Sanches ter concluído o manuscrito da *Dissertação*) e faleceu em 1823, na cidade de Ubatuba, em São Paulo.<sup>308</sup> Apesar de ter começado e terminado seus dias na América portuguesa, o auge de sua carreira se deu em Portugal, onde cursou medicina na Universidade de Coimbra e residiu por trinta anos, adquirindo boa reputação como médico. Segundo Luiz Carlos Villalta, o médico mineiro integrou a junta médica que declarou D. Maria I insana e, em 1808, foi nomeado médico honorário da Real Câmara. Em 1817, seu prestígio como praticante da arte médica foi reconhecido por D. João VI, que o nomeou médico da princesa Maria Leopoldina, o que

---

<sup>308</sup> MASSIMI, Marina. As idéias psicológicas de Francisco Mello Franco, médico e iluminista brasileiro. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília, v.7, n.1, pp. 83-90., 1991., p.84.

levou o a fazer parte da comitiva que a acompanhou ao Brasil. De volta à América Portuguesa, manteve-se como renomado médico no Rio de Janeiro até que, devido a intrigas palacianas, foi considerado traidor por D. João VI e proibido de entrar na Corte. Seus últimos dias foram marcados pela miséria devido à sua expulsão e a falência do banco em que depositara toda a sua fortuna.<sup>309</sup>

Apesar da proximidade que teria com a Coroa portuguesa ao longo de sua trajetória, a atividade intelectual de Mello Franco foi marcada por sua oposição às características que considerava contraditórias na ilustração portuguesa, sobretudo durante o governo de Dona Maria I e da regência de Dom João I, entre 1777 e 1816. Esse período, apesar de não ter significado uma ruptura com as reformas ilustradas do consulado pombalino, foi marcado pelo exílio de Pombal e pela ascensão ao poder de alguns de seus opositores e perseguidos. Apesar disso, deu-se continuidade ao regalismo laicizante do consulado anterior, mas dentro dos limites estabelecidos pela atividade inquisitorial, a Real Mesa Censória e a Intendência Geral de Polícia.<sup>310</sup>

O médico mineiro foi um dos intelectuais formados na Universidade de Coimbra reformada, assim como José Bonifácio de Andrada e Silva, Antônio de Moraes Silva, Vicente Seabra Telles e Manoel Joaquim Henriques de Paiva. De forma semelhante a alguns desses intelectuais, seus posicionamentos políticos controversos o tornaram alvo da atividade repressiva da Coroa.<sup>311</sup> Formou-se em medicina após ter ficado preso durante quatro anos sob a acusação de irreligiosidade pelo tribunal inquisitorial e, no ano de sua formatura, publicou *O Reino da Estupidez*, poema satírico que ridiculariza a Universidade de Coimbra no período mariano<sup>312</sup>. Em 1794, a *Medicina teológica*, publicada como obra apócrifa, também seria também alvo da perseguição régia pelo seu conteúdo considerado anti-clerical, através do intendente de polícia Pina Manique.

Segundo Marina Massimi, o referencial empirista é uma marca importante da obra do autor, que na sua definição é uma “síntese feliz” entre iluminismo e medicina, de modo que em seu trabalho fica “evidente o interesse pelo estudo científico da subjetividade e da

---

<sup>309</sup> VILLALTA., op. cit., p.133

<sup>310</sup> Ibid., p.128.

<sup>311</sup> Sobre esse assunto ver: VILLALTA. op. cit. p. 128-148.

<sup>312</sup> Ibid. p.133-135.

busca de modalidades adequadas para ele.”<sup>313</sup> Para Massimi, desde o seu *Tratado para a educação fysica dos meninos, para uso da nação portuguesa (1790)*, Franco, comprometido com a primazia da razão conjugada com a observação para o estabelecimento de um novo saber, procura formular um modelo educacional para a juventude portuguesa voltado para o cultivo do corpo e dos sentidos. Essa orientação seria fundamental, pois determinaria a formação moral dos cidadãos portugueses:

“Ninguém, refletido, deixará de conhecer o quanto importa à perfeição dos homens a perfeição dos sentidos, pois, estando hoje em dia assentado entre os filósofos que a primeira e única fonte dos nossos conhecimentos são os sentidos, é manifesto que, quanto mais aperfeiçoados forem, menos errôneas serão nossas idéias”<sup>314</sup>

Os argumentos de Mello Franco em *Medicina Theológica* são uma amostra do tipo de discurso médico que começa a ser forjado a partir do referencial empirista em Portugal. Em linhas gerais, Franco afirma a inaptidão dos confessores para tratar das paixões da alma por desconhecerem as ligações existentes entre a alma e o corpo, o que a legitimaria o tema pertencente ao escopo da atuação médica. Paulo José Carvalho da Silva<sup>315</sup> mostrou como o médico mineiro reivindicou a intervenção da medicina na esfera religiosa ao procurar instruir os confessores a tratar da alma. De acordo com a concepção de natureza humana defendida por Franco, os remédios exclusivamente morais seriam inúteis:

“porque seria ineficiente agir apenas na alma. Orações, jejuns e disciplinas de nada valem. Ao invés de considerar o corpo um mero escravo rebelde da alma, o confessor deve aprender as leis que regem seu funcionamento. Não basta apenas ser médico de almas, ele deve necessariamente remediar o corpo.”<sup>316</sup>

---

<sup>313</sup> MASSIMI, Marina. As idéias psicológicas de Francisco Mello Franco, médico e iluminista brasileiro. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília, v.7, n.1, pp. 83-90., 1991

<sup>314</sup> MASSIMI., op cit., p. 84 apud. FRANCO, 1946., p.233.

<sup>315</sup> SILVA, Paulo José Carvalho da. A psicopatologia entre a alma e os nervos: a *Medicina theologica (1784)* de Francisco de Mello Franco. **Filosofia e História da Biologia**, v.3, pp. 335-345, 2008

<sup>316</sup> *Ibid.*, p.336.

Franco vai além dessa prescrição e afirma que a própria salvação da alma dependeria da saúde do corpo, e assim tenta subordinar a teologia à medicina, pois o conhecimento médico articulado com a teologia teria mais a oferecer para a Igreja que a teologia em si, uma vez que os teólogos seriam “sobremaneira ascéticos e abstratos, ocupados unicamente com ideias platônicas e aristotélicas”.<sup>317</sup> Os teólogos deveriam conhecer a natureza dos nervos, sua estrutura, disposição e seus usos para poder compreender os vícios humanos, pois os acidentes da alma dependeriam do que acontece com os nervos. Silva enxerga uma proximidade entre as ideias de Franco e alguns autores ligados ao empiricismo, como Albrecht Von Haller e Antoine Le Camus (1722-1772), cuja publicação de 1753 (reeditada em 1769) intitulada *La médecine de l'esprit* entendia a origem das paixões nas sensibilidades de corpo, por meio dos efeitos das impressões externas sobre as fibras animais

As críticas apresentadas por Franco têm calibre semelhante às de Sanches, publicadas 41 anos antes. Embora não haja indícios claros de que Franco tenha se apropriado das ideias do médico de Penamacor sobre a psicofisiologia das paixões, nota-se que ambos apontam seus argumentos na direção de uma redefinição do papel da medicina na sociedade portuguesa reformada ao denunciarem a suposta ilegitimidade dos teólogos para tratar desse tema, e ampliarem a jurisdição médica sobre as questões relativas ao físico e o moral dos indivíduos. Além disso, ambos estavam munidos de um referencial teórico-metodológico que entende a natureza humana a partir do primado das sensibilidades, nos moldes dos debates setecentistas sobre o assunto, como temos mostrado. No entanto, não podemos ignorar o fato de que tratamos de duas obras médicas raras e marginais, e não possuímos evidências de que tenham alcançado algum grau de institucionalização e irradiação de forma efetiva nos círculos intelectuais lusos.

Também deve ser levado em consideração o significativo distanciamento temporal entre os dois textos. Quando Sanches publicou sua *Dissertação sobre as paixões da alma* o discurso higiênico derivado de matriz filosófica empirista tinha contornos menos definidos do que possuía em fins do século, sobretudo com a ascensão do discurso vitalista e das

---

<sup>317</sup> Ibid., p.337.

propostas dos *idéologues*, dentre outros fatores. Por outro lado, ambas as obras têm sentido no interior do mesmo processo de construção de um novo discurso médico voltado para a reforma das instituições sociais, em afinação com as propostas iluministas. Tal afirmação é comprovada pela publicação póstuma da *Dissertação sobre as paixões da alma* na *Encyclopédie Méthodique* em 1787, pelo médico francês e amigo de Ribeiro Sanches, Charles Andry. Para além de um ato de consideração do médico com seu amigo português de longa data, a publicação pode ser tomada como indício da pertinência da obra 44 anos depois de ter sido escrita, no calor dos debates médicos franceses das últimas décadas do século XVIII.

Ao longo deste capítulo, procuramos fornecer uma ideia geral dos debates médico-filosóficos setecentistas sobre a natureza e a fisiologia humana, buscando também salientiar o surgimento de um vocabulário médico renovado, que foi progressivamente formulado e apropriado por uma medicina cada vez mais comprometida em ampliar sua jurisdição e seus objetos de estudo. Nas próximas páginas, veremos em que medida esses debates foram apropriados por Ribeiro Sanches na *Dissertação sobre as paixões da alma* como suporte para suas reivindicações no contexto das reformas ilustradas em Portugal.

### **3.3 “O ânimo tem sumo poder de alterar o corpo”: a *Dissertação sobre as paixões da alma* e a proposta de uma nova jurisdição médica.**

De uma forma geral, a *Dissertação sobre as paixões da alma* se alinha com as obras posteriores de Ribeiro Sanches no que diz respeito à redefinição do papel da ciência médica na sociedade portuguesa. A Igreja, um dos principais alvos da intelectualidade ilustrada no período, e o Direito, aparecem como usurpadores da jurisdição médica sobre a alma e o ânimo. Assim, como em outras obras analisadas no capítulo 2, Sanches argumenta que se trata de devolver à medicina um objeto que já lhe pertenceu. Nesse sentido, a obra está inserida na proposta mais geral do médico de Penamacor para a sociedade portuguesa reformada, que procura colocar a medicina na linha de frente de um discurso higiênico que perpassa os âmbitos privado e coletivo da vida social lusa.

Desse modo, a psicofisiologia das paixões proposta pelo autor confere a legitimidade necessária para justificar a intervenção médica nos domínios do moral, justificada pela raridade com que as paixões, tomadas como causa de muitas enfermidades, tinham sido abordadas pela medicina. Ainda mais incomuns, seriam os trabalhos médicos que indagavam sobre as causas delas:

“Enfim tratarei aqui as paixões da alma como causa de muitas doenças e enfermidades, o que pertence essencialmente à Patologia, e ainda que não seja deste lugar, tratarei de passo mas não confusamente da causa das paixões da alma, o que pertence tanto ao teólogo [e ao] jurisconsulto como ao médico prático ou terapêutico.”<sup>318</sup>

Desse modo, num plano imediatamente político, Ribeiro Sanches apela para uma reforma do saber médico que deveria incidir diretamente na ampliação de seu alcance jurisdicional. Ao questionar as fronteiras do exercício profissional, ele interpelava tanto seus pares, quanto a esfera do Direito e da Teologia.

Ao longo da obra, recuso erudito aos exemplos extraídos de autoridades médicas antigas e modernas ligadas aos diferentes sistemas médicos, pode ser entendido como uma estratégia retórica. Por um lado, demonstra sua observância às regras de um discurso racional, desprovido de preconceitos e estritamente informado por observações empíricas verossímeis; por outro, ao expor suas idéias como imersas na venerável linhagem médica iniciada por Hipócrates, apresentando-se, inclusive como um compilador, ou, em suas palavras, “*mero coletor de escritos*”<sup>319</sup>, evitava vincular-se explicitamente a uma corrente teórica específica. Assim, seu vocabulário faz referência tanto a categorias que emergiam nos debates médicos de sua época como também remete a tradições médicas antigas, especialmente concepções hipocráticas e galênicas.

Esse aspecto, longe de tornar Ribeiro Sanches um autor “confuso” ou “transitório” entre diferentes paradigmas filosóficos, revela sua fidelidade ao espírito eclético

---

<sup>318</sup> SANCHES, Antonio Ribeiro. **Dissertação sobre as paixões da Alma**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2003.. p.01

<sup>319</sup> *Ibid.*, p.13.

característico da intelectualidade ilustrada. Nesse sentido, as filiações a teorias e sistemas filosóficos dos autores citados eram consideradas irrelevantes diante da plausibilidade dos fenômenos observados na natureza, pois acreditava-se que tal plausibilidade era atemporal, e, portanto, válida compor para novas explicações.

Como já vimos, essa atitude é resultado da crítica ilustrada à suposta supremacia da razão para a compreensão da realidade, assentada na concepção de que a razão, quando não conjugada com a observação, pode conduzir ao erro. Daí a importância dada por Sanches às alterações causadas pelas paixões nos sentidos e no juízo, pois esses seriam os meios através dos quais os indivíduos se relacionariam com o meio exterior.

Segundo Ribeiro Sanches, o “homem civilizado” seria composto de alma e corpo e teria a capacidade de “conceber, julgar e discorrer ações distintas totalmente das corporais que se reduzem ao sentimento e ao movimento.”<sup>320</sup> Na antiguidade, os médicos, além de se ocuparem dos cuidados do corpo, dividiam jurisdição sobre a “parte inteligente” com filósofos e legisladores. Os filósofos cuidariam dos regramentos das consciências através da instrução pública e particular, de modo que os legisladores seriam responsáveis por:

“curar os males que causam as paixões desordenadas; não ensinavam nem persuadiam mas castigavam as faltas daquela parte inteligente que eram prejudiciais à sociedade. Castigando induziam o medo nos ânimos desregrados e atemorizavam os inocentes para não ousarem cometer delitos e é o que fazem ainda hoje os nossos legisladores e jurisconsultos.”<sup>321</sup>

Esse modelo de organização da vida social teria sido alterado pela “Revelação da Santíssima religião,” que trouxe dogmas direcionados tanto à conservação da alma como do corpo. Com isso, os médicos deixaram de tratar o ânimo, deixando-o a cargo dos teólogos:

“Pitágoras, Demócrito e Empédocles não somente foram filósofos mas também médicos. Estes meditando e ensinando como se havia de

---

<sup>320</sup> Idem.

<sup>321</sup> Idem.

conservar o corpo são, livre tanto de males como de moléstias, regravam ao mesmo tempo o ânimo. Todos sabem a dieta pitagórica e a Filosofia desta seita que consistia muita parte dela na Medicina chamada Higiene. Todos os médicos gentílicos até Galeno observaram e praticaram nos seus enfermos esta parte da Medicina incluindo nela regravar o ânimo; mas depois que os médicos cristãos viram que os teólogos tomaram à sua conta esta parte, pouco a pouco largaram esta incumbência a que eram obrigados depois dos primeiros médicos e filósofos.”<sup>322</sup>

Sanches fundamenta sua reivindicação pela retomada do ânimo como objeto da medicina através uma descrição naturalística da economia das paixões, que prescindem de qualquer referência ao modelo cristão de virtude. Ao mesmo tempo, como veremos, o autor se afasta das descrições universalistas do homem, presentes na iatromecânica, ao relacionar determinadas paixões da alma, tanto com disposições corporais hereditárias – base dos temperamentos -, quanto por inclinações adquiridas, pela dieta, pelo clima, pelos hábitos e pela idade, numa clara identificação com o neo-hipocratismo.

No entanto, logo na introdução, revela postura cautelosa e procura esquivar-se de questões filosóficas controversas de seu tempo e, provavelmente por querer manter-se equidistante das soluções apresentadas pelo aristotelismo escolástico e pelo racionalismo metafísico de Descartes, recusa-se a perscrutar os meandros da ligação entre alma e corpo:

“Não entrarei na discussão de que modo a alma, sendo espiritual, move o nosso corpo, nem porque razão o corpo variamente disposto faça pensar, discorrer, e querer, ou aborrecer a alma racional. Contentar-me-ei em relatar as aparências destas duas substâncias distintas por natureza uma da outra, mas ligadas de um modo que é impossível a natureza humana compreendê-las.”<sup>323</sup>

---

<sup>322</sup> Idem.

<sup>323</sup> Idem.

Apesar de a origem desse “imperscrutável vínculo” ser desconhecida, as variações das expressões, da fisiologia e do comportamento no homem, afetado pelos mais diversos sentimentos comprovariam que o “ânimo tem sumo poder de alterar o corpo.”<sup>324</sup> Isso porque a alma e o corpo, quando ligados entre si, obedecem um ao outro, de modo que suas ações busquem a sua conservação, que é o “estado da saúde”.<sup>325</sup> Assim, essa união é dotada de propriedades que dependem da harmonia entre os dois domínios para conservar a vida. São elas: 1) a faculdade de perceber os objetos que entram pelos cinco sentidos; 2) a memória, definida como a faculdade de conservar no sensório comum as ideias ou impressões que apresentam os sentidos. Vale notar que, para Sanches, a memória tem origem material, pois ela poderia se extinguir por meio de várias doenças<sup>326</sup>; 3) a terceira propriedade seria a Faculdade de perceber cada objeto de três modos distintos: ideia agradável, ideia desagradável, ideia indiferente; 4) a quarta propriedade seria a própria obediência mútua entre corpo e alma quando em “união natural e perfeita saúde”; 5) seriam os movimentos involuntários, aqueles produzidos sem que “se aperceba a vontade”; 6) por último, viria a faculdade de perceber as sensações agradáveis ou desagradáveis não só causadas pelos objetos imediatos, mas também por aquelas impressões que ficaram registradas no sensório comum.<sup>327</sup>

Aparentemente, essa última propriedade se alinha com o próprio entendimento do autor sobre as sensações. Sanches afirma que essa propriedade “é a origem de toda a metafísica”, e se estende com “inumeráveis ramos por todas as ciências”<sup>328</sup>. No entanto, na sua perspectiva, a medicina teria abdicado do tema. Por isso o médico português se propõe

---

<sup>324</sup> Idem.

<sup>325</sup> Ibid. p.2

<sup>326</sup> Sobre essa característica da memória, na edição da *Encyclopédie Méthodique* há uma longa nota na qual Sanches descreve casos de pessoas que perderam a memória por causas diversas, como o caso registrado na *Histoire de l'académie des Sciences* do menino de oito anos que se esquecia de tudo o que havia aprendido nos dias mais quentes de verão, ao passo que, nos dias de temperatura mais amena recobrava a memória. Em seguida, o autor aconselha o leitor interessado no assunto a ler o que diz Hipócrates sobre as influências das estações do ano e do ar no *Tratado dos ares, águas e lugares*. Dentre outros casos, Sanches também relata o de Hermógenes Tarse, que viveu no século II. Professor de retórica aos 15 anos, esqueceu tudo o que sabia aos 24. Após sua morte, constatou-se que seu coração estava consideravelmente aumentado. Ao fim da nota, o autor também sugere a leitura de textos de Montaigne e Plínio, dentre outros. SANCHES, Antonio Ribeiro. *Affections de l'âme*. In. : **Encyclopédie Méthodique**. Paris: Panckoucke, 1787., p. 249.

<sup>327</sup> SANCHES, Antonio Ribeiro. **Dissertação sobre as paixões da alma.**, op. cit., p.2.

<sup>328</sup> Idem.

a mostrar para seu interlocutor a pertinência de seu estudo para “sermos mais úteis aos homens por cujo bem devemos pensar como parte deles.”<sup>329</sup>

Na fisiologia sanchesiana o corpo humano é dotado de duas sortes de canais: o sistema circulatório e o sistema nervoso. Essa divisão, tomada da obra *Nevrologia* do anatomista francês Raymond Vieussens (1641-1715), entende o sistema circulatório como o conjunto de artérias que tem como início e fim o coração. Do mesmo modo, o sistema nervoso é composto pelos nervos, e tem na *medula oblonga* seu início e o fim, incluindo também o cérebro e o cerebelo.<sup>330</sup> A partir dessa tipologia, Sanches baseia-se em Thomas Sydenham (1624-1689) para distinguir o *homem sanguíneo* e o *homem nervoso*: o *homem sanguíneo* seria responsável por nutrir, animar e conservar o corpo, ao passo que o *homem nervoso* teria a função de tudo mover por meio dos músculos e das sensações. Ambos dependem intimamente um do outro tal “como um círculo dentado com outro semelhantemente armado”.<sup>331</sup>

As sensações seriam geradas nos nervos, no modo como descreve o autor abaixo:

“Ponhamos o exemplo naquele par de nervos mais avultado que forma o sentido da vista. Estes são os chamados ópticos[;] estes nervos não exercitam o seu ofício de ver senão depois que largaram a túnica da pia e dura madre com que saem forrados como em bainhas. Logo que fica o nervo nu, dele se forma a retina dos olhos nos quais se faz a vista de tal modo que nenhum nervo dentro do crânio nem fora dele, enquanto está forrado com as ditas túnicas da pia e da dura madre, não sente nem representa o objecto que o toca. Distribui-se V.g. o nono par de nervos e o oitavo na língua ao coração e ao diafragma, tanto que chegam àquelas partes as túnicas de que vinham forrados se espalmam e se estendem na língua ou no coração e formam túnicas mui subtis; fica a polpa do nervo nu e se formam em pequeninos pontos como cabeças de alfinete. Nesta polpa ou papilas de que se faz o sentimento, nestas papilas ou polpa é que se faz a vista;

---

<sup>329</sup> Idem.

<sup>330</sup> Idem.

<sup>331</sup> Ibid. p.3

nesta polpa no ouvido se faz o ouvir; nesta polpa coberta da epidermis se faz o sentido do tacto, mas com tal artificio que logo que aquela polpa sente continua aquela sensação grata, ou ingrata, ou indiferente até [a]o sensório comum ou *medula oblongata*, ali termina a sua impressão. Esta impressão se conserva ali e esta é a memória.”<sup>332</sup>

Ao ser excitado, cada nervo geraria sensações distintas que poderiam variar conforme o tipo e o grau de estímulo. Alguns nervos responsáveis por “dar gosto”, por exemplo, gerariam sensações agradáveis ao serem tocados brandamente, ao passo que, ao serem “esfregados” ou “roçados” gerariam dor, e quando tocados de forma violenta corresponderiam com dor intensa. No entanto, alguns nervos, mesmo estimulados dessa forma, jamais gerariam dor, e sim outras sensações como ansiedade, aflição, tormento e inquietação. Esse seria o caso dos “nervos do par oitavo e intercostal”, distribuídos no coração, diafragma, ventrículo, duodeno e fígado até o mesentério.<sup>333</sup>

Nesse trecho, Faustino Cordeiro, relata que no manuscrito *De Animi Perturbationibus* há um longo parágrafo em que Sanches descreve algumas outras propriedades dos nervos, mas que por motivos desconhecidos foi suprimido da versão final da *Dissertação sobre as paixões da alma*. Nele, Sanches afirma que nem sempre a origem do estímulo nervoso está no local onde ele é sentido:

“picaram a um homem na planta do pé, ou uma orelha ali sente a dor. Mas em muitas enfermidades observamos que o nervo se ofende em um lugar, e que percebemos a dor, não no lugar aonde o nervo se mudou, ou destruiu, mas em outro lugar diferente, ou que não existe, ou que mesmo está são.”<sup>334</sup>

Além disso, cada nervo teria a propriedade de “excitar, e fazer sentir, várias e mui diferentes idéias umas das outras”. Por último, Sanches afirma que no caso da *medula*

---

<sup>332</sup> Idem.

<sup>333</sup> Idem.

<sup>334</sup> SANCHES, Antonio Ribeiro. *Dissertação sobre as paixões da alma. Introdução e notas de Faustino Cordeiro*. Penamacor: Câmara Municipal de Penamacor, 1999.

*oblonga* ser destruída, por enfermidade ou por violência externa, todo o movimento e o sentimento se perde. No entanto, em estado de saúde, todos os nervos sentem e transmitem ao sensorio comum os mais distintos tipos de sensações.

Por outro lado, nem todas as sensações e sentimentos seriam da mesma natureza. Há sentidos que não entram pelos mecanismos sensorios, e portanto, seriam resultado das impressões da *alma racional*. O autor credita seu conhecimento sobre a matéria aos ensinamentos do Padre Manuel Baptista, seu professor de filosofia durante o período em que foi aluno do Colégio das Artes entre 1716 e 1718.<sup>335</sup> Seria através da alma que o homem concebe coisas como “Espírito, Anjo, Glória, Deus” e todos os nomes abstratos e seus significados. Essas abstrações seriam o resultado da intervenção divina, que teria implantado na alma humana “aquele sumo desejo de conservar-se e de produzir seu semelhante.” A origem das paixões da alma está no uso indevido desses sentimentos, o que em certa medida significaria o mau uso da própria alma racional: “se o vivente racional usar dela com a moderação que requer o seu natural e o seu estado satisfará o objecto para que lhe foram dadas; mas se os desejos ou a aversão passarem além da medida de se conservar, servirão à sua destruição.”<sup>336</sup>

Para Sanches, essa sorte de sentimentos inatos ao homem seria fundamental para a vida civil: “Somos instrumentos temperados ao unísono, tocada que for uma corda as mais vibrarão um tom semelhante.”<sup>337</sup> Nesse sentido, a propriedade da *imitação*, comum a todos os homens, teria papel fundamental para a manutenção da ordem social, ao mesmo tempo em que representaria riscos se usada para ações contrárias à conservação. O autor cita um exemplo dos *Comentários das Epidemias* de Galeno da mãe que ensina seu filho a mastigar ao demonstrar os movimentos em seu próprio corpo, ou mesmo no aspecto lúgubre que adquirem todos os presentes durante a um sermão na Igreja. Por outro lado, há exemplos dramáticos retirados de escritos de Boerhaave, Montagne, Nicholao Pechelino e até Robert Boyle, de pessoas que contraíram epilepsia e histeria somente por assistirem outras pessoas

---

<sup>336</sup> SANCHES, Antonio Ribeiro. *Dissertação sobre as paixões da alma.*, op. cit. p.03.

<sup>337</sup> *Ibid.* p.5

sofrerem desses males, além de casos de pessoas que “morrem por ver morrer” durante epidemias de peste.<sup>338</sup>

A questão da imitação parece ser subjacente às reivindicações de Sanches pelo tratamento das paixões pela medicina, pois um número reduzido de indivíduos afetados por qualquer paixão nociva representaria um risco potencial para toda a população. Desse modo, tornava-se fundamental que a medicina, enquanto discurso organizador da vida social, as tivesse entre seus objetos de forma a possibilitar a manutenção efetiva da saúde do corpo civil.

A origem da fragilidade humana diante das paixões estaria na sua própria natureza. O homem nasce destituído da maior parte dos instintos que servem à conservação dos animais desde o início da vida, o que o faz mais suscetível a tudo o que é nocivo à sua própria preservação. Para suprir essa fragilidade, desenvolveu sentimentos diversos, mas devido à sua “ganância”, tais sentimentos geraram “apetites desordenados” que os deixaram ainda mais vulnerável às mais fortes e intensas paixões da alma. Essa seria a origem primeira das enfermidades do ânimo, que surtiriam efeitos também no corpo. A correlação entre alterações nesses dois domínios constitui uma das linhas argumentativas importantes de nosso personagem, já que seu efeito último seria o comprometimento da capacidade de julgar racionalmente, levando o indivíduo a agir contra a sua conservação.

É a partir dessa premissa que Sanches procura analisar os diferentes tipos de paixões da alma, que considera como “*atos repetidos do mesmo objeto agradável ou desagradável*”<sup>339</sup>. Elas poderiam ter uma origem material, através das sucessivas sensações registradas no *sensório comum*, como o caso de uma criança que, encantada com a chama de uma vela, a toca e após queimar-se, mantém registrada em sua memória a sensação desagradável e a conseqüente aversão ao toque da chama. Do mesmo modo, sensações agradáveis podem ficar registradas de forma positiva na memória e reforçar seu caráter benéfico para a conservação do corpo. Por outro lado, há outra sorte de paixões, que afeta mais diretamente a alma. Segundo Sanches, essas seriam resultado da combinação de sensações presentes com sensações passadas. Tal tarefa dependeria do uso da razão pela alma racional, e portanto, seria exclusiva do homem:

---

<sup>338</sup> Ibid. p.4

<sup>339</sup> Ibid. p.5

“Deste modo a alma produz conceitos ou ideias, enuncia, e explica este conceito por muitas palavras que chamamos julgar e discorrer; além disso o homem inteligente e dotado de razão não só compara as ideias presentes com as passadas mas ainda as combina com o futuro. Estas combinações fazem-se pela reminiscência, e não pela memória.”<sup>340</sup>

Ao expor as bases de uma pedagogia esclarecida, o autor defende que o homem só poderia gozar da propriedade de julgar e discorrer sobre conceitos caso estivesse com o “ânimo pacato” e o “corpo são”. Sem esse equilíbrio, quanto mais ideias e conceitos o indivíduo adquirisse, “*tanto pela educação quanto pela força das leis políticas*”, maior seria sua sujeição às paixões da alma. Elas se formariam através as reminiscências e da combinação desordenada de sensações “presentes, passadas e futuras”, gerando uma vida “contenciosa e turbulenta”, capaz de levar “muitos racionais à sepultura”.<sup>341</sup> Em outras palavras, as paixões seriam uma doença da alma, que tem a razão como sua principal vítima:

“Chamamos maníaco não aquele que não discorre mas aquele que com ferocidade discorre de um só objecto sem ordem e sem comparação do verdadeiro, do honesto, nem do útil. Este é o estado do cativo da paixão da alma violenta e este é o que chamamos doença”.<sup>342</sup>

No plano fisiológico, é significativa a apropriação de Sanches do vocabulário psicofisiológico que estava em plena gestação na época da publicação da *Dissertação*. De acordo com o médico, essas manifestações se refletiriam na alteração dos movimentos vitais, especialmente através dos efeitos do ânimo sobre os nervos. Apoiando-se na obra *De nervorum in artérias imperio* de Albrecht Von Haller, Sanches concebe que os nervos se “abraçavam e se enrodavam” por todos os órgãos do corpo e, através de sua propriedade de

---

<sup>340</sup> Ibid. p.6.

<sup>341</sup> Idem.

<sup>342</sup> Ibid. p.7.

“encolher e cerrar ou estender e alongar”, alterariam as funções vitais.<sup>343</sup> Essa seria a origem dos sintomas característicos manifestados pelos indivíduos acometidos de paixões da alma, como respiração interrompida e lenta, coloração do rosto, insônia, dores de cabeça, ânsias, sufocações, desmaios, dentre outros.

Assim as paixões teriam a capacidade de alterar os movimentos involuntários do corpo e mudar o estado geral do ânimo do indivíduo, afetando suas faculdades racionais e determinando suas ações. Alinhado com a “cultura dos nervos” setecentista, à qual fizemos referência anteriormente, o médico português defende que a propensão e a intensidade das paixões nos indivíduos poderia ser determinada pelo tônus natural de suas fibras que, segundo a obra *Hemostaticks* de Stephen Hales, sendo mais ou menos “tenras ou laxas” determinariam o ritmo da circulação sanguínea, alterando toda a fisiologia corporal.

Nesse sentido, a “boca do estômago” é identificada como o ponteiro indicativo das alterações do ânimo, já que o diafragma seria o ponto de convergência entre os principais nervos responsáveis pela produção das sensações no corpo. Tal afirmação foi objeto de pesquisas anatômicas do próprio Ribeiro Sanches, que afirma ter confrontado suas experiências com diversos autores e ter confirmado que apenas Hipócrates esteve certo ao dissertar sobre essa matéria: “Ali [boca do estômago] parece que deve existir visivelmente aquele *impetum faciens* de Hipócrates como no coração existe a força de mover todas as artérias.”<sup>344</sup>

Os efeitos dessas manifestações do corpo no moral individual teriam consequências de grau variado em função da intensidade da enfermidade. O médico cita casos de pessoas que ficaram enfermas do estômago após terem comido e bebido em demasia em uma única ocasião, além de mulheres que, acometidas por paixões violentas durante o tempo em que “correm os mênstruos”, ficaram histéricas por toda a vida. A causa estaria na alteração na elasticidade das fibras que compõem os nervos, em decorrência da intensidade e do tempo pelo qual o indivíduo permaneceu sob efeito da paixão. Em casos extremos, paixões violentas poderiam enfraquecer as funções vitais, levando o indivíduo a desequilíbrios permanentes ou até mesmo à morte:

---

<sup>343</sup> Ibid. p.8

<sup>344</sup> Ibid. p.9

“Refere Marcello Donatto *Lib.3. Cap.13.* que um menino indo pela madrugada à escola vira dous homens vestidos de negro e que se assustara tanto com este medonho aspecto que morrera subitamente.

Miguel de Montaigne nos seus *Ensaaios, Lib.1 Cap.20* refere que um criminoso se atemorizara de tal modo ouvindo ler a sentença de morte que o acharam morto aqueles que lhe traziam a nova do perdão de EI-Rei.”<sup>345</sup>

Por outro lado, as paixões também poderiam ser úteis para combater males, desde que não fossem intensas e ministradas com cautela. Sanches cita episódios retirados de diversos autores antigos e modernos em que paixões inesperadas ou sustos curaram reumatismos, paralisias, hidrofobia e febres:

“Helmontis (*trat. Demens idea, no47*) refere que muitos hidrofóbicos se curaram mergulhando-se na água fria descuidados, que o terror súbito e aquele medo de morte muda o sensório comum e ficam curados daquela ideia falsa que tinham de antes. Os maníacos, por semelhante operação, e os enamorados ou [com] delírio amoroso, se podem curar por semelhante método ainda que depois seja necessário curar o corpo.”<sup>346</sup>

Após fazer longa introdução de sua psicofisiologia das paixões, o médico passa a se ocupar de uma tipologia mais específica das paixões da alma, segundo suas características próprias. Em linhas gerais o autor adota a divisão proposta por Galeno entre dois tipos primordiais de paixões: as que relaxam e enfraquecem o sistema nervoso, com o movimento da circunferência para dentro (zelo, vergonha, temor, tristeza); as paixões que servem para a nossa conservação, com o movimento do centro para a circunferência (contentamento, alegria, amizade, e esperança).

---

<sup>345</sup> Ibid. p.9-10.

<sup>346</sup> Ibid. 11.

No primeiro grupo estaria a *vergonha*, entendida como a “dificuldade de olhar para o objecto que se quer ver”<sup>347</sup> Seus efeitos fisiológicos se manifestariam através de

“Uma ansiosa angústia na boca do estômago, um como nó na garganta, não respiram por alguns momentos, fica o ar dentro do bofe, adquire aí maior raridade, estende-se, comprime as veias pulmonais que levam o sangue ao ventrículo esquerdo; não se esvaziando o ventrículo direito, não pode entrar no *sinus* do mesmo lado o sangue da veia cava superior que traz o sangue da cabeça.”

As alterações na circulação, potencializadas pelo encolhimento dos nervos, fariam com que o sangue se espalhasse pelo rosto, dando-lhe aspecto avermelhado e deixando o pulso “vazio e irregular”, assim como os olhos turvos. Esses sintomas comprometeriam a memória e o pensamento, deixando todo “o ânimo com todo o corpo alterado.”<sup>348</sup> Para o médico, todos os remédios seriam praticamente inúteis para tratar a vergonha, o mais apropriado era que, logo que começassem os enfermos a sentir aquela opressão, que escarrassem e tossissem. Isso faria com que o ar saísse do pulmão e acelerasse a circulação, impedindo que o cérebro se enchesse de sangue, causa de alterações no pensamento.

Sanches confessa a seu interlocutor sofrer da paixão da vergonha há pelo menos 14 anos. Essa teria sido a causa de seu afastamento da atividade médica, já que os sintomas da referida paixão se manifestavam assim que seus pacientes começavam a relatar a história de suas enfermidades, o que o impossibilitava de formar juízos claros como médico. Sanches alega ter se afastado de pessoas que prezava e até mesmo de familiares e pessoas de convívio doméstico: “Assim aqueles enfermos deste mal evitam a familiaridade e os consolos públicos, sempre temem, sempre se acanham diante dos homens e são incapazes de exercitar cargos públicos e mesmo ofícios honestos.”<sup>349</sup> Sua causa estaria na debilidade dos nervos ou do ânimo, o que descreve como uma fraqueza do *homem interno de Sydenham*, ou “sistema de nervos”. Assim, homens fortes e destemidos desconheceriam

---

<sup>347</sup> Idem.

<sup>348</sup> Idem.

<sup>349</sup> Idem.

seus sintomas, pois seus nervos fortes o impediriam de ceder às manifestações da vergonha mesmo diante de situações mais intensas.

Em seguida, Sanches aborda a segunda paixão que classificou como do primeiro grupo: a paixão dos zelos. Ela se manifesta quando o amante “vê que o objecto amado é possuído por outro e que ele fica destruído” e tem potencial para “causar a morte e todos os males do cérebro.”<sup>350</sup> Assim como a vergonha, a paixão dos zelos dependeria da fraqueza e da lassidão do sistema nervoso. Nas suas manifestações mais violentas, alteraria os movimentos do coração e comprometeria o juízo.

É interessante notar que, para Sanches, o corpo não seria passivo diante das manifestações das paixões maléficas ao sistema nervoso. Há uma batalha fisiológica entre o ímpeto de conservação da vida característico do organismo humano e os efeitos nocivos das paixões, que procuram se sobrepor:

“Mas as paixões violentas de zelos, temor, tristeza, como já dissemos que deprimem, e destroem o sensorio comum, causam maiores males; quando ficam forças bastantes para vencer o mal que fez a paixão então se seguem as lágrimas, os suspiros, e os lamentos, e fazem o officio que faz a febre.”<sup>351</sup>

Mas nem todos os tipos de paixão teriam efeitos negativos sobre o corpo e o ânimo. A segunda sorte de paixões analisadas por Ribeiro Sanches são úteis à conservação da vida: “são a alma da Sociedade e da perpetuidade do género humano; além disso, servem de remédio às paixões da *queixa* que tratamos acima.”<sup>352</sup> Entre elas estariam o contentamento, a alegria, a amizade e a esperança. Quando moderadas, os indivíduos acometidos dessas paixões sentem “um bem como em névoa que goza sem o distinguir perfeitamente.” Essas pessoas, “de tão feliz constituição”, que pudessem se manter nesse estado teriam remédio para a cura de diversos.<sup>353</sup>

---

<sup>350</sup> Ibid. 12.

<sup>351</sup> Ibid. p.13.

<sup>352</sup> Idem.

<sup>353</sup> Ibid. p.14

Nesse sentido, o potencial de cura dessas paixões é sua principal vantagem. Sanches faz longos relatos de casos de pessoas que foram curadas por meio de seus efeitos benéficos. A alegria, por exemplo, é descrita como “um grande segredo na mão do médico prático”, através de sua ação positiva na fortificação dos nervos, fazendo-os adquirir mais elasticidade, e no restabelecimento da regularidade da circulação sanguínea. Nesse sentido, o doutor Bernardo Pinho, tutor de Sanches em sua juventude na cidade de Guarda, teria sido hábil em fazer curar através de sua boa relação com seus pacientes. Sanches relata que seus pacientes o recebiam sempre alegres e tal estado contagiava até aqueles que sofressem dos males mais graves, graças à sua decência e cordialidade.<sup>354</sup>

No entanto, mesmo as paixões que servem à conservação também poderiam ser maléficas quando utilizadas de forma desmesurada, podendo até levar à morte. Utilizando uma descrição de Cícero, Sanches descreve esse descontrole como “terremotos do ânimo destituído da razão pensando que goza do que bem deseja”. A alegria em demasia poderia dissipar os espíritos vitais, fazendo relaxar todos os nervos e levando à total paralisia. Citando a *Monita Medica Londini* do médico inglês Richard Mead, o médico português afirma que essa paixão, quando atuante por tempo prolongado, deixa sangue “destituído de seus licores”, formando a atrabílis. Ao fim, sentencia: “Não fomos feitos para sofrer excessos ainda que sejam de contentamento.”<sup>355</sup>

O “amor desordenado” teria efeitos semelhantes, ao fazer sentir um “peso desagradável na boca do estômago”, o pulso lânguido e a cara descorada, com olhos encovados. Esse processo também consumiria os espíritos vitais, enfraquecendo a memória e o raciocínio, deixando o indivíduo melancólico. Seus efeitos poderiam gerar toda sorte de enfermidades do cérebro, que matam “como o mais violento veneno” e deixar vestígios no corpo de sua vítima.<sup>356</sup> As pessoas naturais de climas austrais, por exemplo, teriam maior propensão a apresentar cânceres, cirros e enfermidades atrabiliárias. Como tratamento, ele seguia as orientações de Hipócrates ao aconselhar “mudanças de ar” e “variedade de

---

<sup>354</sup> Idem.

<sup>355</sup> Ibid. p.15.

<sup>356</sup> Idem.

objetos”. Vômitos também seriam aconselháveis por limparem o estômago e darem “maior elasticidade ao diafragma e às vísceras”.<sup>357</sup>

Como temos acompanhado, Sanches apresenta uma psicofisiologia das paixões que submete sua compreensão ao conhecimento aprofundado dos meandros das funções vitais humanas. Diante da complexidade das relações existentes entre o corpo e as patologias da alma, só a medicina seria capaz de desvendar as causalidades e formular profilaxias eficazes. Nesse sentido, na esteira dos discursos laicizantes sobre o comportamento humano, nos quais a medicina tenta forjar seu papel de entidade produtora de padrões de normalidade, há uma interpelação mais direta nos discursos tradicionais. A responsabilidade do indivíduo pela sua constituição moral é relativizada em favor de uma análise detida de sua constituição física, seus costumes e o ambiente em que se insere. Assim, do mesmo modo que as paixões poderiam alterar o físico e o moral individual, deixando, inclusive, vestígios de sua presença em sua anatomia, o caminho inverso também se tornava legítimo. A constituição moral poderia ser determinada pela constituição física e anatômica do indivíduo:

“Falta-me agora tratar daquelas disposições corporais ou hereditárias ou adquiridas que induzem a gerar as paixões da alma. Se até agora foi incompreensível como a alma racional sendo espiritual pode mover um corpo, agora tocaremos outra dificuldade não menos insuperável. É esta: que as disposições do corpo possam afectar a mesma alma.”<sup>358</sup>

Assim, as “disposições cérebro” e o temperamento poderiam inclinar as faculdades da alma a “amarem ou aborrecerem certos objetos com maior eficácia.” Do mesmo modo, o clima do local de nascença e os ventos característicos da região não teriam efeitos menos importantes. Sobre esse aspecto, o médico refere-se à leitura do *Tratado do ar, das águas e lugares* de Hipócrates como fonte de informações acerca dos efeitos desses elementos sobre

---

<sup>357</sup> Ibid. P.16.

<sup>358</sup> Ibid. p.19.

o corpo e o temperamento individual. A alimentação também aparece como fator importante nessas relações:

“Ninguém poderá negar que as nossas inclinações, juízo, modo de obrar e tratar na sociedade civil se altera e perverte pelos alimentos e bebidas, e modo de usar deles. Depois de um jantar abundante nosso juízo é totalmente diferente daquele estado quando estamos em jejum. O mais prudente e o mais sisudo homem se beber uma porção de vinho sem ser acostumado a bebê-lo, sentirá todas as potências da alma mudadas”.

Essa concepção é condensada por Sanches na seguinte citação de Galeno: “*os modos do espírito acompanham o temperamento do corpo.*” Segundo esta autoridade médica da antiguidade, a alimentação seria um instrumento eficaz de aprimoramento do ânimo e dos modos dos homens, quando manipulada acordo com as necessidades impostas por seu temperamento. Sanches, então, condena de forma veemente a dissolução dessa prática em seu tempo, no qual o temperamento havia se tornado objeto dos teólogos e dos jurisconsultos:

“Este modo de curar e de fazer de maus naturais, bons e prudentes, e de estúpidos, espertos e inteligentes, se perdeu totalmente. Toda a cura são açoutes e pancadas e o medo é o que serve a reprimi-lhes aqueles maus ímpetos mas jamais a mudar-lhes a natureza. Já notei no princípio desta dissertação a causa porque os médicos largaram este método de curar. Seria utilíssimo à Religião e à República que houvessem médicos que soubessem curar tão bem as enfermidades do ânimo e terem uma Farmacopeia a propósito para mudarem as constituições como a têm para curar as enfermidades.”<sup>359</sup>

Tal estado de coisas, em sua opinião, gerava toda sorte de injustiças:

---

<sup>359</sup> Idem.

“Acusamos temerariamente de viciosos aqueles que não podem corrigir-se da frequência dos actos luxuriosos, da bebedice, de jogar as cartas e furtar. São estes vícios enfermidades, na verdade, do ânimo e que têm a sua origem na conformação e nos humores do corpo.”<sup>360</sup>

O médico cita um exemplo retirado de obras de Nicolau Túlpio no qual um homem, “acusado de medroso por extremo e estúpido”, teve seu corpo aberto após sua morte, onde se pôde “verificar os ventrículos anteriores do cérebro cheios de água” e no “coração esquerdo um grande pólipó que tapava a metade da capacidade da aorta.”<sup>361</sup> Em outro caso, um homem “extremamente melancólico, temendo dia e noite as almas dos defuntos que o atormentavam” viveu sua vida entre “religiosos de vida exemplar”. Após sua morte, seu fígado apresentava aspecto negro e enrijecido, com o “bote do mesmo tão mole como se fosse endematoso.”<sup>362</sup> Do mesmo modo, um menino “muito engenhoso, com juízo extremamente agudo e temporão” começou a sofrer “acidentes epilépticos” e veio a falecer aos 27 anos de idade. A dissecação de seu corpo revelou grande quantidade de pequenos ossos na “fouce da duramadre”.<sup>363</sup>

Diante dessas e de várias outras incidências citadas na obra, Sanches é enfático ao afirmar que

“Se até agora os Autores que deram a história das dissecações dos cadáveres notassem as paixões da vida de cada um e ao mesmo tempo notassem as irregularidades da conformação e do que acharam de extraordinário neles, é certo pudera nesta ocasião provar mais distintamente que todos aqueles vícios dominantes que temos que não dependem só da má criação nem do costume.”<sup>364</sup>

---

<sup>360</sup> Ibid. p.21. Esse trecho não aparece na versão francesa do texto publicada na Encyclopédie Méthodique.

<sup>361</sup> Ibid. p.22

<sup>362</sup> Idem.

<sup>363</sup> Idem.

<sup>364</sup> Ibid. p.22.

Desse modo, se o moral poderia ser determinado pelo físico, através de causalidades que passam ao largo dos pressupostos teológicos e jurídicos. Caberia à medicina, identificá-las e intervir de modo a restabelecer o equilíbrio devido entre as disposições do corpo e da alma. Nesse sentido, ela seria o único campo do conhecimento com legitimidade para definir os limites discursivos da Teologia e do Direito nos assuntos relativos ao ânimo, o que subjaz um novo modelo de organização jurisdicional entre essas esferas e o discurso médico:

“Nestes casos pertence ao teólogo decretar a consciência e instruir como se pode alcançar a graça divina para curar aquele ânimo e aos legisladores retê-lo pelo medo, e pelo terror dos castigos públicos, mas ao médico pertence ou curar o corpo ou induzir outra enfermidade que produza paixões diferentes.”

O médico de Penamacor era ciente do possível impacto de seus argumentos no interior de uma sociedade portuguesa em processo de reforma, mas ainda hesitante no que dizia respeito a uma profunda reorganização da vida intelectual. Vimos no primeiro capítulo que, apesar do espírito regalista das reivindicações reformistas, a Religião Católica foi mantida como um dos pilares estruturantes mundo sócio-cultural luso, o que se comprova pelo amplo esforço pombalino e mariano para censurar obras consideradas de vertente materialista.<sup>365</sup> Assim, ao final da obra, Sanches demonstra certa preocupação com a recepção de seu manuscrito e afirma que apesar de ainda ter “muitas coisas para colocar sobre o assunto”, preferia terminar a dissertação, tendo em vista que escrevia em língua vulgar e o texto poderia cair nas mãos de outras pessoas que não fossem o seu interlocutor, pois não queria ofender “quem não está inteirado dos verdadeiros princípios da Física e da Metafísica como VM.”<sup>366</sup>

Sanches temia que seu texto fosse alvo da censura pombalina por conta de seus argumentos controversos (do mesmo modo que, quarenta e um anos mais tarde, a *Medicina Theologica* de Francisco Mello Franco seria alvo da censura mariana por defender

---

<sup>365</sup> VILLALTA. op. cit.

<sup>366</sup> SANCHES, Antonio Ribeiro. *Dissertação sobre as paixões da alma.*, op. cit.. p. 24.

argumentos muito semelhantes). Por isso, recomendava a seu interlocutor que caso achasse algo no trabalho que pudesse “dar alguma matéria e murmúrio ou de escândalo aos ignorantes da Verdadeira e Santa Religião ou dos princípios políticos de como se deve reger a Sociedade Cristã, que somente VM use dele e que lhe seja útil na sua prática.”<sup>367</sup> De resto, alega se dar por satisfeito se sua obra viesse a ter alguma utilidade para a sua pátria e mostrasse “a necessidade que tem a sociedade que os males e enfermidades do ânimo ou paixões da alma venham a cair na consideração dos médicos.”<sup>368</sup>

O potencial polêmico da *Dissertação* talvez explique o fato de ela ter sido mantida como manuscrito durante toda a vida de Sanches, só sendo publicada na França por Charles Andry em 1787, no auge dos debates vitalistas. No entanto, o temor do autor com a recepção de sua obra pela censura merece algumas outras considerações.

Aparentemente, para além das questões de ordem prática, relativas à distribuição e circulação da obra em si, nosso autor não teria muito que temer, visto que estava a salvo da prisão em Paris. Já sabemos, inclusive, que essa salvaguarda no estrangeiro foi uma das motivações de sua saída definitiva do reino décadas antes, quando fora denunciado à inquisição por práticas judaicas. No entanto, é possível que já no início da década de 1750, Sanches tentasse articular uma aproximação com o governo português em troca de financiamento para sua produção intelectual. Como vimos no capítulo 2, suas boas relações com o meio diplomático luso lhe renderiam uma pensão anual paga pela corte a partir de 1756, após a publicação do *Tratado da conservação da saúde dos povos*. Não temos maiores indícios documentais para confirmar essas hipóteses, mas se Sanches já acalentava o desejo de contar com a ajuda financeira do reino para se manter, indispor-se com a censura pombalina seria totalmente indesejável.

---

<sup>367</sup> Idem.

<sup>368</sup> Idem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso percurso até aqui corrobora a postura crítica de Renato Mazzolini em relação à visão tradicionalmente atribuída ao século XVIII, como um período estéril no campo médico. Como afirmou o autor, um olhar mais detido sobre as orientações tomadas pelos debates travados entre variadas correntes médicas setecentistas, revela uma complexidade muito maior do que uma abordagem voltada para “descobertas” poderia mostrar.<sup>369</sup> Nesse sentido, vimos como a crítica à fisiologia mecanicista de orientação cartesiana esteve na base da formulação de uma nova retórica médica por parte de vitalistas, animistas e sensualistas, engajados na reivindicação de uma arte médica orientada para a manutenção da ordem social.

Antonio Nunes Ribeiro Sanches foi um dos intelectuais que procuraram traduzir essas inovações retóricas para o contexto das reformas ilustradas em Portugal, a partir de meados do século. Para tanto, o médico de Penamacor fez amplo uso de sua posição privilegiada no interior das diversas redes de contato que teceu ao longo de sua extensa e produtiva trajetória.

Nesse sentido, em consonância com a citada postura de indeterminação epistemológica proposta por François Dosse<sup>370</sup>, vimos como as relações de Sanches, tanto de interesse filosófico quanto pessoal e político, foram habilmente articuladas visando corresponder a seus interesses e convicções. Por outro lado, isso não nos permite estabelecer endereçamentos precisos entre suas crenças e os eventos que as determinaram, pois, como afirmou o próprio Dosse, processos dessa natureza ocorrem numa dimensão subjetiva e, portanto, devem ser apontados de forma não menos subjetiva, ou seja, através de hipóteses, correlações e vínculos possíveis.

A partir dessas premissas, procuramos apresentar as teses defendidas por Sanches, no conjunto de suas obras, como reflexo de um longo processo de produção, acomodação e articulação de seu projeto de reforma para Portugal, o que também diz respeito, não podemos deixar de salientar, a sua condição de sábio engajado em diversos círculos

---

<sup>369</sup> MAZZOLINI. op. cit., p.83-84. Retomar o primeiro parágrafo do terceiro capítulo deste trabalho.

<sup>370</sup> DOSSE., op. cit. p.299.

intelectuais ilustrados, em pleno século das luzes. Tais aspectos, longe de apontarem especificidades do personagem, nos ajudam, pelo contrário, a entendê-lo como um homem de seu tempo, que se ocupou de questões pertinentes para os campos de debate dos quais participava.

No que diz respeito à intelectualidade reformista lusitana, essas questões orbitavam em torno da necessidade de redefinir os contornos da atuação do Estado, sobretudo, através do fortalecimento do poder régio diante da Igreja em amplas reformas nas esferas econômica e educacional. Assim, vimos que, ao reivindicar o tratamento da alma como objeto da medicina na *Dissertação sobre as paixões da alma*, Sanches propunha um modelo de reforma calcado na ampliação jurisdicional da atividade médica, apresentada como alternativa legítima ao discurso teológico, no que dizia respeito ao estabelecimento de padrões para avaliar condutas e comportamentos dos indivíduos.

Em um sentido mais amplo, essa reivindicação está intimamente integrada ao projeto pedagógico sanchesiano que, conforme mencionamos, procurava afirmar a arte médica como a mais indicada para preparar os súditos portugueses, nos âmbitos físico e moral, para corresponder aos imperativos da sociedade portuguesa reformada. Só a medicina poderia garantir a necessária formação de um corpo civil comprometido com sua própria perpetuação e com a conservação do Estado, tarefa que, segundo Sanches, o preparo oferecido pela educação inaciana seria incapaz de realizar, por estar comprometida, em primeiro lugar, com a manutenção do poder eclesiástico.

No entanto, se por um lado a psicofisiologia das paixões da alma formulada por Sanches segue os contornos de suas propostas de reforma para o Portugal pombalino, é fundamental destacarmos os limites impostos pelas características específicas das reformas e pelo próprio ambiente cultural lusitano ao seu projeto. Nesse sentido, notamos que os postulados defendidos por Ribeiro Sanches na *Dissertação* se aproximam do mesmo organicismo de caráter moralista que Paulo José Carvalho da Silva identificou na *Medicina Theológica* de Francisco Melo Franco. Ambos podem ser entendidos como representantes de “uma nova perspectiva de pesquisa sobre o humano, mas nem por isso o tratamento nele proposto foi menos moralista do que a abordagem propriamente teológica das paixões da

alma.”<sup>371</sup> Mesmo dentro de um horizonte mais laicizante, o discurso moral não pretendia subverter os valores morais vigentes. O que estava em jogo, na verdade, era somente a construção de vias alternativas ao discurso teológico para dar conta das determinações do comportamento e do moral nos indivíduos.

Como já foi afirmado anteriormente, não temos maiores indícios da disseminação dessas concepções no ambiente intelectual português setecentista. Pelo contrário, nota-se claro temor por parte dos autores no que diz respeito à possibilidade de suas ideias serem consideradas anti-clericais. De fato, vimos que a obra Melo Franco foi alvo da perseguição do governo mariano, mas a de Sanches, muito possivelmente pelos mesmos motivos, permaneceria como manuscrito até 1787, quando foi publicada não em Portugal, mas na França, em um contexto intelectual mais receptivos à ideias de mesma natureza.

Seja como for, uma das características mais originais da *Dissertação sobre as paixões da alma*, além de seu argumento principal, é claro, reside no fato de Sanches propor um modelo de organização da vida intelectual portuguesa que se baseava em perspectivas sobre o físico e o moral articuladas com questões que estavam na linha de frente dos debates de alguns dos mais importantes círculos médicos europeus da época. Enquanto parte da historiografia celebra o setecentos como o período da afirmação da iatromecânica na medicina luso-brasileira<sup>372</sup>, temos aqui uma obra que procurou intervir no mesmo contexto a partir de discussões críticas aos postulados mecanicistas, em consonância com a efervescência intelectual ilustrada no campo médico, sobretudo no seu contexto francês. Já vimos que o vocabulário médico mobilizado por Sanches se aproximava muito do que seria utilizado pelos médicos *idéologues*, por exemplo, no período revolucionário, para fundamentar suas propostas de reforma social.

É esse tipo de discurso que projetava a medicina como sabre imprescindível para o controle e manutenção da ordem social, a qual Sanches fazia referência quando afirmava fazer uma “medicina política” no *Tratado da conservação da saúde dos povos*. No interior desse modelo de higiene, não há mais tanto espaço para a sermonística cristã e nem para os julgamentos dos juristas, pois só a medicina teria domínio amplo dos mecanismos

---

<sup>371</sup> SILVA. op. cit. p. 343.

<sup>372</sup> Nos referimos aqui, em especial, à obra de Jean Abreu. ABREU, Jean Luiz Neves. **Nos domínios do corpo: o saber medico luso-brasileiro no século XVIII**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.

determinantes da condição física e moral humana, e portanto, seria detentora da legitimidade para definir com precisão a culpabilidade dos indivíduos sobre seus atos. Assim, as concepções de Sanches indicam, no contexto intelectual português do século XVIII, a presença das inovações discursivas que seriam responsáveis por inscrever o comportamento humano na alçada médica, fornecendo os alicerces para as diversas configurações que elas viriam a tomar no século XIX, sobretudo, em torno dos problemas relativos à natureza da mente, da sensibilidade e das paixões; o papel dos médicos na sociedade; as possibilidades do aperfeiçoamento higiênico da sociedade.

## BIBLIOGRAFIA E FONTES

- ABREU, Laurinda. A organização e regulação das profissões médicas no Portugal Moderno: entre as orientações da Coroa e os interesses privados. In.: CARDOSO, Adelino; OLIVEIRA, António Braz de; MARQUES, Manuel Silvério(ed.). **Arte médica e imagem do corpo: de Hipócrates ao final do século XVIII**. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal. 2010, p.97 – 122.
- ABREU, Jean Luiz Neves. Ilustração, experimentalismo e mecanicismo: aspectos das transformações do saber médico em Portugal no século XVIII. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, jul-dez., pp. 80-104, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Nos domínios do corpo: o saber medico luso-brasileiro no século XVIII**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.
- \_\_\_\_\_. **O corpo, a doença e a saúde: o saber médico luso-brasileiro no século XVIII**. Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- \_\_\_\_\_. Os estudos anatômicos e cirúrgicos na medicina portuguesa do século XVIII. **Revista da SBHC**, Rio de Janeiro, v.5, n.2, jul-dez, pp. 149-172, 2007.
- ACKERKNECHT, Erwin H. “Anticontagionism between 1821 and 1867”, *Bulletin of the History of Medicine*, 1948, 22:562-593.
- \_\_\_\_\_. *Medicine at the Paris Hospital (1794-1848)*. Baltimore: Johns Hophins Press, 1967.
- ANTUNES, José Leopoldo Ferreira. **Medicina, leis e moral: pensamento médico e comportamento no Brasil**. São Paulo: UNESP, 1999.
- ARAÚJO, Ana Cristina. Ilustração, pedagogia e ciência em Antônio Nunes Ribeiro Sanches. *Revista de História e teoria das idéias*. **Revoltas e revolução**. Coimbra. Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, v. 6, p. 377-395, 1984.
- \_\_\_\_\_. Medicina e utopia em Ribeiro Sanches. **Ars Interpretandi —Diálogo e tempo**, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 2000, p. 35-85.
- ARISTÓTELES. **De Anima**. São Paulo: Editora 34, 2006.
- AZEVEDO, J. Lúcio de. **O Marquês de Pombal e a sua época**. Lisboa; Clássica Editora; 1990.
- BELLINI, Lígia. Imagens do corpo e saber médico em Portugal no século XVI. **Tempo**, n.19, PP. 27-42.

- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das letras, 1986.
- BERRIOS, G.E. “*Aesthenia*” by A. Dechambre (1865). **History of Psychiatry**, vol.4, n.19, p. 490-501, 2008.
- BLUTEAU, Raphael. **Vocabulário Portuguez e Latino**. Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva, 1712-1728.
- BROWN, Theodore. From mechanism to vitalism in eighteenth century English physiology. **Journal of the History of Biology**, v.7, n.2, p. 179-216, 1974.
- CAIRUS, Henrique; RIBEIRO JUNIOR, Wilson. **Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.
- CALAFATE, Pedro. **A ideia de natureza no século XVIII em Portugal (1740-1800)**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1994.
- \_\_\_\_\_. A religião natural no século XVIII em Portugal. In. **Metamorfoses da palavra: estudos sobre o pensamento português e brasileiro**. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1998. p. 197-216.
- \_\_\_\_\_. O iluminismo em Portugal. In. **Metamorfoses da palavra: estudos sobre o pensamento português e brasileiro**. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1998. p. 141-147.
- \_\_\_\_\_. Ecletismo e metodologia na ilustração portuguesa. In. **Metamorfoses da palavra: estudos sobre o pensamento português e brasileiro**. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1998. p. 217-225.
- CAMENIETZKI, Carlos Ziller. O cometa, o pregador e o cientista: Antonio Vieira e Valentin Stansel observam o céu da Bahia no século XVII. **Revista da SBHC.**, n.14., p.37-52., 1995.
- CARNEIRO, Ana; SIMÕES, Ana; DIOGO, Maria Paula. Enlightenment science in Portugal: the estrangeirados and their communication networks. **Social Studies of Science.**, v.30., n.4., p.591-619, ago. 2000.
- CAROLINO, Luís Miguel. **A escrita celeste: almanaques astrológicos em Portugal nos séculos XVII & XVIII**. Rio de Janeiro: Access, 2002.
- CARVALHO, Flávio Rey de. **Um iluminismo português? A reforma da universidade de Coimbra (1772)**. São Paulo: Annablume, 2008.
- CASTRO, Zilia Osório. O Estado e a Igreja: o pensamento de António Nunes Ribeiro Sanches. In: **Estudos em Homenagem a Luís Antônio Oliveira Ramos**. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, p. 399-406.

- CATALOGUE des livres de feu de M. Ant. Nuñez Ribeiro Sanchès. Paris: Chez de Bure, 1783.
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Cia. das letras, 1996.
- COELHO, Edmundo Campos - **As Profissões Imperiais**. Rio de Janeiro: Record, 1999
- COOK, Harold. Boerhaave and the flight from Reason in medicine. **Bulletin of History of Medicine**, n.74, pp. 221-240, 2000.
- COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. 5.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004.
- CUNHA, Fanny Andrée Font Xavier da. Antonio Nunes Ribeiro Sanches. Médico higienista (1699-1783). In.: **Cadernos de Cultura: Medicina na Beira Interior - da pré-história ao séc. XIX**. v.1, n.1 , pp. 19-27, 1989.
- DACOME, Lucia. “To what purpose does it think?” dreams, sick bodies and confused minds in the Age of Reason . **History of Psychiatry**, v.4, n.15, p. 395-416, 2004.
- DASTON, Lorraine. I. The morality of natural orders: the power of Medea. II. Nature’s customs versus nature’s laws. Harvard University. Nov. 2002. Disponível em [http://www.tannerlectures.utah.edu/lectures/documents/volume24/daston\\_2002.pdf](http://www.tannerlectures.utah.edu/lectures/documents/volume24/daston_2002.pdf). Acessado em 19 de setembro de 2010.
- DESCARTES, René. **As paixões da alma**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- DIAS, José Pedro Souza. Jacob de Castro Sarmiento e a conversão à ciência moderna. In: **Primeiro Encontro de História das Ciências Naturais e da Saúde**. Lisboa: Centro de Estudos de História das Ciências Naturais e da Saúde (Instituto de Investigação Científica Bento da Rocha Cabral) e Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa, p. 55-80.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Aspectos da Ilustração no Brasil In: **A Interiorização da Metrópole e outros estudos**. São Paulo: Alameda, 2005.
- DOMINGUES, Francisco Contente. **Ilustração e Catolicismo: Teodoro de Almeida**. Lisboa: Colibri, 1994.
- DORIA, José Luis. Antonio Ribeiro Sanches. A Portuguese doctor in 18th century Europe. **Versalius.**, v.7, n.1, pp. 27-35, 2001.
- DOSSE, François. **História e ciências sociais**. São Paulo: Edusc, 2004.
- \_\_\_\_\_. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Edusp, 2009.

- DUCHESNEAU, François. Le principe de finalité et la science leibnizienne. **Revue Philosophique de Louvain.**, v.94., n.3., p.387-414., 1996.
- DULAC, Georges. Science et politique: les réseaux du Dr. António Ribeiro Sanches (1699-1783). **Cahiers de monde russe.**, v.43., n.2-3., p.251-274., 2002.
- ÉCLETISME. In. : **Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers.** Tome cinq. 1995.
- EDLER, Flavio Coelho. A Medicina Brasileira no Século XIX: Um Balanço Historiográfico, **Asclepio** (vol.2), Madri, 1998, p.169-86.
- \_\_\_\_\_; FONSECA, Maria; FERREIRA, Luiz Otávio. A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no século XIX. In.: **Espaços da ciência no Brasil (1800-1930).** Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2001. p. 59-80.
- \_\_\_\_\_. *As Reformas do Ensino Médico e a Profissionalização da Medicina na Corte do Rio de Janeiro 1854-1884.* Tese de mestrado, FFLCH-USP, Departamento de Pós-graduação em História, São Paulo, 1992.
- \_\_\_\_\_. *A constituição da Medicina Tropical no Brasil oitocentista: da Climatologia à Parasitologia Médica.* Tese de Doutorado em Saúde Coletiva, IMS-UERJ, Rio de Janeiro, 1999.
- FALCON, José Francisco Calazans. **A época pombalina (Política econômica e reformismo ilustrado).** São Paulo: Ática, 1982
- FERES JÚNIOR, João. De Cambridge para o mundo, historicamente: revendo a contribuição metodológica de Quentin Skinner. **Revista de Ciências Sociais.**, v.48., n.03., p. 655-680., 2005.
- FERREIRA, Luiz Otávio. Ciência médica e medicina popular nas páginas dos periódicos científicos (1830-1840). In.: CHALHOUB, Sidney et al. (org.) **Artes e ofícios de curar no Brasil.** São Paulo: Unicamp, 2003. p. 101-123.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Organização e tradução: Roberto Machado. 23.ed. São Paulo: Graal, 2004.
- \_\_\_\_\_. *O nascimento da Clínica,* Rio de Janeiro: Forense, 2004.
- FURTADO, Júnia Ferreira. A Medicina na época moderna. In.: STARLING, Heloisa Maria Murgel; GERMANO, Lígia Beatriz de Paula; MARQUES, Rita de Cássia (org). **Medicina: história em exame.** Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 21-82.
- \_\_\_\_\_. A Medicina no império marítimo português. In.: STARLING, Heloisa Maria Murgel; GERMANO, Lígia Beatriz de Paula; MARQUES, Rita de Cássia (org). **Medicina: história em exame.** Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 83-120.

- GOODEY, C. F. "Foolishness" in early modern medicine and the concept of Intellectual Disability. **Medical History**, n.48, pp. 289-310, 2004.
- GOODMAN, David. The scientific revolution in Spain and Portugal. In.: TEICH, Mikulás; PORTER, Roy. **The scientific revolution in national context**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997., p. 158-177.
- GOUVEIA, Antônio Camões. Estratégias de interiorização da disciplina In:MATTOSO, José (Dir.) **História de Portugal. O Antigo Regime (1620-1807)**.Lisboa: Editorial Estampa, 1992.
- HENRY, John. *A revolução científica e as origens da ciência moderna*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.
- HESPANHA, António Manuel; SILVA, Ana Cristina Nogueira. A identidade portuguesa In: MATTOSO, José (Dir.) **História de Portugal. O Antigo Regime (1620-1807)**.Lisboa: Editorial Estampa, 1992.
- HUERTAS, Rafael. *Between doctrine and clinical practice: nosography and semiology in the work of Jean-Etienne-Dominique Esquirol*. History of Psychiatry, vol.2, n.19, pp-123-140, 2008.
- JEWSON, N. D. The disappearance of the sick-man from medical cosmology (1770-1870). **International Journal of Epidemiology**., n.38, p. 622-633, 2009.
- KODAMA, Kaori. *Um discurso sobre ciência, religião e liberdade no Segundo Reinado: a alma e o cérebro, de Gonçalves de Magalhães*, **Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 3. n.2, p. 146-55, jul.-dez. 2005.
- KOYRÉ, Alexandre *Do mundo fechado ao universo infinito*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- LECOINTRE, Marisa Russo. Emoção e cognição: uma abordagem científica das emoções. **Filosofia e História da Biologia**., v.2., p.337-349., 2007.
- \_\_\_\_\_. Irritabilidade e sensibilidade: fisiologia e filosofia de Albrecht Von Haller. In.: MARTINS, R. A.; MARTINS, L. A. C. P.; SILVA, C.C.; FERREIRA, J. M. H. (eds.) **Filosofia e História da Ciência no Cone Sul: 3º encontro**: AFHIC, 2004. P. 310-319.
- LOPES, Fábio Henrique Lopes. **A Experiência do Suicídio: Discursos Médicos no Brasil, 1830-1900**. 2003. 223p. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas.

- LOURENÇO, Eduardo. Identidade e memória: o caso português. In.: LOURENÇO, Eduardo. **Nós e a Europa: ou as duas razões**. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1994., p.9-15.
- \_\_\_\_\_. Nós e a Europa: ressentimento e fascínio. In.: LOURENÇO, Eduardo. **Nós e a Europa: ou as duas razões**. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1994., p.25-37.
- \_\_\_\_\_. Portugal e a Europa: ou as duas razões. In.: LOURENÇO, Eduardo. **Nós e a Europa: ou as duas razões**. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1994., p. 143-155.
- MACHADO, Roberto et al. **Danação da Norma: medicina social e constituição da Psiquiatria no Brasil**, Rio de Janeiro, Graal,1978.
- MACIEL, Lizete Shizue Bomura; SHIGUNOV NETO, Alexandre. A educação brasileira no período pombalino: uma análise histórica das reformas pombalinas do ensino. **Educação e pesquisa**. São Paulo, v.32, n. 3, pp. 465-476, 2006
- MARCUS, George E. “Emotions in politics” in N. W. Polsby (Ed.) **Annual Review in Political Science.**, Palo Alto, v. 3, p. 221-50, 2000.
- MARQUES, Vera Regina Beltrão. **Natureza em boiões**. Campinas: Unicamp, 1999.
- MASSIMI, Marina. Alimentos, palavras e saúde (da alma e do corpo), em sermões de pregadores brasileiros do século XVII, **Hist. Cien. Saúde – Manguinhos**, v. 13, n2, p. 253-70, abr-jun. 2006.
- \_\_\_\_\_. As idéias psicológicas de Francisco Mello Franco, médico e iluminista brasileiro. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília, v.7, n.1, pp. 83-90., 1991
- MAZZOLINI, Renato. Les lumières de la raison : des systèmes médicaux à l’organologie naturaliste. In. : GRMEK, Mirko ; FANTINI, Bernardino. **Histoire de la pensée médicale en occident. V. 2. De la Renaissance aux Lumières**. Paris: Éditions du Seulo, 1996, p. 99-101.
- MAXWELL, Kenneth. **Marquês de Pombal: paradoxo do iluminismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- MIRANDA, Tiago dos Reis. “Estrangeirados”: a questão do isolacionismo português nos séculos XVII e XVIII. **Revista História.**, São Paulo., n.123-124., p.35-70., ago/jul. 1990-1991.

- MORAVIA, Sergio. From homme machine to homme sensible. Changing Eighteenth-Century models of man's image, **Journal of the history of ideas**, vol. 39, n.1, p. 45-60, jan-mar.1978.
- \_\_\_\_\_. The capture of the invisible. For a (pre)history of psychology in eighteenth-century France, **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, vol.19, pp. 370-378, out. 1983.
- NOVAIS, Fernando. *Portugal e Brasil na crise do antigo Sistema Colonial (1777-1808)*. São Paulo: Hucitec, 1982.
- OLIVEIRA, Eduardo Romero de. O estudo das ideias políticas luso-políticas no setecentos: condição atual e perspectivas metodológicas da historiografia brasileira. **História**. São Paulo, v.24, n.2, pp. 129-158, 2005
- OLIVEIRA, Ricardo de. A monarquia portuguesa e as metamorfoses do império na primeira metade do século XVIII. *Memória, História e Historiografia*. **Fronteiras**. Mato Grosso do Sul, v.11, n.20, pp. 95-122, 2009.
- PINA, Luís de. **Verney, Ribeiro Sanches e Diderot na história das universidades**. Porto: Centro de Estudos Humanísticos, 1955.
- PORTER, Roy; VIGARELLO, Georges. Corpo, saúde e doenças. In.: VIGARELLO, Georges; CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jaques (org.). **História do corpo** (vol.1). Rio de Janeiro: Vozes, 2008. pp. 441-486.
- \_\_\_\_\_. Le dix-huitième siècle. In.: PORTER, Roy; CONRAD, Lawrence; NEVE, Michael; et. al. **Histoire de la lutte contre la maladie**: la tradition médicale occidentale, de l'antiquité à la fin du siècle des lumières. Paris : Institut Synthélabo, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Madness: a brief history**. New York: Oxford University Press, 2002.
- REBOLLO, Regina. O legado hipocrático e sua fortuna no período greco-romano: de Cós a Glaleno., **Scientiae Studia**, São Paulo. v.4, n.1, pp.45-82, 2006.
- RENZI, Silvia de. Medical expertise, bodies, and the law in early modern courts. **Isis**, n.98., v.2., p.315-322., 2007.
- REY, Roseline. L'ame, le corps et le vivant. In. : GRMEK, Mirko ; FANTINI, Bernardino. **Histoire de la pensée médicale en occident. V. 2. De la Renaissance aux Lumières**. Paris: Éditions du Seulo, 1996., p. 117-55.
- \_\_\_\_\_. Hygiène et souci de soi dans la pensée médicale des Lumières. In.: **Communications**., n.56., p.25-39, 1993.

- \_\_\_\_\_. Psyche, soma and the vitalist philosophy of medicine. In.: John P. Wright & Paul Porter (Ed.) **Psyche and Soma: physicians and metephysicians on the mind-body problem from Antiquity to Enlightenment**. Oxford: Clarendon Press, 2000, p. 255-66.
- RIBEIRO, Márcia Moisés. **A ciência dos trópicos: a arte médica no Brasil do século XVIII**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Exorcistas e demônios**: demonologia e exorcismos no mundo luso-brasileiro. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- ROGER, Jaques. **Les sciences de la vie dans la pensée française au XVIIIe siècle**. Paris : Albin Michel, 1993.
- ROUSSEAU, Georges. (org.). **Languages of psyche: mind and body in enlightenment thought**. Los Angeles: University of California Press, 1990.
- \_\_\_\_\_. Para uma semiótica do nervo: a história social da linguagem em novo tom. In.: PORTER, Roy; BURKE, Peter (org). **Linguagem, indivíduo e sociedade**. São Paulo: Unesp, 1993. p. 287-364.
- ROWLAND, Robert. Cristãos-novos, marranos e judeus no espelho da Inquisição. **Topoi.**, v.11., n.20., p.172-188., jan-jun, 2010.
- SAMPAIO, Gabriela dos Reis. **Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro Imperial**. São Paulo: UNICAMP, 2001.
- SANCHES, Antonio Ribeiro. Affections de l'âme. In. : **Encyclopédie Méthodique**. Paris: Panckoucke, 1787., p.252-284.
- \_\_\_\_\_. **Apontamentos para estabelecer-se um tribunal e colégio de medicina**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Apontamentos para fundar-se uma Universidade Real**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Carta a Joaquim Pedro de Abreu**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Cartas sobre a educação da mocidade**. Nova edição revista e prefaciada pelo Dr. Maximiano Lemos. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1922.
- \_\_\_\_\_. **Christãos-novos e christãos-velhos em Portugal** (ed. Raul Rego). Porto, 1973.
- \_\_\_\_\_. **Cristaos novos e cristaos velhos em Portugal**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2003.

- \_\_\_\_\_. **Dificuldades que tem um reino velho para emendar-se e outros textos.** Victor de Sá (org.). Lisboa: Livros Horizonte, 1980.
- \_\_\_\_\_. **Dissertação sobre as paixões da alma. Introdução e notas de Faustino Cordeiro.** Penamacor: Câmara Municipal de Penamacor, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Dissertação sobre as paixões da Alma.** Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2003.
- \_\_\_\_\_. Mémoire sur les bains de vapeur en Russie, considérés pour la conservations de la santé et pour la guérison de plusieurs maladies (1779). In. : **Histoire de la société royale de médecine..., avec les mémoires de médecine et de physique médicale...tirés des registres de cette société.** Paris : imprimerie de Monsieur, 1782., p. 554-602.
- \_\_\_\_\_. **Método para aprender e estudar a Medicina.** Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Observations sur les maladies vénériennes.** Paris : Chez Théophile Barrois le jeune, 1785.
- \_\_\_\_\_. **Plano para a educação da Fidalguia.** Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Projecto de instruções para um professor de cirurgia.** Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Tratado da conservação da saúde dos povos.** Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Versurae physicae [morbosae], chemicae, physiologicae et historiae naturalis, anatomiae.** Gallica. 20/12 1736.
- \_\_\_\_\_. Verole Grosse. In. : **Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers.** Tome dix-septième, VENERIEN-Z. 1995.
- SANTOS, Zulmira. Vícios, virtudes e paixões: da novela como “catecismo” no século XVIII. **Península: revista de estudos ibéricos.**, n.3., p.187-199., 2006.
- SHAPIN, Steven. **A Revolução Científica.** Lisboa: DIFEL, 1999
- SKINNER, Quentin. Meaning and understanding in the history of ideas. **History and Theory.**, v.08., n.01., p.3-53., 1969.
- SILVA, Paulo José Carvalho da. A dor da alma nas reflexões sobre a vaidade de Matias Aires (1952). **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental.**, v.12, n.2, p.366-378., jun. 2009.

- \_\_\_\_\_. A psicopatologia entre a alma e os nervos: a *Medicina theologica (1784)* de Francisco de Melo Franco. **Filosofia e História da Biologia**, v.3, pp. 335-345, 2008.
- \_\_\_\_\_. A subversão das paixões na primeira modernidade: entre psicopatologia e sabedoria. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental.**, v.12, n.1, p.209-217, mar. 2009.
- \_\_\_\_\_. Dor, prazer e conservação da vida em regimes de vida modernos. **Filosofia e história da biologia**, v.1., p. 271-278., 2006.
- \_\_\_\_\_. O tratamento das paixões da alma nos primórdios da medicina moderna: o *De victum romanorum* de Alessandro Petronio. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental.**, v.1, n.1, p.64-75, 2006.
- SILVA, Ricardo. O contextualismo lingüístico na história do pensamento político: Quentin Skinner e o debate metodológico contemporâneo. **Revista de Ciências Sociais.**, v.53., n.24., pp-299-335, 2010.
- TAYLOR, D. W. “Discourses on the human physiology” by Alexander Monro *Primus* (1697-1767). **Medical History**, n. 32, pp. 65-81, 1988.
- VICQ D’AZYR, Félix. **Éloges historiques**. V.3. Paris: Duprat-Duverger, 1805., p.218-259.
- VILLALTA, Luiz Carlos. A educação na colônia e os jesuítas: discutindo alguns mitos. In.: PRADO, Maria Lígia Coelho; VIDAL, Diana Gonçalves. (org.). **À Margem dos 500 anos: reflexões irreverentes**. São Paulo: Edusp, 2002, p.171-184.
- \_\_\_\_\_. As imagens e o controle da difusão de ideias em Portugal no ocaso do Antigo Regime. **Blogue de História Lusófona.**, v.09., p.33-80., mar. 2011.
- \_\_\_\_\_. **Reformismo ilustrado, censura e práticas de leitura: usos do livro na América Portuguesa**. Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- WILLIAMS, Elizabeth A. **The physical and the moral: Anthropology, physiology, and philosophical medicine in France, 1750-1850**. Cambridge, Cambridge University Press, 1994.
- WOLF, Charles; TERADA, Motoichi. The animal economy as object and program in Montpellier vitalism. **Science in context.**, n. 21(4), p. 537-579, 2008
- WRIGHT, John. The embodied soul in seventeenth century french medicine. **CBMH**. v.8, pp.21-42, 1991.